



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



REINALDO PAULO ROHDT

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE TERENA:
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA, ALDEIA ALDEINHA
ANÁSTACIO MS.**

**ANASTÁCIO/MS
MARÇO/2024**

REINALDO PAULO ROHDT

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE TERENA:
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: DOCÊNCIA, ENSINO E INTERCULTURALIDADE

Orientador: Raimundo N.C de França

**ANASTÁCIO/MS
MARÇO/2024**

FICHA CATALOGRÁFICA

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

ROHDT, Reinaldo Paulo.

R737a A Escola como Espaço de Luta, Resistência e Identidade Terena:
Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva Não Há / Reinaldo
Paulo Rohdt – Barra do Bugres, 2024.
130 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em
Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena,
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso,
2024.

Orientador: Raimundo Nonato Cunha de França

1. Educação Escolar Indígena. 2. Povo Terena. 3. Identidade. 4.
Resistência. I. Reinaldo Paulo Rohdt. II. A Escola como Espaço de
Luta, Resistência e Identidade Terena: Escola Estadual Indígena
Guilhermina da Silva: Não Há.

CDU 376.7(=1-82)

REINALDO PAULO ROHDT

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE TERENA:
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 15 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. RAIMUNDO N. C DE FRANÇA (PPGECEI/UNEMAT)
Orientador

Prof. Dr. CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA (PPGECEI/UNEMAT)
Examinador Interno

Prof. Dr. VERA LÚCIA FERREIRA VARGAS (PPGCULT/UFMS)
Examinadora Externa

Dedicatória

Dedico este trabalho aos anciãos e lideranças da comunidade Terena da Aldeia Aldeinha, Anastácio-MS, aos professores e estudantes que lutaram para que a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva fosse construída. Vocês são exemplos de resistência, sabedoria e compromisso com a educação e a cultura indígena. Graças aos seus esforços e dedicação, hoje a comunidade da Aldeinha desfruta de uma escola que promove e valoriza a nossa identidade, a nossa língua e os conhecimentos tradicionais. Agradeço por nos ensinar a valorizar e defender os nossos direitos. Vocês são a nossa inspiração e o nosso orgulho. AINAPO YÁKOE!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que me apoiaram durante a realização desta dissertação. A Ituko'oviti (Deus), pela força e tranquilidade que me concedeu nos momentos mais difíceis desta jornada.

De forma incondicional à minha esposa Flavia, pelo amor, pela parceria de sempre, pelo incentivo e paciência, onde foi minha grande incentivadora, meu eterno amor e gratidão. Porque nos momentos em que achei que não daria conta, ela me fez acreditar que posso mais do que imagino.

À minha família, neste momento tão especial e significativo em minha vida, eu não poderia deixar de expressar minha imensa gratidão a cada um de vocês, que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse alcançar esta conquista tão importante.

À minha querida avó Felicina, que sempre orou fervorosamente por mim em cada etapa deste caminho, especialmente durante as idas a Mato Grosso para as etapas do meu mestrado. Suas palavras de fé e encorajamento foram um suporte fundamental que me acompanhou em todos os momentos.

Ao meu pai Arnaldo, que desde o início me incentivou e apoiou nos estudos, sempre acreditando no meu potencial e me encorajando a persistir, mesmo nos momentos mais desafiadores. Sua dedicação e confiança em mim foram pilares essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha mãe Dalleth (In memoriam), que embora não esteja fisicamente presente para testemunhar este momento tão especial, sei que está ao meu lado de alguma forma, envolvendo-me com seu amor e orgulho lá do céu. Sua presença em meu coração é eterna, e sei que ela está radiante com minha conquista.

Aos meus filhos, Cauan e Thyago, que foram minha inspiração diária para seguir em frente, mesmo nos dias mais difíceis. Seu amor incondicional e apoio constante foram combustíveis essenciais para minha jornada.

Aos meus irmãos, tias e tios, cujo apoio e incentivo sempre estiveram presentes, seja com palavras de ânimo, gestos de carinho ou simplesmente estando ao meu lado nos momentos importantes.

E, em especial, à minha querida sobrinha Samarah - Má - como à chamo carinhosamente, obrigado por ser minha colega de profissão e de mestrado, e que esteve comigo desde o início das etapas do mestrado, nas viagens, aventuras, nos momentos em que tínhamos que pegar o ônibus tarde da noite, das refeições que fazíamos nas paradas, seja em lanchonetes

ou até mesmo em um meio fio de postos de gasolina, todas estas dificuldades fizeram com que nos fortalecêssemos como família, amigos e concluíssemos mais uma etapa como mestrandos.

À tia Sandra, que me ajudou não apenas com as passagens, mas também sempre acreditou no meu potencial de alcançar o título de mestre. Sua generosidade e confiança foram fundamentais para que eu pudesse realizar esse sonho.

À minha comunidade Aldeinha, é com imensa gratidão a cada membro desta comunidade que tão generosamente me acolheu e apoiou ao longo de minha jornada. Cada um de vocês, com seu calor humano, sua sabedoria ancestral e seu espírito de comunhão, contribuiu de maneira inestimável e direta para a construção desta dissertação.

Ao meu orientador prof. Raimundo, suas orientações foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e profissional. Seu comprometimento, sabedoria e dedicação foram verdadeiramente inspiradores, guiando-me com maestria pelos desafios e complexidades da pesquisa. Sou imensamente grato pela oportunidade de aprender com um mentor tão excepcional como você.

Aos demais professores do PPGECEII - Adailton, Alceu, Nina, Lizanil, João Severino, Waldinéia e Claudia - minha mais sincera gratidão. Cada uma de suas aulas foram fontes úteis de conhecimento, reflexão e inspiração.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a cada um dos meus colegas de mestrado representado pelos povos Xavante, Kaiabi, Karajá, Umutina, Tapirapé, Yudja, Krixi, Ikpeng, Bakairi, Tikuna, Myky e Rikbaktsá, que trouxeram uma riqueza incomparável aos nossos diálogos, fico agradecido por compartilharem suas ricas culturas, sabedorias ancestrais e perspectivas durante nossos encontros. Nossas conversas, que muitas vezes se estendiam até altas horas da noite e adentravam as madrugadas, foram verdadeiras jornadas de descobertas e reflexões, para juntos enfrentarmos os desafios encontrados pelo nosso povo em contextos educacionais e políticos, buscando caminhos para promover uma maior inclusão, respeito e valorização de nossas culturas e tradições.

Aos professores Dra. Vera Lúcia Ferreira Vargas e Dr. Carlos Edinei de Oliveira agradeço a significativa colaboração como membros da banca examinadora desta dissertação. Suas discussões, apontamentos, direcionamentos e provocações foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho. Obrigado!

A todos vocês, minha mais profunda gratidão. Esta conquista não é apenas minha, mas de todos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

*Paulo Freire
Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.*

ROHDT, Reinaldo Paulo. **A Escola como espaço de luta: Resistência e Identidade**, -f. Texto de qualificação Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural 1 - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, - Orientador: Raimundo França. Barra do Bugres-MT, 2023.

YUTOITI

Enepora yutoiti koyuhoti koeku ihíkaxokuti Guilhermina da Silva, xoko ipuxovokuti koahati Aldeinha ya Anastácio-ke kayuhotimaka koxunakeovo kixoku vitukeovo kopenoti. Sete koe haxakexovoku koyuhoti ne ihíkaxovokuti huvo'oxea kotiuhea vitukeovo kopenoti. Koanemaka motoiyeova exea ukeaku Tereno'e motovati yutoxoopa uti ne kixoku vitukeovo. Motovati vitukea ra pesquisa hara vikoetukexo koahati autoetnografica, motovati noxea koeku huvoóxea ra ihíkaxokuti koahati Guilhermina da Silva kixoku kotiuhea ra itukeovo Tereno'e. Ya ipuxovokuti Aldeinha, Anastácio-ke, MS, Brasil ovo ra ihíkavoti yutoiti, apéhiko ihíkaxovotiko kopenoti, koane purutuye, ihíkaxoti, koituketihiko, pahukotihiko hinara huvo'oxo apeyea ra yutoiti. Yara ikoitukexo motovati apeyea resultaduna koahati entrevista, gravação itea enepone xane sikoa gravaxeovo yuhó, koane vivokoekea kixoku korku itukeovo kopenoti. Enepone pesquisador motova kyuhoyea kixoku itukeovo koane kixoku itukeovo ihíkaxoti. Heu koeti ne intrevista, gravação motovati apeyea ra yutoiti akomo exakanahiko vo'oku aneko koahati ética koeti. Itea opo enepora resultaduna motovatimo yuhoikehiko reu koetine pesquisadu-hiko.

Emouti: Kixoku ihíkaxea kopenoti, Terenoehiko, Kixoku vitukeovo, Kaxunakeovo uti.

ROHDT, Reinaldo Paulo. **A Escola como espaço de luta: Resistência e Identidade**, -f. Texto de qualificação Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural 1 - PPGECII da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, - Orientador: Raimundo França. Barra do Bugres-MT, 2023.

RESUMO

Essa dissertação investiga a relação entre a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, na Aldeia Aldeinha de Anastácio, e a resistência e identidade indígena. Composta por sete capítulos, tem como objetivo geral compreender a atuação da escola como espaço de resistência e valorização cultural. Além disso, tem entre um dos objetivos específicos analisar e reapropriar da criação do surgimento do Povo Terena para desenvolver um produto educacional que contribua para valorização da herança cultural Terena, por meio da escrita e desenhos ilustrativos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, especificamente a metodologia autoetnográfica, visando compreender o papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na promoção da resistência e identidade Terena. O estudo ocorreu na aldeia Aldeinha de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil, envolvendo alunos indígenas e não indígenas, professores, funcionários, líderes e pessoas relevantes na construção da escola. A coleta de dados inclui entrevistas semiestruturadas, gravadas com consentimento, e observação participante para compreender práticas interculturais. A metodologia autoetnográfica permite ao pesquisador incorporar sua própria experiência como indígena e professor Terena na análise. A análise dos dados é conduzida de forma indutiva e interpretativa, utilizando técnicas de análise de conteúdo para identificar temas e significados emergentes. O estudo segue princípios éticos, obtendo consentimento informado e garantindo privacidade. Ao final, os resultados serão compartilhados com a comunidade, proporcionando aos participantes o conhecimento dos achados da pesquisa.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Povo Terena. Identidade. Resistência.

ROHDT, Reinaldo Paulo. **The School as a space of struggle: Resistance and Identity**, -f. Qualification text Master's in Teaching in an Intercultural Indigenous Context I - PPGECEI from the State University of Mato Grosso - UNEMAT, - Advisor: Raimundo França. Barra do Bugres-MT, 2023.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationship between the Guilhermina da Silva Indigenous State School, in Aldeia Aldeinha de Anastácio, and indigenous resistance and identity. Composed of seven chapters, its general objective is to understand the role of the school as a space of resistance and cultural appreciation. Furthermore, one of the specific objectives is to analyze and reappropriate the creation of the emergence of the Terena People to develop an educational product that contributes to the appreciation of the Terena cultural heritage, through writing and illustrative drawings. The research adopts a qualitative approach, specifically the autoethnographic methodology, aiming to understand the role of the Guilhermina da Silva Indigenous State School in promoting Terena resistance and identity. The study took place in the village Aldeinha de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brazil, involving indigenous and non-indigenous students, teachers, staff, leaders and people relevant to the construction of the school. Data collection includes semi-structured interviews, recorded with consent, and participant observation to understand intercultural practices. The autoethnographic methodology allows the researcher to incorporate his own experience as an indigenous person and a Terena teacher into the analysis. Data analysis is conducted inductively and interpretively, using content analysis techniques to identify emerging themes and meanings. The study follows ethical principles, obtaining informed consent and ensuring privacy. At the end, the results will be shared with the community, providing participants with knowledge of the research findings.

Keywords: Indigenous School Education. Terena people. Identity. Resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reinaldo Paulo Rohdt

Figura 2: Minha avó Felicina Paulo

Figura 3: Josefina Souza Delgado (Zefa) e Gregório Delgado (Índio Néco)

Figura 4: Emilio Paulo (In memoriam)

Figura 5: Emilio Paulo (In Memoriam) e Felicina Silva Paulo (avós maternos)

Figura 6: Eucides (In Memoriam), neta e Jovino (In Memoriam)

Figura 7: Dalleth (In Memoriam) e Arnoldo

Figura 8: Delegação da equipe Aruak nos II Jogos Indígenas do MS

Figura 09: Campo de instrução – 9º BE Cmb

Figura 10: Casamento

Figura 11: Meus filhos

Figura 12: Primeiros Pibidianos da UFMS-CPAQ, 2013

Figura 13: Acadêmicos de História. Evento na UCDB, 2012

Figura 14: Atletas da escolinha de futebol da Aldeinha

Figura 15: Estudantes do 8º ano do ensino fundamental II

Figura 16: Segunda turma de mestrando PPGECCII - UNEMAT

Figura 17: Barracão da Assembleia de Deus, 1990.

Figura 18: Prédio onde funcionava as salas de aula na década de 2000.

Figura 19: Frente da escola depois da reforma, 2023

Figura 20: Anciã Felicina Paulo na Jornada Formativa -2023.

Figura 21: Estudantes fazendo cerâmicas.

Figura 22: Notícia do projeto em um jornal de Mariana-MG.

Figura 23: Oficina de História (Estudantes do 1º ano do ensino médio).

Figura 24: Estudantes na aula de Ciências.

Figura 25: Dona Dirce contando histórias para os estudantes do 2º ano do ensino fundamental

Figura 26: Entrevista com o cacique Vanderson, 2023.

Figura 27: Entrevista Evelin Hekeré, liderança feminina, 2023

Figura 28: Entrevista ancião Milton Campos, presidente do Conselho tribal, 2023

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro de professores

Quadro 2 – Quadro Corpo Técnico-Administrativo

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Carta imagem da Aldeia Aldeinha, Anastácio-MS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TI – Terra Indígena

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

PUMA – Patrulha Urbana Mirim de Anastácio

TFM – Treinamento Físico Militar

SITIPAN – Sindicato dos Trabalhadores da Prefeitura de Anastácio

UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

ANPUH – Associação Nacional dos Professores Universitários de História

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

PPGECII – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNIEDAS – União das Igrejas Evangélicas da América do Sul

PPP – Projeto Político Pedagógico

SED – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul.

AEE – Atendimento Educacional Especializado

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensina Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I.....	222
AUTOBIOGRAFIA COMENTADA: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA.....	222
1.1 A trajetória pessoal do pesquisador como indígena Terena.....	223
1.2 A história dos meus avós maternos.	233
1.3 A história dos meus avós paternos.....	26
1.4 História dos meus pais.....	278
1.5 Um pouco da minha infância e vida escolar.	289
1.6 Reflexões sobre minha adolescência e juventude.....	322
1.7 Reflexões sobre o início da minha vida adulta.	344
1.8 Minha trajetória acadêmica e como professor na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.....	37
CAPÍTULO II.....	Erro! Indicador não definido.
ESCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA: RESISTÊNCIA E IDENTIDADE	45
2.1 Características gerais da Aldeia Aldeinha.....	63
2.1.1 Organização social da Aldeia Aldeinha.	65
2.2 Escola Indígena Guilhermina da Silva – Histórico, criação, estrutura organizacional e administrativa.....	50
2.2.1 A estrutura organizacional e administrativa da escola.	69
2.2.2 As práticas pedagógicas adotadas pela escola na valorização da identidade indígena.....	59
2.3 Escola como espaço de luta: resistência e identidade.....	63
2.3.1 Escola Indígena e Interculturalidade.....	65
2.3.2 Valorização da identidade indígena na escola.....	67
2.4 O papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva - Aldeia Aldeinha.....	68
2.4.1 Envolvimento da comunidade na educação.....	69
CAPÍTULO III	71
A ESCOLA GUILHERMINA DA SILVA E A COMUNIDADE DA ALDEIA ALDEINHA 	71
3.1 Análise e discussão das entrevistas dos estudantes indígenas.....	45
3.2 Análise e discussão das entrevistas do estudantes não indígena.....	47
3.3 Análise e discussão das entrevistas dos professores.....	50
3.4 Análise e discussão das entrevistas dos pais.	53
3.5 Análise e discussão das entrevistas dos anciãos e lideranças.	59

3.6 Resultados das análises.	Erro! Indicador não definido.
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
FONTES E REFERÊNCIAS.....	96
Fontes orais.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
APÊNDICES	100
ANEXOS.....	108

INTRODUÇÃO

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano e social, sendo também um espaço essencial de construção de identidades culturais e de resistência. Nessa perspectiva, esta dissertação de mestrado tem como título "A escola como espaço de luta, resistência e identidade Terena: Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva" localizada na aldeia Aldeinha de Anastácio - MS.

O presente estudo tem sua origem em minha condição de indígena Terena e na percepção da cultura da escola no contexto da resistência e da manutenção da identidade indígena. Ao longo de minha trajetória como professor dessa instituição, pude presenciar práticas pedagógicas significativas que contemplam a valorização da cultura Terena e para a construção de um espaço que fomente a resistência frente às adversidades culturais e sociais.

Esta dissertação de mestrado por meio de uma abordagem qualitativa e etnográfica, busca entender o papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, como um espaço de luta, resistência e promoção da identidade indígena Terena. O estudo investigou vários aspectos da escola, incluindo sua história, organização, práticas pedagógicas, relação com a comunidade e a visão de líderes e pessoas envolvidas em sua construção.

O objetivo geral desta pesquisa é examinar o papel que a escola desempenha na promoção da resistência e na valorização da identidade Terena. O estudo buscou entender como essa instituição de ensino funciona como um espaço de luta e resistência diante das adversidades culturais e sociais. Além disso, foi analisada a contribuição da escola para a valorização da cultura e dos conhecimentos tradicionais da comunidade.

Já os objetivos específicos consistem em apresentar um breve panorama histórico da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, compreendendo os processos de sua construção e consolidação na aldeia Aldeinha de Anastácio.

Compreender a relação entre a escola e a comunidade Terena, identificando de que maneira a instituição busca envolver e engajar os membros da comunidade no processo educacional.

Analisar o papel desempenhado por lideranças na construção da escola, compreendendo suas perspectivas e contribuições para a promoção da resistência e identidade Terena.

Apresentar um produto pedagógico construído a partir de um plano de aula que materializa e reforça a ideia da afirmação identitária através da história do surgimento do Povo Terena por meio da narrativa cultural Orekajuvakái, que promove a compreensão aprofundada

da identidade e história do povo Terena, contribuindo assim para a promoção e valorização da herança cultural.

Ao concluir esta pesquisa, o objetivo não é apenas produzir conhecimento acadêmico, mas também contribuir ativamente para a valorização e promoção da cultura Terena, fornecendo um recurso educacional que pode ser aplicado em diversos contextos de aprendizagem. Através da realização desses objetivos, obteve-se uma compreensão do papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na promoção da resistência e identidade indígena, contribuindo para a valorização da cultura Terena e para a discussão sobre a importância da educação intercultural.

Esta pesquisa qualitativa busca entender o papel da escola na promoção da identidade Terena. A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas e observação participante, com análise indutiva e interpretativa dos dados para identificar temas emergentes. A pesquisa segue princípios éticos, incluindo o consentimento informado dos participantes. Os resultados serão compartilhados com a comunidade escolar no final do estudo.

No Capítulo I, intitulado "Autobiografia Comentada: Uma Descrição Etnográfica", compartilho minha trajetória pessoal como indígena Terena, desde infância até suas realizações como professor e pesquisador na comunidade. Essa abordagem mostra os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e os momentos mais relevantes para compreender a importância da escola como espaço de lutas e minha própria formação e identidade como Terena.

Neste capítulo destaco minha relação com a etnia Terena por meio da minha mãe. Onde discuto a relevância e experiência de vida fora da aldeia Aldeinha, que me levou a questionamentos sobre minha identidade e conexão com a cultura Terena. Reconhecendo meu papel como neto, filho, esposo, pai, estudante, professor e pesquisador, eu expresso gratidão pela minha jornada e destaco a importância do papel como educador na comunidade de origem.

O Capítulo II, intitulado "Escola como espaço de luta: resistência e identidade", apresenta as características gerais da aldeia Aldeinha de Anastácio e aborda a Escola Indígena Guilhermina da Silva, incluindo seu histórico, criação, estrutura organizacional e administrativa. A escola demonstra um compromisso com a valorização da identidade indígena por meio das práticas pedagógicas adotadas, que buscam integrar os conhecimentos tradicionais e a cultura Terena no processo educativo. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa envolveram a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com diversos membros da comunidade escolar e observação participante para compreender as práticas interculturais. A análise dos dados foi conduzida de forma indutiva e interpretativa, utilizando

técnicas de análise de conteúdo para identificar temas e significados emergentes. O tratamento ético foi assegurado por meio do consentimento informado dos participantes e garantia de privacidade, respeitando os princípios éticos da pesquisa. Esses aspectos metodológicos e organizacionais evidenciam o comprometimento da escola e dos pesquisadores com a promoção da identidade indígena e o respeito às comunidades envolvidas.

O Capítulo aborda a importância da escola como espaço de luta, resistência e identidade na educação escolar indígena. Neste contexto, as teorias de Pereira (2016), Dias (2023) e Falcão (2017) são fundamentais para a compreensão desses conceitos e sua aplicação na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Esses autores fornecem subsídios teóricos essenciais para a compreensão do papel da escola como agente de resistência e promoção da identidade indígena.

Dessa forma, esta dissertação visa contribuir para o debate sobre a importância da educação escolar indígena na promoção da identidade, resistência e valorização cultural dos povos originários, destacando a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva como um exemplo significativo desse processo de luta e afirmação.

O Capítulo III, intitulado "A escola Guilhermina da Silva e a comunidade da Aldeia Aldeinha", desempenha um papel fundamental na compreensão aprofundada dos dados coletados, abrangendo não apenas as entrevistas com os estudantes indígenas e não indígenas, mas também as análises das entrevistas dos professores, pais, lideranças e anciãos da comunidade. Através da análise das múltiplas perspectivas dos diferentes atores envolvidos no contexto da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, é possível obter uma visão abrangente e enriquecedora sobre a valorização da identidade cultural indígena, as práticas pedagógicas adotadas, os desafios enfrentados e as estratégias de resistência e empoderamento. A análise das entrevistas contribui para uma compreensão mais ampla das dinâmicas educacionais e culturais presentes na escola, permitindo uma reflexão crítica e a identificação de oportunidades de melhoria e fortalecimento das práticas interculturais

Nesta pesquisa, adotou-se uma metodologia etnográfica, que é uma forma de abordagem qualitativa de investigação. A abordagem qualitativa se caracteriza por valorizar os aspectos subjetivos, interpretativos e contextuais da realidade social, buscando compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Para isso, o pesquisador se envolve diretamente com os sujeitos da pesquisa, observando, interagindo e registrando os seus modos de vida, as suas práticas e as suas representações. O objetivo da etnografia é compreender os significados e as lógicas culturais que orientam as ações e as interações dos membros de um

determinado grupo social. O campo de estudo desta pesquisa foi a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, que atende alunos indígenas de diferentes etnias, conforme descrito nos tópicos anteriores.

Foram feitas entrevistas com estudantes indígenas e não indígenas do primeiro e segundo ano do ensino médio, e com pais, professores, coordenação, direção e anciãos e lideranças da comunidade. As entrevistas com os estudantes foram feitas em forma de questionários, com os pais, direção, coordenação e professores também na forma de questionários, já com os anciãos e lideranças a entrevista foi feita de forma oral.

A história oral permite conhecer as perspectivas, as emoções e as interpretações dos sujeitos históricos, que muitas vezes são ignorados ou silenciados pelas fontes escritas. A história oral também valoriza a diversidade e a pluralidade das experiências humanas, reconhecendo que a história é feita por todos e para todos Thompson (1998).

A grande importância da história oral na valorização da memória coletiva e na valorização da experiência humana. Através da história oral, as narrativas individuais se entrelaçam para formar uma tapeçaria rica e complexa que reflete a experiência coletiva de uma comunidade ou nação. Este método de pesquisa não apenas traz a memória viva, mas também ilumina a experiência humana que muitas vezes são perdidas em registros históricos tradicionais. Portanto, é essencial que continuemos a valorizar e a utilizar a história oral como uma ferramenta poderosa para a pesquisa histórica e a promoção da memória coletiva.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma abordagem temática, onde os dados foram categorizados em dois temas principais: “luta/resistência” e “fortalecimento da identidade”. Esses temas foram escolhidos com base em sua relevância para alcançar os objetivos traçados nesta pesquisa.

Cada entrevista foi analisada individualmente, com as falas dos entrevistados sendo cuidadosamente examinadas para identificar menções ou referências a esses temas. As falas foram então agrupadas de acordo com o tema ao qual se relacionam.

A análise temática nos permitiu dialogar com as falas dos entrevistados com os temas escolhidos. Isso significa que as falas dos entrevistados foram interpretadas à luz desses temas, proporcionando uma compreensão mais rica e contextualizada das experiências e percepções dos participantes.

É importante ressaltar que, embora a análise seja categorizada, cada uma das falas foi considerada em seu contexto específico. Isso é fundamental para garantir que a análise seja fiel às vozes dos participantes e ao contexto em que as falas foram produzidas.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos da pesquisa científica, respeitando a autonomia, privacidade e confidencialidade dos participantes. Foi obtido o consentimento informado de todos os envolvidos e assegurada a possibilidade de desistência a qualquer momento sem prejuízo.

Ao final da pesquisa, os resultados serão compartilhados com a comunidade da aldeia Aldeinha e com a escola. Esse processo de devolução permitirá que os participantes conheçam os achados da pesquisa e possam se apropriar das informações obtidas.

CAPÍTULO I

AUTOBIOGRAFIA COMENTADA: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA

“Sou as minhas atitudes, os meus sentimentos, as minhas ideias... O que realmente faz valer a pena estar vivo, não há filmadora ou máquina fotográfica que registre... Surpresas, gargalhadas, lágrimas, enfim, o que eu sinto, quem eu sou, você só vai perceber quando olhar nos meus olhos, ou melhor, além deles...”

(Clarice Lispector)

Eu sou Reinaldo Paulo Rohdt, Terena. Neto, filho, marido, pai e professor. Nesta autobiografia, vou compartilhar minha trajetória desde a infância até minhas realizações como professor e pesquisador na comunidade Aldeia Aldeinha de Anastácio-MS. Vou falar sobre os desafios que enfrentei, as conquistas que alcancei e os momentos que moldaram quem eu sou hoje.

1.1- A trajetória pessoal do pesquisador como indígena Terena.

Figura 1: Reinaldo Paulo Rohdt



Fonte: Vinicius Eduardo, 2023

Nasci no dia 15 de fevereiro de 1981, na cidade de Aquidauana em Mato Grosso do Sul, não nasci na aldeia. Meu pai se chama Arnoldo Rohdt, não indígena, é natural de Cachoeira do Sul – RS, e minha mãe Dalleth Silva Paulo (In Memoriam), da etnia Terena, natural de Aquidauana – MS. Sou o primeiro filho do segundo casamento dos meus pais, pois ambos

foram casados anteriormente. Quando eles se conheceram, meu pai já tinha a minha irmã Kátia e a minha mãe já tinha meus irmãos Alexsander e Harádia. Da união entre eles, nasceram eu e a Taciane, a caçula dos cinco irmãos.

Antes de começar a minha autobiografia, acredito que seja importante relatar, mesmo que de maneira breve, sobre aqueles que me antecederam: meus avós e meus pais, sobretudo enfatizando a vinda da família de minha mãe, pois minha avó materna veio ainda criança para a margem esquerda como era conhecida a cidade de Anastácio, e essa jornada, repleta de desafios e superações, foi fundamental para a formação da Aldeia Aldeinha. A chegada de meus avós maternos a Anastácio não foi apenas um evento isolado, mas um marco significativo que influenciou diretamente a constituição da comunidade local.

1.2 A história dos meus avós maternos.

Minha avó materna, Felicina Paulo, é uma matriarca extraordinária. Aos 94 anos, ela é a raiz forte de uma árvore genealógica vasta e florescente. Felicina é mãe de dez filhos: Dalleth, Dalila, Deusdedith, Dalva, Josias, Dóris, Emilio, Deise, Denisia e Ana Carina. Cada um deles, por sua vez, contribuiu para o crescimento da família, resultando em 26 netos, 46 bisnetos e 10 tataranetos. A história de minha avó Felicina é um testemunho do poder do amor, da resiliência e da família. Ela é, sem dúvida, o coração pulsante de nossa família.

Figura 2: Minha avó Felicina Paulo



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2021

Felicina Silva Paulo, minha avó, pertence à etnia Terena e é originária da Terra Indígena Buriti, situada no município de Dois Irmãos do Buriti. Em 1933, ela e seus pais, Gregório Delgado (conhecido como Índio Néco) e Josefa, juntamente com outras cinco pessoas, partiram em seis cavalos rumo à aldeia de Bananal, na Terra Indígena Taunay/Ipegue, em Aquidauana.

No entanto, durante a viagem, eles pararam para descansar na casa de Zé Coureiro, irmão de Gregório, que morava na margem esquerda de Aquidauana. Como fazia muito tempo que não se viam, Zé Coureiro pediu que eles prolongassem a visita ou até mesmo que ficassem morando com ele.

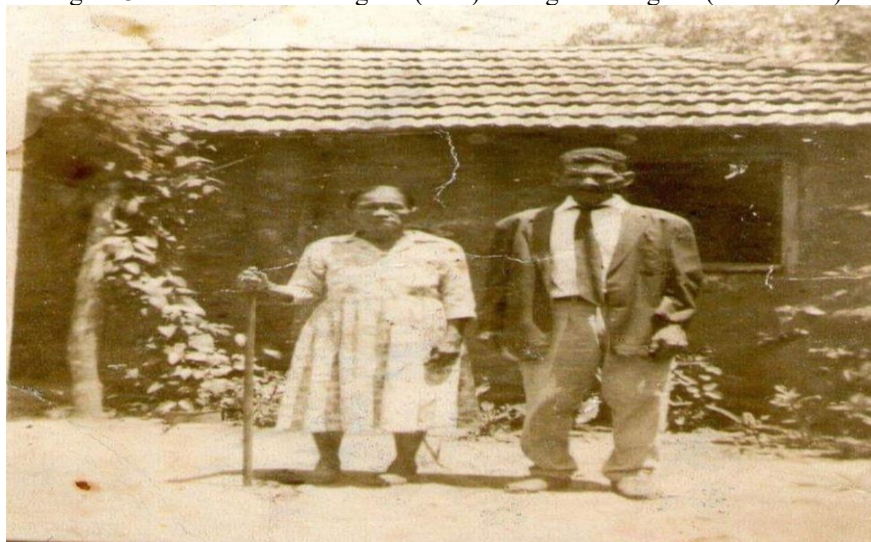
A decisão da família de deixar sua aldeia original foi impulsionada pela conversão ao protestantismo. Esta nova fé não foi bem recebida na comunidade, resultando em hostilidades. Sabendo que havia outros indígenas convertidos ao protestantismo na aldeia de Bananal, eles decidiram se mudar para lá. No entanto, a casa de Zé Coureiro, localizada no meio do caminho, tornou-se um ponto de parada e, eventualmente, um novo lar.

Foi nesse contexto que surgiu a ideia de se estabelecerem na margem esquerda de Aquidauana, como era conhecida a cidade de Anastácio. Zé Coureiro convenceu seus irmãos, Sebastião e Gregório, a comprar terras em Anastácio. Para isso, venderam seus cavalos e foram trabalhar na fazenda Lajeado, cortando lenha. Com o dinheiro arrecadado, conseguiram adquirir 33 hectares de terra, que foram divididos entre os três irmãos.

Minha avó relata que foi nesse momento que seu pai construiu um barraco de palha para servir como igreja. Isso atraiu mais pessoas para se estabelecerem na margem esquerda, com o objetivo de converter mais pessoas para o evangelho. Índio Néco, juntamente com seus irmãos, usou como estratégia a cedência de alguns pedaços de terra para algumas famílias morarem. A condição era que se convertessem ao evangelho e frequentassem a igreja. Assim, a fé e a determinação deles moldaram a comunidade que conhecemos hoje.

A imagem que se segue é um tesouro familiar. Ela retrata meus bisavós em frente à sua casa, um lugar que foi o cenário de inúmeras histórias e memórias.

Figura 3: Josefina Souza Delgado (Zefa) e Gregório Delgado (Índio Néco)



Fonte: Emilio Paulo Filho, 1964

Em minhas conversas quase diária com minha avó, onde ela sempre conta a com carinho a história de meu avô, Emílio Paulo (In Memoriam). Ele tinha apenas 14 anos quando seus pais se mudaram da Fazenda Conceição, onde trabalhavam. Quando ele e minha avó começaram a namorar, ela tinha 13 anos e ele, 17. Dessa união, nasceram dez filhos: sete mulheres e três homens.

Meu avô Emílio, de origem Kinikinau¹, era um homem de poucas palavras, mas de grande seriedade. Ele era o pilar da família, cuidando de todos como o principal provedor. Além disso, era um carpinteiro habilidoso, um verdadeiro mestre em seu ofício.

A foto de meu avô, que segue abaixo, traz à tona uma enxurrada de memórias. Desde a infância, eu o acompanhava em seus trabalhos, sempre após as aulas. Levava seu almoço e, muitas vezes, ficava para ajudar a recolher suas ferramentas. Ele sempre levava um pedaço de rapadura para o trabalho, e eu achava tudo aquilo muito divertido. Mal sabia eu que, na verdade, ele estava me ensinando sobre responsabilidades futuras.

Figura 4: Emilio Paulo (In memoriam)



Fonte: Emilio Paulo Filho, 1997

Essa foto tem um significado especial para mim. Ela encapsula todos os ensinamentos que meu avô pôde transmitir para mim. Mesmo sendo um homem de poucas palavras e diálogos escassos, seus ensinamentos estavam presentes em suas ações, olhares e gestos.

¹ Tratando-se deste povo temos como referência a pesquisadora e professora Dra. Iára Quelho de Castro que em sua tese faz um estudo minucioso desta etnia. A história do povo Kinikinau é marcada por desafios e lutas constantes pela afirmação e valorização de sua identidade étnica e territorialidade. Ao longo dos anos, eles têm enfrentado ameaças, violências e pressões externas que colocaram em risco sua cultura e modo de vida

A imagem a seguir retrata meus avós maternos, Felicina Paulo e Emílio Paulo, um casal que permaneceu unido até o último suspiro do meu avô. Com eles, aprendi importantes lições de vida e ainda aprendo muito com as histórias contadas pela minha avó, especialmente quando temos a chance de compartilhar momentos tranquilos, como durante nosso tradicional mate.

Figura 5: Emilio Paulo (In Memoriam) e Felicina Silva Paulo (avós maternos)



Fonte: Arquivo da família Paulo, 1997

A imagem dos meus avós maternos, revela-se a história de um casal que ergueu uma família numerosa com a fé em Deus como alicerce fundamental de sua união. Mesmo ao enfrentar os desafios da vida e celebrar suas alegrias, encontraram na sua devoção uma fonte constante de orientação e força. Enquanto minha avó continua a escrever sua história, seu legado resplandece como um testemunho vivo do poder do amor.

1.3 A história dos meus avós paternos.

A história dos meus avós paternos é marcada por um contato limitado, uma vez que residiam em outro estado. Eu só vi meu avô uma vez, e a lembrança não é das melhores, pois o encontrei acamado devido a doenças, conforme meu pai sempre o descrevia. Por outro lado, minha avó, carinhosamente chamada de "santa", é lembrada como uma senhora de estatura baixa, mas incansavelmente trabalhadora, mesmo em sua velhice. Ela dedicava-se aos afazeres domésticos, especialmente ao cuidado de suas plantas e à produção de doces caseiros. Essa imagem é o que permanece quando olho para esta foto.

Figura 6: Eucides (In Memoriam), neta e Jovino (In Memoriam)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 1986

De acordo com meu pai, meus avós paternos, Eucides Freitas Rohdt, filha de uruguaio, e Jovino Rohdt, descendente de alemães, vieram para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial em busca de refúgio. Minha primeira visita a eles foi em 1987, quando meu pai me levou a Cachoeira do Sul-RS para visitar meu avô, que estava muito doente. Passaram-se mais de 10 anos desde que meu pai os viu pela última vez. Foi uma oportunidade única para eu conhecer meus avós. A segunda visita ocorreu anos depois, quando apenas minha avó estava viva. Nessa ocasião, fui a Cachoeira do Sul com meus pais e irmãos.

Minhas memórias deles são vagas, mas sei que eram trabalhadores rurais que criaram seus onze filhos com o suor do trabalho no campo. Procuraram proporcionar uma boa educação e oportunidades de estudo para que seus filhos pudessem prosperar. Meu pai foi o primeiro a se formar em um curso técnico, tornando-se torneiro mecânico pelo SENAI em 1958.

1.4 História dos meus pais.

A foto que se segue retrata as duas pessoas mais importantes na minha vida: meus pais. Sou grato por tudo o que sou e pelo que me tornei graças a eles. Minha mãe, sempre sorridente, vaidosa, charmosa e bela, e meu pai, um homem de semblante sério, mas dono de um coração imenso e uma humanidade sem igual. Eles são meus espelhos, meus ídolos e meus heróis.

Figura 7: Dalleth (In Memoriam) e Arnoldo



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2004

A história de como meus pais se conheceram começa em 1976, na cidade de Jardim-MS. Meu pai, então divorciado de sua primeira esposa, vendeu uma máquina de fazer tijolos para um cliente cuja contabilidade era feita no escritório onde minha mãe trabalhava. Desde jovem, minha mãe sempre foi trabalhadora. Começou a trabalhar em um escritório em Aquidauana aos 15 anos e sempre contribuiu financeiramente para o cuidado de seus irmãos mais novos.

Quando meu pai viu minha mãe pela primeira vez, ficou encantado com sua beleza, segundo ele minha mãe era “uma mulher linda de cabelos longos e pretos como a noite”. Embora o contato inicial tenha sido breve e estritamente profissional, a imagem de minha mãe permaneceu na mente de meu pai. Dois anos depois, o destino os reuniu novamente em Aquidauana, quando meu pai vendeu outra máquina de tijolos. Minha mãe, agora divorciada e mãe de dois filhos, inicialmente recusava as caronas oferecidas por meu pai após o expediente. No entanto, com o tempo, ela cedeu.

Eles começaram a se conhecer melhor, a sair juntos e, eventualmente, se uniram. Um ano depois, eu nasci. E assim, essa é a história de como meus pais se conheceram.

1.5 Um pouco da minha infância e vida escolar.

Nasci em Aquidauana e, em 1985, nos mudamos para Porto Murtinho, uma cidade na fronteira com o Paraguai. Morei lá duas vezes: de 1985 a 1988 e por um breve período em 1996. Durante minha primeira estadia, passei muito tempo com meu pai, que trabalhava em uma cerâmica para um homem chamado Élcio Aiub, conhecido localmente como Pelico. Eu adorava

estar na cerâmica com ele, especialmente porque meu tio Nei, a esposa dele, tia Maria, e minhas duas primas também estavam lá. Estudei em uma escola de freiras, onde meninos e meninas eram separados. Lembro-me de competir com meus colegas para ver quem conseguia mais notas dez durante o ano - fiquei em segundo lugar.

Durante esse período, só via meus primos maternos nas férias, quando íamos para a casa da vó Felicina. Passávamos os dias brincando e as noites ouvindo histórias assustadoras contadas pelos mais velhos. A história do lobisomem era a mais arrepiante e sempre a mais solicitada. Quando chovia, aproveitávamos para tomar banho na bica d'água ou na enxurrada. São memórias preciosas de um tempo em que nossa única preocupação era estudar e tirar boas notas.

Em 1989, nos mudamos para Anastácio devido aos problemas cardíacos da minha mãe. Meu pai ficou em Murtinho por causa de seu contrato com o Sr. Pelico, mas nos visitava mensalmente. Depois, passamos a visitar Murtinho durante as férias. Quando me mudei para Anastácio, passei alguns dias das minhas férias com minha tia, que era professora na aldeia Argola, em Miranda. Lembro-me de noites ao redor da fogueira, assando batatas, milho e mandioca, e ouvindo os anciãos da aldeia falarem sobre as estrelas. Eles apontavam para o céu e diziam: “Está vendo ali? É uma ema. Aquelas ali são um lobo”. Nunca consegui ver o lobo, mas a ema eu vi.

Minha trajetória educacional em Anastácio começou na Escola Estadual Deputado Carlos Sousa Medeiros, onde estudei até 1991, cursando a segunda e terceira séries. Infelizmente, repeti o terceiro ano devido à minha falta de foco nos estudos e ao meu interesse em jogar bola em vez de frequentar as aulas. Minha mãe trabalhava muito e não tinha tempo para participar das reuniões escolares e, portanto, não estava ciente da minha situação. No entanto, guardo boas lembranças da professora Norma, que sempre foi muito atenciosa com nossa turma.

Em 1992, mudei de escola junto com meus primos para a Escola Estadual Teodoro Rondon². Nessa escola, estudei até a quinta série, ano em que, infelizmente, repeti novamente. Fiz muitos amigos no "Rondon", como chamamos carinhosamente a escola, e tive a oportunidade de aprender com excelentes professores como Arnaldo, Ruth, Luiz Carlos, Aldo, Elza, Dorvalino, e a rigorosa inspetora, dona Juraci.

Durante esse período, meu pai e meu tio Nei se mudaram de Porto Murtinho. Meu pai, trabalhava em uma tornearia, enquanto meu tio Nei vivia às margens do rio Miranda, em uma

² Hoje a Escola Teodoro Rondon é municipal.

área doada, onde cultivava plantações e pescava. Eu e meu pai frequentemente visitávamos meu tio, especialmente durante os finais de semana, feriados e férias. Adorava pescar, ajudar meu tio na roça e vender o pão caseiro, feito pela tia Maria, na vila com as minhas primas.

Para chegar à ponte do rio Miranda, eu e meu pai geralmente pegávamos carona, já que o ônibus não atendia aquela rota devido à má condição da estrada. O ônibus só ia até o km 21, onde a rodovia asfaltada ligava Anastácio a Nioaque. Do km 21 até a ponte, eram 32 km de estrada de terra.

Há uma história interessante que ocorreu quando meu tio morava em uma fazenda chamada Arizona, próxima à vila na ponte do rio Miranda, hoje conhecida como Águas do Miranda, localizada no município de Bonito. Em janeiro de 1994, após retornarmos do Rio Grande do Sul, meu pai decidiu visitar o tio Nei para compartilhar notícias da família.

Ao chegarmos no km 21 e pegarmos carona para a ponte, percebemos que o tempo estava fechando e uma chuva se aproximava. Quando chegamos à porteira da fazenda, ficou claro que seríamos pegos pela chuva, então decidimos esperar que ela passasse. Foi nesse momento que meu pai reiterou um conselho que sempre nos dava: nunca ficar perto de cercas de arame durante uma tempestade, nem se abrigar sob árvores grandes, pois elas atraem raios. Ele sempre enfatizava que, se alguém fosse atingido por um raio ou descarga elétrica, era importante garantir que a pessoa não engolissem a língua.

Ele sempre repetia esse conselho porque, quando morava em Cachoeira do Sul - RS, uma sobrinha dele faleceu devido a uma descarga elétrica causada por um raio. Antes de a chuva começar, meu pai decidiu que não iríamos até a casa dos meus tios, pois teríamos que passar por um corredor de cercas, o que seria perigoso durante uma tempestade. Assim, ficamos parados na entrada da fazenda, onde havia uma cobertura que nos protegia da chuva.

Na minha inocência infantil, subi no poste da porteira. Meu pai logo me repreendeu: "Desce daí, guri, não vê que é perigoso! Aqui cai bastante raio". Quando desci e encostei em um pilar de concreto, ouvi um estalo alto e meu ouvido começou a zumbir. Meu pai foi lançado para longe, caindo no meio da estrada.

Naquele momento, meu único pensamento era evitar que meu pai engolissem a língua, conforme ele sempre me instruiu. Enquanto a chuva caía sem parar, comecei a fazer massagem cardíaca nele e respiração boca a boca. Quando ele deu um suspiro profundo, senti um alívio imenso. Coloquei sua cabeça sobre a mala de roupas que estávamos levando e cobri seu rosto com o boné, em seguida corri para buscar ajuda.

A casa do meu tio ficava a 1km da entrada da fazenda. Foi o quilômetro mais longo da minha vida, pois parecia que a casa ficava cada vez mais distante quanto mais eu corria. Ao chegar, bati na porta desesperado. Minha prima abriu a porta e, ao me ver, exclamou alegremente: “É o Reinaldo, mãe”. A única coisa que consegui dizer foi: “O raio atingiu meu pai na porteira”. Meu tio saiu correndo para pegar o trator, a única condução disponível no momento, enquanto minha outra prima corria em direção à porteira para socorrer meu pai.

Fiquei na casa com minha outra prima. Quando vi meu tio colocando as mãos na cabeça ao chegar ao local, entrei em desespero, pensando que tinha perdido meu herói. Mas quando chegaram em casa, vi que meu pai estava vivo. Ele estava muito debilitado, com a boca torta e dificuldade para falar, mas me tranquilizou dizendo que estava bem. Notei que os pelos do seu corpo estavam todos queimados e que os pregos da botina tinham furado seus pés. Ele passou a noite na fazenda, enquanto meu tio foi até a vila para conseguir um carro e levá-lo ao hospital.

Só depois percebemos que uma faísca do raio havia atingido meu pai. O raio caiu no poste de aroeira em que eu tinha subido, uma árvore conhecida pela resistência do seu cerne. O poste, de 5 metros de altura e 50 cm de diâmetro, rachou até o chão. A descarga elétrica passou pelo corpo do meu pai, fazendo-o de condutor. Meu pai conseguiu uma carona para a cidade e ficou internado por uma semana. Os médicos disseram que foi um milagre ele ter sobrevivido.

Esta é uma das muitas experiências que vivi com meu pai durante as minhas férias, e uma em particular ocorreu na mesma fazenda. Estávamos trabalhando juntos, “lampinando”³ um poste para reparo da cerca da fazenda. Durante o processo, minhas mãos ficaram cobertas de bolhas de sangue. No entanto, meu pai me assegurou que aquilo não era um castigo. Em vez disso, era uma oportunidade para reflexão e um incentivo para buscar uma educação e uma profissão. Ele me disse: “A caneta é mais leve que este cabo de machado que você está manuseando. Estude, é nisso que você deve pensar”. Essas lições moldaram a pessoa que me tornei hoje. Guardo esses ensinamentos comigo, permitindo-me olhar para trás e reconhecer a sabedoria do meu pai.

Na minha infância, não tive contato com a comunidade de Aldeinha, à qual pertencço atualmente. Naquela época, a comunidade estava em processo de luta pelo reconhecimento como terra indígena. Eu morava nas terras que pertenciam à minha avó, terras essas que foram divididas entre os filhos do Índio Néco. Não tive a oportunidade de estudar na escola Umbelina Jorge, que oferecia ensino até a 4ª série e estava localizada dentro das terras do meu bisavô, pois não havia vagas disponíveis quando me mudei de Murtinho. Durante esse período, tive

³ Lampinar ou lampinando é uma forma de tirar a casca da madeira até chegar ao cerne.

pouco contato com as crianças que moravam em Aldeinha, um lugar muitas vezes referido como "Xurupita". Esse apelido, inspirado em um bairro humilde retratado nos quadrinhos do Zé Carioca, era usado devido às condições precárias de moradia e à falta de saneamento básico na área.

1.6 Reflexões sobre minha adolescência e juventude.

Durante minha adolescência, mudei de escola novamente, desta vez para a Escola Estadual Antônio Correa, localizada no município de Aquidauana, conhecida como uma escola modelo. Completei meus estudos do sexto ao oitavo ano lá, concluindo o ensino fundamental em 1997. Foi nessa escola que percebi que a educação era o caminho para uma vida melhor. No entanto, ainda nutria o sonho de infância de me tornar um jogador de futebol. Joguei em vários times da minha cidade e, aos 15 anos, comecei a participar dos campeonatos amadores da região. Comecei no time PUMA - Patrulha Urbana Mirim de Anastácio - depois passei para o Juventude de Taunay, um time composto principalmente por indígenas.

O time que mais me marcou foi a Sociedade Esportiva Vila Umbelina, um time que foi iniciado por um primo meu, já falecido. Tive a oportunidade de jogar e ser campeão amador, municipal e intervilas. Este time sempre foi formado por indígenas da nossa comunidade e de outras comunidades indígenas, como Buriti, Aldeia Tereré e Taunay/Ipêque.

Foi durante esse período que comecei a entender melhor as questões indígenas. Em 1996, participei do meu primeiro Jogos Indígenas do Mato Grosso do Sul em Dourados, onde tive contato com outras etnias. Continuei participando desses jogos até 1999, o que me permitiu ouvir as reivindicações de várias lideranças indígenas. Através desses jogos, eles tiveram a oportunidade de expressar as necessidades e desafios de seus povos.

A foto a seguir mostra a delegação dos Terena (Aruak), como eram chamados. Esta delegação era composta por 30 atletas, incluindo homens e mulheres, jovens e mais experientes.

Figura 8: Delegação da equipe Aruak nos II Jogos Indígenas do MS



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 1996

Em 1998, iniciei o ensino médio na Escola Estadual Roberto Scaff, em Anastácio, onde me formei em 2000. Foi também o ano em que me alistei para o exército. Durante esse período de adolescência e juventude, eu assumi responsabilidades domésticas, como limpar o quintal e lavar a louça, já que minha mãe trabalhava e minha irmã mais velha estudava em São Paulo. Para poder treinar, eu precisava deixar tudo limpo e organizado. Até a 5ª série, estudei no período da tarde, mas no Antônio Corrêa estudava pela manhã e no Scaff à noite.

Lembro-me de levar o almoço para meu avô, que era carpinteiro e frequentemente trabalhava longe de casa, às vezes em fazendas, chácaras e bairros distantes. Quando estudava de manhã, levava o almoço e ficava para ajudar meu avô no trabalho. Uma vez, enquanto levava o almoço para meu avô em uma fazenda com um primo, caímos e a comida se misturou com a terra. Mesmo assim, deixamos a comida lá e voltamos para casa antes que meu avô percebesse. No entanto, à noite, minha avó me repreendeu.

Houve muitas outras ocasiões em que levei o almoço para meu avô. Eu gostava disso, pois sempre comia antes de todos. Meus outros primos não gostavam de levar o almoço porque tinham que ajudar meu avô, mas essas experiências me permitiram aprender muito com ele. Foi também durante esse período que comecei a prestar mais atenção nas histórias da minha avó e a passar mais tempo com ela, já que morava ao lado de sua casa.

Já quando estudava à noite comecei a trabalhar de servente de pedreiro com meu tio, e de ajudante do meu avô, quando não estava com um estava com o outro trabalhando, mas sempre estudando à noite. Arrumei um serviço em uma marcenaria, trabalhei um ano, mas

sempre estudando no ano de 2000 me formei no ensino médio, prestei vestibular para Direito em Dourados e Turismo em Aquidauana, não passei em nenhum.

Nesse meio tempo conheci a Flavia que é minha esposa, começamos a namorar em 1999. A Flavia é filha de sul-mato-grossense com mineira, nasceu em São Paulo, seu pai já tinha morado em Anastácio quando criança, pois seus pais moravam na colônia Pulador, colônia formada por pernambucanos. No final de 1997, se mudaram para Anastácio, cheguei estudar com ela no ano de 1998, por um tempo a noite, mas não tínhamos nenhuma proximidade.

Somente em 1999 que nos conhecemos melhor e começamos a ficar⁴. O namoro mesmo começou a ficar sério no final de 1999, neste mesmo ano perdi meu avô, foi um baque na nossa família, pois tínhamos perdido o esteio da família Paulo. Terminamos o ensino médio no mesmo ano, em 2000, em turmas diferentes, porém com amigos em comum.

1.7 Reflexões sobre o início da minha vida adulta.

Em 2001, servi no quartel e me tornei noivo da minha esposa. No mesmo ano, ela ingressou na faculdade, mas decidiu não continuar os estudos. Esse ano foi particularmente desafiador para mim. Joguei um campeonato estadual Sub-20 logo após o período básico no quartel, machuquei o braço durante o Treinamento Físico Militar (TFM), rompi o ligamento cruzado no meio do ano e, para piorar, quebrei o fêmur jogando bola. Passei dois meses engessado e mais dois fazendo fisioterapia em Campo Grande no hospital militar.

Depois de me recuperar, participei de uma missão em uma base militar Betione⁵, na região de Miranda. Nosso batalhão, sendo de Engenharia, foi encarregado de montar uma passareira no Rio Miranda para que outros batalhões pudessem passar. Lembro que entramos na mata por volta das 17h e só paramos quando o dia estava começando a clarear. A trilha por onde nos locomovíamos era alagada e estreita, e tínhamos que ser silenciosos. Carregamos nossas mochilas pesadas e os materiais para montar a passareira.

Quando parávamos para descansar, era apenas por alguns minutos. Fiquei na parte que montava a passareira dentro da água, e foram três dias assim. Quando voltei da missão, peguei pneumonia e fui internado no hospital regional de Aquidauana por sete dias. Apesar de tudo, a época do quartel foi boa, fiz muitas amizades, com as quais mantenho contato até hoje.

⁴ Expressão muito utilizada quando não é um namoro de verdade

⁵ Campo Instrução de Betione - Comando Militar do Oeste.

Figura 09: Campo de instrução – 9º BE Cmb



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2001

No dia 31 de dezembro de 2001, dei baixa do serviço militar, pois não queria mais ficar, principalmente porque não abriria vaga para engajamento na minha companhia e, por isso, pedi para sair. Da minha turma, nove soldados se engajaram e uma vaga era minha, segundo o tenente, porque sempre fui um soldado voluntário para as missões dentro e fora do quartel, trabalhei na sargenteação⁶, sempre fui disciplinado, exceto por uma única vez em que fui punido por estar dormindo sem coturno, pois estava com o tornozelo machucado de um torneio de futebol que tinha participado.

Não me arrependo de ter deixado o serviço militar, pois logo encontrei trabalho em um supermercado. Em 2002, iniciei como empacotador por quatro meses e depois passei a trabalhar no açougue do mercado. Enquanto planejávamos marcar nosso casamento para o final de 2003, recebemos a notícia emocionante de que seríamos pais.

Na época, Flavia trabalhava como promotora de uma marca de café em outro supermercado. Juntos, fomos ao laboratório para ela fazer o teste de gravidez, pois o teste de farmácia havia dado positivo. Para garantir a certeza, o teste de sangue era essencial. No dia seguinte, durante nosso almoço, abrimos o envelope com o resultado positivo. Essa revelação despertou uma mistura de sentimentos em mim: alegria, preocupação, medo e muitos outros.

Primeiro, compartilhamos a notícia com a mãe da Flavia, dona Maria, que a recebeu com tranquilidade. Porém, ao contar para a minha mãe, ela ficou furiosa, achou que eu estava desrespeitando Flavia e até disse que não me considerava mais seu filho. Essa reação me abalou

⁶ Ato de sargentear, de exercer as funções de um sargento, especialmente nas atividades administrativas.

profundamente, e passei alguns dias na casa de Flavia até as coisas se acalmarem e eu poder voltar para casa.

Decidimos, então, antecipar o casamento para janeiro de 2003. No dia 4, casamo-nos no cartório em meio a uma chuva torrencial, e meu tio, pastor, conduziu a celebração religiosa durante o almoço. Os convidados eram poucos, principalmente nossos familiares e alguns colegas de trabalho. Apesar da simplicidade, o casamento foi alegre e repleto de risadas. Porém, a chuva persistente nos obrigou a mudar os planos da festa, que seria no quintal da casa da minha avó. Por sorte, meu tio conseguiu alugar o SITIPAN, um local de eventos do sindicato, de última hora. Minhas tias assumiram a organização enquanto estávamos no cartório. A festa foi um sucesso, e agradeço a Deus por tudo ter dado certo.

Figura 10: Casamento



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2003

Em maio do mesmo ano, nasceu nosso primeiro filho, Cauan, trazendo imensa alegria para nossas famílias. Lembro que no dia 1º de maio, feriado do trabalhador, Flavia começou a sentir as primeiras dores. Passamos a noite em claro, aguardando o amanhecer para que ela pudesse dar entrada no hospital. Cauan veio ao mundo no final da tarde do dia 2 de maio. Apesar de ser um menino pequenino, ao vê-lo, ele se agigantou em meu coração. Foi um turbilhão de emoções - ansiedade, alívio, e uma alegria indescritível. A chegada do Cauan marcou um novo capítulo em nossas vidas, enchendo nossos corações de amor.

Eu continuava trabalhando no supermercado como açougueiro, Flavia agora se dedicava também à maternidade. Morávamos na casa da minha sogra, pois ela residia em assentamento em Dois Irmãos do Buriti. Até os anos de 2005 eu e a Flavia só trabalhamos, fizemos alguns concursos para polícia militar, fomos aptos em todos, mas em alguns não entramos por conta

dos números que foram chamados, em outro deixei passar batido, porque não acompanhava o Diário Oficial, mas seguimos firmes em nossos serviços.

Em 2005, decidimos mudar de cidade e nos mudamos para Dourados, um lugar de grandes oportunidades, buscando uma reviravolta em nossas vidas. Foi nesse mesmo ano que descobrimos a segunda gravidez da Flavia. Ela estava passando por um processo seletivo em uma empresa e já tinha avançado por várias etapas. A exigência final era um exame médico, e foi assim que descobrimos a gravidez. Lembro-me de chegar do trabalho e encontrar Flavia chorando. Ela estava apreensiva, pois tínhamos nos mudado para trabalhar e estudar. Recebi a notícia da gravidez com a mesma alegria da primeira vez, um turbilhão de emoções.

No domingo, 9 de outubro, Thyago veio ao mundo para completar nossa família, fortalecendo ainda mais nossa união. Diferente do Cauan, Thyago chegou ao nosso mundo mais gordinho e era bem branquinho. Sua chegada marcou um novo capítulo em nossas vidas, trazendo ainda mais alegria e amor para nossa família.

Figura 11: Meus filhos



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2011

1.8 Minha trajetória acadêmica e como professor na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.

Observar o envolvimento da minha irmã mais nova que cursava psicologia e dos meus primos que estavam já dentro da Universidade cursando direito, educação física, ciências da computação, entre outros cursos, totalmente engajados nos estudos, despertou em mim o desejo em buscar uma oportunidade na universidade

Em 2006, prestei vestibular para dois cursos: Psicologia na Unigran e Biologia na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Fui aprovado primeiro na Unigran, onde fiz minha matrícula, mas ainda aguardava o resultado da UEMS. Na Unigran, os cursos são pagos, mas alguns estudantes indígenas recebem bolsas de estudo. Em troca, esses estudantes participam de programas de extensão voltados para suas comunidades.

Logo depois, recebi a notícia de que também fui aprovado em Biologia na UEMS, e então, ingressei na universidade. Durante o curso de Biologia, comecei a ter contato com outros estudantes indígenas. Isso despertou em mim uma preocupação que não havia experimentado na minha infância ou adolescência: a preocupação com as pessoas indígenas que, assim como eu, estavam vivendo uma nova experiência, deixando suas famílias e lares para estudar. Eu via e vivenciava as dificuldades de permanecer na universidade. Para chegar à universidade, que fica a cerca de 15 km de distância do centro da cidade, eu tinha que pegar ônibus.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) fornecia uma casa para os estudantes indígenas solteiros que vinham de outras reservas e cidades. Eu, por outro lado, como morava com minha esposa e filhos, pagava aluguel e residia apenas a duas quadras do ponto de ônibus. Recebíamos passes de ônibus suficientes para o mês, mas se usássemos mais do que o previsto, teríamos que repor com nosso próprio dinheiro, o que era uma tarefa quase impossível para muitos de nós. Essa experiência ressaltou a importância da educação e a determinação necessária para superar os desafios que enfrentávamos.

As dificuldades na universidade pareciam aumentar a cada dia, até que me deparei com o Projeto Rede de Saberes⁷. Este projeto mostrou-se essencial para a permanência dos estudantes indígenas na UEMS, em Dourados-MS. Foi por meio dessa rede que conseguimos aliviar algumas de nossas dificuldades. Como é comum entre os indígenas, tendemos a nos agrupar, e na minha turma não foi diferente. Nós, os Terena, nos identificamos e formamos nosso próprio grupo, fortalecendo nossa união e apoio mútuo.

Na UEMS, tive a oportunidade de participar de diversos eventos relacionados à temática indígena, nos quais pude conhecer as demandas e os desafios enfrentados por esse segmento da sociedade, reivindicávamos principalmente pelo acesso a uma bolsa universitária, por entendermos que muitos dos nossos patrícios⁸ desistiam da faculdade por não terem como se

⁷ O Programa “Rede de Saberes” é uma ação afirmativa realizada por quatro universidades do estado do Mato Grosso do Sul, no caso a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com finalidade de auxiliar na permanência dos acadêmicos indígenas na graduação.

⁸ Patrício é um termo muito utilizado pelos indígenas quando se refere a outros indígenas.

manterem financeiramente. Além disso, conciliei os estudos com o trabalho, o que me exigiu dedicação e disciplina. Essas experiências me sensibilizaram para as causas indígenas e me fizeram refletir sobre o que é melhor para nós, enquanto povos originários.

Fiz somente cinco semestres na UEMS, em 2008, interrompi meus estudos na UEMS após o falecimento da minha mãe, um momento muito difícil para mim e minha família. Acabei retornando à minha cidade natal para apoiar meu pai e me juntei com os meus sogros, em Dois Irmãos do Buriti, num acampamento do MST, onde vivíamos em condições precárias, sem água, luz ou conforto, mas sempre esperançosos em dias melhores.

Nesse período, Flavia foi aprovada no curso de Letras na UFMS de Aquidauana e decidimos nos mudar para a casa de minha mãe. Voltei a trabalhar no mercado onde já havia trabalhado antes e, em 2011, ingressei no curso de História na UFMS de Aquidauana, e dessa vez estava determinado a concluir o curso.

Iniciei o curso com um mês de atraso por causa da enchente que atingiu o Rio Aquidauana e impediu a travessia para a cidade. Nesse período, eu ainda trabalhava no mercado e tinha uma rotina bastante apertada. Não conseguia estudar direito, chegava cansado na faculdade, sem ânimo para aprender. Mas eu não queria perder essa oportunidade e me esforçava para acompanhar as aulas. Por causa do trabalho, também não pude participar de alguns eventos de história que aconteceram fora da cidade e do estado nesse mesmo ano. Apesar das dificuldades, concluí os dois primeiros semestres sem ficar devendo nenhuma disciplina. No entanto, eu sentia que não estava aprendendo como eu gostaria.

No terceiro semestre, eu continuei trabalhando no mesmo lugar, mas sempre tive o objetivo de ser o melhor no que faço, sem me comparar com ninguém. Foi então que, no quarto semestre, eu decidi sair do emprego e me dedicar melhor aos estudos. Confesso que foi uma decisão difícil. Primeiro, conversei com minha esposa sobre largar o trabalho e ela me apoiou, dizendo: “Sai! Fome não vamos passar”. Ela já trabalhava como professora no município e, apesar do salário não ser alto, era suficiente para as nossas despesas. Foi tudo o que eu precisava ouvir. Também consultei alguns professores do curso e todos me incentivaram na minha decisão. Eles ainda me orientaram a me inscrever em um programa que estava sendo lançado: o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), um programa que valoriza o magistério e o aprimoramento na formação de docentes para a educação básica.

Na foto abaixo encontram-se os primeiros bolsistas do programa do Pibid no I Encontro Estadual do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), que aconteceu na UFMS de Campo Grande/MS, em 2013. O tema desse primeiro encontro foi “O PIBID e a

formação de professores: modelos de formação e o papel do formador”, onde apresentamos nossas ações e projetos desenvolvidos enquanto bolsistas. Participar deste evento foi importante, onde trocamos experiências com outros bolsistas de várias outras universidades do MS.

Figura 12: Primeiros Pibidianos da UFMS-CPAQ



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2013

Como acadêmico participei de vários eventos internacionais, simpósios, seminários de história, pude aprender muito nesses eventos. Com isso só ia despertando cada vez mais o interesse em ajudar a comunidade em que eu estou inserido, aprendia sobre as lutas, movimentos de resistência, a convivência na academia nos permite expandir nosso conhecimento, a empatia por quem está na frente dos movimentos de resistência.

A imagem a seguir é de um encontro de história, foi o XI Encontro de História de Mato Grosso do Sul – ANPUH, na Universidade Católica Dom Bosco, em 2012, neste evento pude aprender mais sobre o ofício do historiador, pesquisador, e sobre a importância da docência e também ter contato com alguns autores que li nos primeiros semestres de faculdade, como por exemplo foi a Circe Maria Fernandes Bittencourt, na qual cito em minhas referências.

Figura 13: Acadêmicos de História/CPAQ/UFMS.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, UCDB, 2012.

No ano de 2013, quando estava no quinto semestre do curso, fui convidado pelo então cacique Enéias a fazer parte do quadro de professores da escola Guilhermina, para dar aula de história, fiquei um pouco receoso porque ainda não estava formado, mais uma vez conversei com alguns professores do curso de história, e de novo eles disseram que eu estava preparado, e que experiência adquirimos na prática, então aceitei o desafio de estar em sala de aula.

Comecei com poucas aulas, 6 h/a, sexto e sétimo ano, mas sempre estudando e participando do PIBID como bolsista, mas já era o bastante para quem estava começando a lecionar, foi um ano de muita experiência, aprendi muito em sala de aula. No ano seguinte permaneci no quadro de professores, com o bom desempenho em sala fiquei com todas as aulas de história do ensino fundamental II, do sexto ao nono ano. Participei de movimentos em Brasília em prol da educação básica, movimentos da educação escolar indígena, em 2015 enfrentamos uma greve na universidade federal, foram 151 dias de paralisação, me formei em 2016 porque o semestre de 2015 acabou em 2016, enfim formado.

No ano de 2013, ainda acadêmico, mas atuante e desenvolvendo alguns projetos juntamente com o programa do Pibid pude aprender e contribuir um pouco enquanto estudante. Neste mesmo ano, tive o privilégio de ingressar como professor de história na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Essa oportunidade de lecionar em uma escola indígena na qual estou inserido, trouxe comigo uma responsabilidade única e uma profunda vontade de aprender e colaborar com a comunidade. Como professor nessa escola, percebi que a educação transcende as paredes da sala de aula e vai além dos livros. Aprendi que, para contribuir de

forma significativa na formação desses jovens, era preciso entender suas realidades, suas vivências e suas aspirações. Assim, mergulhei de cabeça no aprendizado do povo indígena ao qual servia, pois somente através desse conhecimento poderia oferecer uma educação respeitosa e inclusiva.

Meu objetivo era claro: nutrir o orgulho e o amor pela história de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, apresentar uma visão ampla e diversificada do mundo. Com paixão e dedicação, busquei transmitir não apenas fatos históricos, mas também valores, tradições e saberes que, por vezes, eram invisibilizados nos currículos tradicionais.

Os desafios não foram poucos, mas a cada obstáculo superado, eu me sentia mais fortalecido e convencido de que estava no caminho certo. Os alunos, em sua genuinidade, me ensinaram tanto quanto eu ensinava a eles. Nossas trocas diárias criaram um ambiente acolhedor de aprendizado mútuo, em que os sorrisos e olhares brilhantes demonstravam que a educação estava gerando frutos e plantando sementes de transformação. Ao longo desse ano, vi como a escola se tornou um espaço de encontro, reflexão e celebração de identidade.

Minha presença ali como professor de história não se limitava a ministrar aulas, mas envolvia participar de cerimônias tradicionais, conhecer anciãos, entender as lutas e os anseios da comunidade. Cada passo nessa jornada solidificou meu propósito de ser um facilitador do conhecimento, mas, acima de tudo, um aliado na busca pela afirmação cultural e pelo respeito à diversidade.

Enquanto o ano avançava, sentia crescer dentro de mim a convicção de que a educação não era uma via de mão única, mas uma via de trocas infundáveis. Contribuir na desafiadora missão de manter e fortalecer a identidade indígena se tornou minha missão pessoal e profissional, e eu sou grato todos os dias pela oportunidade de fazer parte desse nobre caminho. O futuro reservava incertezas, mas eu estava certo de que, com dedicação e humildade, podemos seguir juntos, construindo pontes para um amanhã mais repleto de sonhos para os estudantes da comunidade de Aldeinha.

Enfrentamos uma luta neste mesmo ano, o único campo que a comunidade da aldeia tem, foi loteado por uma pessoa que se diz ter comprado a área em que está o campo. Fizemos uma manifestação enorme, nossos alunos todos foram para o campo protestar juntamente com a comunidade, desde as crianças até os anciãos, a imprensa foi convidada a estar no local para fazer uma reportagem⁹, fizemos vigília a noite toda, com fogueiras e cantorias. Um estudo

⁹ A reportagem pode ser assistida no link aqui disponível:
https://www.facebook.com/watch/?v=1690066414641640&extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&ref=sharing&mibextid=VhDh1V.

antropológico foi feito e constatou que ali foram enterrados alguns indígenas pelos nossos antepassados.

Pois este espaço que é campo, serve como área de lazer para a comunidade, onde acontecem jogos de futebol, cabo de guerra, algumas gincanas contendo algumas provas tradicionais e uma escolinha de futebol, para as crianças da aldeia e entorno.

Figura 14: Atletas da escolinha de futebol da Aldeinha



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, campo da Aldeinha, 2023.

Estou como professor na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, desde 2013 até os dias de hoje. Estou sempre contribuindo no que posso com a comunidade, auxiliando as lutas, reivindicações por melhorias, seja na educação ou saúde, e sempre procurando aprender cada vez mais para contribuir com a comunidade.

Figura 15: Estudantes do 8º ano do ensino fundamental II



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2020.

Como professor tenho várias fotos na qual eu posso olhar e dizer que estou fazendo o melhor de mim enquanto professor, várias ações desenvolvidas com estudantes, mas esta é uma das especiais, pois nela podemos observar nossos estudantes não indígenas, indígenas, com necessidades especiais, como docente procuro o máximo da inclusão entre os estudantes. Isso traz uma satisfação enorme em poder desenvolver estratégias em que possam incluir e não excluir os estudantes, seja quais as suas necessidades sendo física ou social.

Foram várias tentativas para entrar em um mestrado, fiz algumas seletivas para ingressar em um, e foi na UNEMAT que consegui ser aprovado e aqui estou como mestrando no PPGECH - Programa De Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional Em Ensino Em Contexto Indígena Intercultural – BBG. Portanto pretendo concluir este mestrado e seguir com um doutorado, este é o meu objetivo.

Figura 16: Segunda turma de mestrando PPGECH - UNEMAT



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, Barra do Bugres, 2023

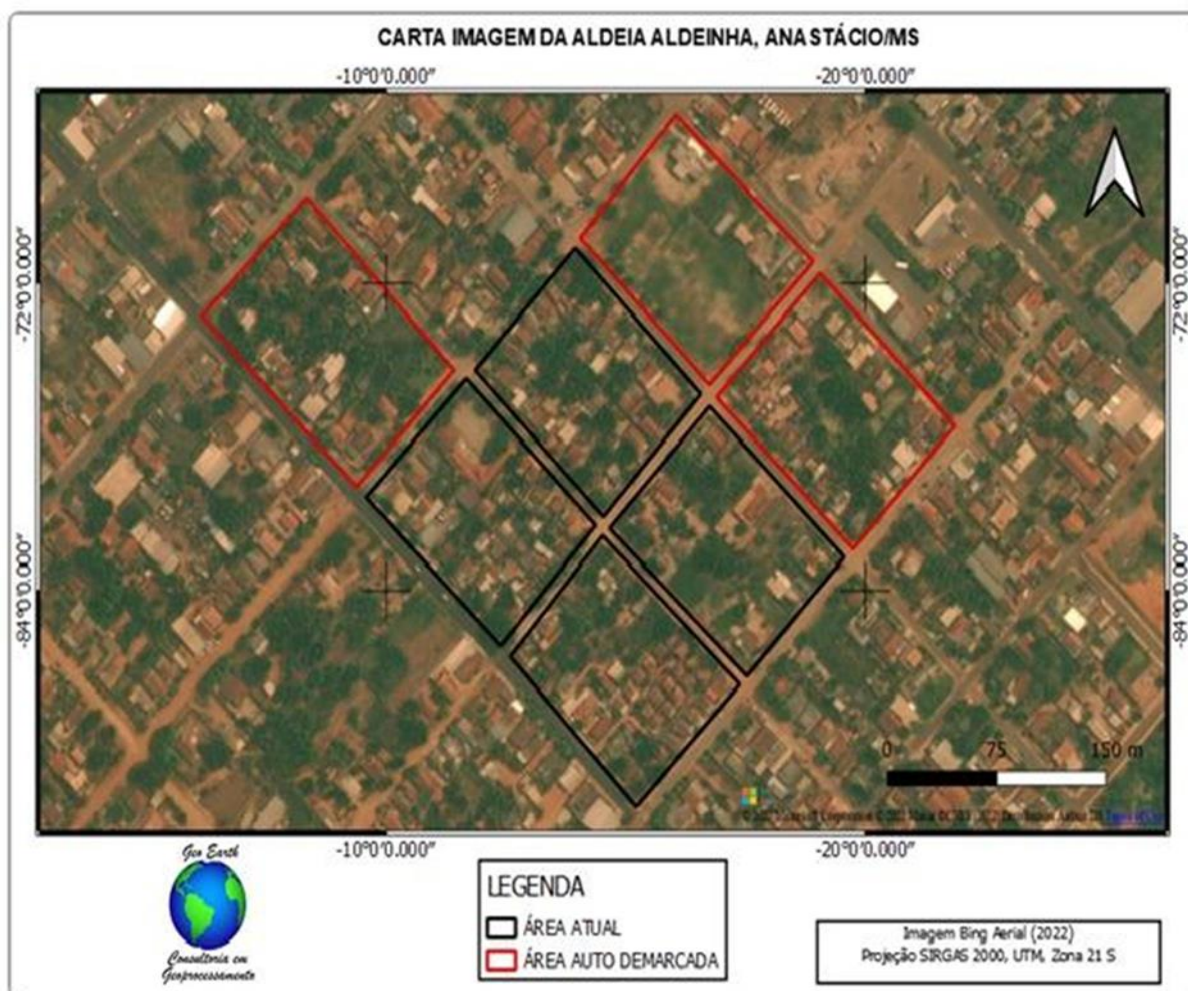
Finalizo este capítulo intitulado "Autobiografia Comentada" reconhecendo meu papel como neto, filho, esposo, pai, estudante, professor e pesquisador. Embora saiba que ainda estou na metade do caminho e que muitas outras funções poderei desempenhar, neste momento, expresso minha gratidão a Deus como um indígena Terena que veio ao mundo fora da aldeia Aldeinha e seguiu um trajeto distinto ao de muitos colegas, que migraram da aldeia para a cidade. Hoje, tenho ciência de que desempenho um papel fundamental como professor de História em minha comunidade de origem. Reconheço que minha experiência de vida fora da aldeia me proporcionou desafios e questionamentos sobre minha identidade e conexão com a cultura Terena.

CAPÍTULO II

ESCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA: RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

2.1 Características gerais da Aldeia Aldeinha de Anastácio.

Mapa – 1



Fonte: Gregório, 2022

De acordo com o Censo de 2022, a população indígena de Mato Grosso do Sul dobrou em 12 anos, passando de 77.025 indígenas em 2010 para 116.346 em 2022. Os Terenas são o maior grupo indígena do estado, vivendo em áreas indígenas como Aldeinha, Buriti, Dourados, Lalima, Limão Verde, Nioaque, Pilade Rebuá, Taunay/Ipegue, Água Limpa e Cachoeirinha. Os Terenas também estão presentes nos estados de Mato Grosso e São Paulo. Vamos investigar como os Terenas chegaram nessas regiões onde vivem atualmente. O povo Terena é um grupo indígena que habita principalmente o estado de Mato Grosso do Sul. Sua história está intimamente ligada à ocupação do território brasileiro pelos colonizadores europeus, que resultou na expropriação de suas terras, na violência e na exploração dos povos originários.

A aldeia Aldeinha de Anastácio é uma comunidade Terena localizada a 137,8 km da capital Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul. Segundo o Censo de 2022, o município registrou um total de 2719¹⁰ indígenas. Na aldeia, vivem cerca de 141 famílias e aproximadamente 650 habitantes, de acordo com o cálculo feito pela agente de saúde e pelas lideranças da comunidade. A aldeia possui características únicas que refletem sua cultura, tradições e modos de vida. A Aldeinha está situada dentro do perímetro urbano e foi formada por algumas famílias que vieram da região da Terra Indígena Buriti, no município de Dois Irmãos do Buriti-MS, na década de 1930, como mostra Roberto Cardoso:

Dentro da cidade de Aquidauana, em zona suburbana, vivem 39 famílias de índios Terena e mestiços, que constituem uma população de pouco menos de 250 indivíduos. Residentes a dois quilômetros da margem esquerda do rio Aquidauana, em terras por eles mesmos adquiridas, esses Terena são identificados como gente da Aldeinha. (OLIVEIRA, 1976, p.81).

O fato de terem adquirido suas terras mostra o esforço dos Terena para garantir sua presença e identidade em meio à urbanização que os cerca. O termo “gente da Aldeinha” reflete como os Terena se reconhecem e se definem nessa paisagem urbana, ressaltando sua ligação com suas raízes culturais mesmo em um contexto de mudança e diversidade. Esse cenário revela a complexidade da coexistência entre as comunidades indígenas e a crescente influência das cidades ao longo do tempo. Pires (2015) reforça essa ideia ao afirmar que a comunidade da Aldeinha foi formada por troncos familiares que vieram de outras aldeias Terena:

O Tronco líder da comunidade de Aldeinha foi a família Jorge Delgado da Silva, primeiro com Umbelina Jorge, que foi substituída pelo filho Neco. Interessante é que quando a aldeia Aldeinha se forma, os filhos de Neco se tornam seus primeiros capitães, o que configura a liderança da família Delgado da Silva. Posteriormente, a família de Pedro Jorge assume a liderança de aldeia Aldeinha, após afastar os de fora do Conselho Tribal. Depois seguem outros líderes moradores da aldeia. O movimento é dos agregados pedirem para habitar a aldeia, principalmente aqueles que continuam deixando as Reservas e que têm parentes na aldeia (PIRES, 2015, p. 74).

Segundo Rohdt (2016), a comunidade de Aldeinha foi fundada pelos indígenas que vieram da região do Buriti. Ele afirma que “[...]os que formaram a aldeia Aldeinha, através de novas famílias ou troncos e os que tinham algum tipo de parentela dentro da aldeia[...]”. Assim, podemos dizer que a Aldeinha tem uma ligação com os primeiros indígenas que chegaram aqui vindos do Buriti. A aldeia Aldeinha tem, atualmente, características de um bairro ou uma vila, como mostra Sandra Cristina em sua tese:

¹⁰ Tabela mostra o número de indígenas por municípios.

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9718#/n3/50/n6/in%20n3%2050/v/all/p/all/c1714/all/c2661/all/d/v4727%202,v100093%202,v1000350%202/l/p,c1714+v+c2661,t/cfg/cod,resultado>

Sempre que um visitante chega na Aldeinha, em Anastácio, ele pergunta: “Mas onde é mesmo a aldeia?” Isto ocorre devido ao reconhecimento oficial de apenas três hectares como sendo ocupado por membros da etnia Terena, quando na verdade o entorno da aldeia - cerca de cinco quarteirões em torno do território reconhecido pela FUNAI - são ocupados por membros da comunidade. (SOUZA, 2009, p. 26).

Souza (2009) observa a dinâmica peculiar da Aldeinha em Anastácio, que se assemelha mais a um bairro ou vila do que a uma aldeia tradicional. Os visitantes frequentemente perguntam onde fica a aldeia, pois há uma diferença entre o reconhecimento oficial de apenas três hectares ocupados pelos Terena e a realidade mais ampla que inclui os arredores da aldeia. A delimitação oficial contrasta com o território ocupado, que se estende por cerca de cinco quarteirões além do espaço reconhecido pela FUNAI. Esse cenário indica uma adaptação da comunidade Terena ao contexto urbano, onde a Aldeinha se integra à cidade de forma mais abrangente, parecendo mais um bairro ou vila do que uma aldeia isolada. Essa situação mostra a complexa interação entre a identidade cultural e a urbanização, desafiando as categorizações convencionais de comunidades indígenas e ressaltando a importância de considerar a natureza flexível e em constante evolução desses espaços.

2.1.1 Organização social da Aldeia Aldeinha

A Aldeia Aldeinha, no município de Anastácio-MS, é uma aldeia urbana que tem uma realidade diferente de uma aldeia tradicional. Ela está reduzida a quatro quarteirões e um campo de futebol, quase no centro da cidade. Ela tem um cacique e seu vice, um conselho tribal que o auxilia nas decisões sobre a comunidade, a escola, os professores e a saúde indígena. Ela tem uma associação que busca parcerias com órgãos públicos para melhorar as condições da comunidade. A organização social dessa comunidade tem características diferentes das outras aldeias.

Os Terena de Aldeinha não têm terras para cultivar suas lavouras nem local para extrair argila para fazer cerâmicas. A divisão de trabalho entre homens e mulheres também é diferente. Eles procuram empregos na cidade, na maioria das vezes informais, como descarregador de cargas, pintor, pedreiro, eletricista, carpinteiro, colhedor de maçã, cortador de cana, comerciante ou frigorífico. Elas trabalham como babás, cozinheiras ou domésticas. Mas isso está mudando, pois alguns estão conseguindo trabalhos assalariados. O que se parece com as outras aldeias são os modos de organização, como os troncos familiares, as redes de políticas e a religião, que se divide entre católicos e protestantes.

A religião e a espiritualidade são muito importantes para a comunidade Terena. Os rituais, as festas religiosas e as crenças ancestrais conectam os Terena com a natureza e com os antepassados.

Acreditavam que os espíritos dos mortos podiam voltar, então de tudo faziam para que não encontrassem o caminho de volta. Quando doentes, consultavam o médico-feiticeiro. Temiam o xamã porque este podia tanto curar como colocar a doença através da magia negra. O xamã participava na assistência às caçadas, pescarias e guerras, selecionava e treinava seus aprendizes, organizava festas, enfim, estava presente em todos os níveis de vida do povo Terena. (MOURA, p. 29, 2001).

A citação mostra como as crenças e práticas espirituais dos Terena são complexas e influenciam todos os aspectos da sua vida. Eles tinham uma visão espiritual da vida e da morte. Eles buscavam uma saúde integral, que envolvia o conhecimento medicinal e o poder sobrenatural. Eles reconheciam o papel ambíguo do xamã, que era central na sua sociedade. Assim, a citação mostra como o sagrado e o profano se integravam na cultura Terena. Os Terena se dividem entre católicos e protestantes.

Essa dualidade não é só religiosa, mas também cultural e social. Ela faz parte da identidade dos Terena, que gostam de expressar contrastes e dualidades em vários aspectos da vida. Essa dualidade não se limita a coisas como casamento ou política, mas se estende a outras áreas. Ela mostra que as crenças e perspectivas dos Terena são muito importantes para a forma como eles veem e fazem as coisas. Essa dualidade é um traço cultural que está presente em muitas dimensões da vida Terena, influenciando suas interações, práticas e visões de mundo. Moura (2001) escreve em sua dissertação:

Esta característica de dualidade da sociedade Terena aparentemente manifesta-se até na atualidade com as divisões religiosas destes em “católicos” e “crentes”. Parece ser uma necessidade cultural esse aspecto dualístico, nem que seja em outras manifestações 29 que não sejam, como tradicionalmente, no casamento ou nos níveis de representatividade sócio-político. (MOURA, ps. 29 e 30, 2001).

Na Aldeinha encontramos muitos “crentes”, evangélicos, essa aceitação de um novo crédulo entre os Terena pode se dizer que foi uma forma de estratégia do passado para uma melhor aceitação e inclusão numa sociedade não-indígena como mostra Moura 2001:

Mencionou-se nos itens anteriores que a UNIEDAS serviu para as lideranças indígenas crentes enquanto instrumento político-religioso de inclusão e ascensão social na sociedade nacional. Portanto o ato de conversão não traz implícita apenas a aceitação do novo credo religioso. Traz ao novo grupo de protestantes possibilidades de vantagens não conquistadas enquanto índios. Dentre elas, uma maior aceitação pela sociedade nacional. Então, para os Terena, o tornar-se crente significou criar uma nova identidade. Essa identidade foi concretizada como passaporte para um suposto convívio entre os não-índios. Para preservar esse novo passaporte, os convertidos adotavam algumas condutas consideradas de “crentes” - não beber, não fumar e nem participar de festas consideradas profanas. Esta conduta tem sido preservada, bem como a conversão até o momento em que facilitasse sua penetração no âmbito da sociedade envolvente, regional e brasileira ou, enquanto satisfizessem suas

necessidades políticas internas. Daí permanecerem convertidos. (MOURA, p. 64, 2001).

Essa dualidade religiosa entre “católicos” e “crentes” na sociedade Terena não se explica apenas por motivos espirituais ou individuais, mas por uma dimensão estratégica que orienta as escolhas culturais desse povo. A coexistência de segmentos religiosos distintos pode ter um papel importante na coesão social, na valorização da identidade cultural e na adaptação a diferentes contextos históricos e sociais. A persistência dessa dualidade ao longo do tempo indica que essa abordagem estratégica é parte da resiliência e da capacidade de adaptação da sociedade Terena diante das mudanças culturais. Portanto, a dualidade não é apenas um reflexo de necessidades espirituais individuais, mas uma ferramenta cultural e socialmente significativa, que molda a identidade e a dinâmica dessa comunidade.

Atualmente, observamos uma forma diferente de divisão de trabalho e de liderança entre os Terena. As organizações sociais vão se modificando ao longo do tempo, mas isso não significa que as formas mais antigas de organização estejam extintas. Alguns jovens se destacam em movimentos de luta, as mulheres se afirmam como grandes lideranças em suas comunidades, os professores assumem papéis de grande relevância nos campos da educação escolar indígena, da saúde, das políticas internas e externas da comunidade. Levi Marques¹¹ traz esse conceito de uma nova liderança entre os Terena.

Algumas lideranças do povo Terena não pertencem à classe dos Unati, mas se destacam pela sua identificação com a luta do seu povo. Elas mostram uma certa etiqueta e postura que as fazem ser reconhecidas e respeitadas na sua comunidade.

Também há um grupo de lideranças chamado conselho tribal, que é consultado pelo cacique antes de tomar alguma decisão na comunidade. O cacique é escolhido por votação. Há também a questão da cultura, que se manifesta em festividades, principalmente no mês de abril, no dia 19. As danças se dividem em dois grupos, os das mulheres e dos homens, e cada grupo é responsável por uma família. Os anciãos são respeitados pela sua trajetória de vida e experiência. Também há novas lideranças na aldeia, inclusive algumas mulheres que se candidatam ao cacicado. Portanto, a organização desta comunidade não segue um modelo tradicional.

¹¹ PEREIRA, Levi Marques Os Terena de Buriti: as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica. / Levi Marques Pereira. – Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009. Este conceito que o autor traz em seu trabalho e de que não precisa ser necessariamente uma liderança tradicional, para exercer o poste de chefia, mas um novo segmento de lideranças exercidas pelos mais novos em posição de destaque.

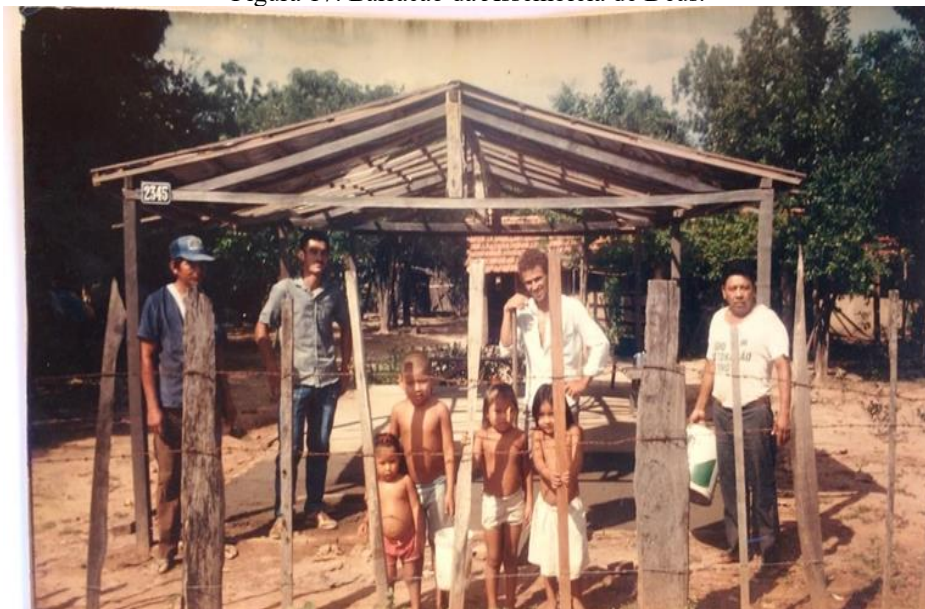
As comunidades indígenas muitas vezes enfrentam desafios relacionados aos direitos territoriais, questões fundiárias, valorização cultural e respeito aos seus costumes. A aldeia Aldeinha de Anastácio pode estar inserida em contextos nos quais o contato com uma sociedade não indígena pode trazer tanto desafios quanto oportunidades para a comunidade.

É importante destacar que as características de cada aldeia indígena podem variar, pois cada comunidade possui sua própria história, tradições e realidade específica. A aldeia Aldeinha de Anastácio é um exemplo de uma comunidade indígena Terena que contribui para a diversidade cultural brasileira e para a valorização das tradições e identidade do povo Terena.

2.2 Escola Indígena Guilhermina da Silva – Histórico, criação, estrutura organizacional e administrativa.

A Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na aldeia Aldeinha de Anastácio foi criada a partir do movimento de luta das lideranças da comunidade, que reivindicavam o direito de ter uma educação de qualidade e valorizar a sua cultura. Antes da construção da escola, algumas lideranças já discutiam a necessidade de ter uma escola na comunidade, como mostra o PPP da escola: *“Em 1991 o Sr Elias Nimbú, e suas lideranças, foram a Campo Grande, na FUNAI, para buscar materiais escolares, num caminhão de caçamba”* (PPP, 2022, p. 6). Em 1992, foi instalada a pré-escola, no barracão onde funcionava a Igreja Assembleia de Deus, na residência do Sr Daniel Jorge, com a presença do Sr José Godim Lins Neto – procurador educacional da FUNAI, da professora Ozaida de Oliveira e Lino Luis – Chefe de posto.

Figura 17: Barracão da Assembleia de Deus.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniel Jorge da Silva/foto (1990).

Logo após, o procurador educacional e professores comunicaram à prefeitura municipal sobre a abertura da pré-escola, exclusiva para as crianças indígenas. Mas as instalações eram inadequadas, poucas mesas, e bancos, e as crianças ficam ajoelhadas para escreverem em seus cadernos. Como podemos ver na foto acima. Este fato perdurou por dois anos, tendo como corpo docente os professores Ozaida de Oliveira Luiz e Valdir João, como merendeiras voluntárias, Ivanir Nimbú e Margarida Campos Martins. E após o Sr Valdir João assumir o Posto da FUNAI, assumiu Dóris Paulo como professora. Podemos observar as dificuldades no início em que começou a funcionar a escola dentro da comunidade na fala do sr. Daniel (In memoriam):

Aqui era bem difircio estudar, não tinha cadera, nem mesa, as crianças sentava no chão, chão batido, tinha aqueles banco bem grande de madeira, as criançada sentava no chão e colocava os caderno em cima dele pra pode escreve, o quadro era daquele que usava na igreja, improvisado, não tinha mesa pra criançada coloca os livro (Entrevista, Daniel Jorge da Silva, aldeia Aldeinha, 08/03/2016).

O Sr. Daniel Jorge da Silva 2016, conta como as crianças da aldeia Aldeinha enfrentavam dificuldades para estudar. Elas não tinham cadeiras e mesas e se sentavam no chão batido. Elas usavam bancos de madeira para apoiar os cadernos. Elas usavam um quadro improvisado, que talvez fosse da igreja. Isso mostra como a comunidade era adaptável e determinada em ensinar, mesmo sem recursos.

Essa imagem lembra o compromisso das pessoas em garantir a educação das futuras gerações, apesar dos desafios. Em 1993, com o apoio do delegado da FUNAI, o senhor Raimundo Nonato Rosa, a comunidade conseguiu a Escola Municipal "Ventura Jorge", em homenagem ao morador mais antigo da aldeia Aldeinha. A escola atendia os alunos da pré-escola e da 1ª série. Em 1994, por causa da demanda, a escola se mudou para a Igreja Luterana do Brasil, fora da aldeia. Em 1996, a escola se instalou nas salas da Igreja Evangélica Cristã – MISSÃO INDÍGENA UNIEDAS, onde ficou por dois anos.

Segundo o PPP 2022, em 1998, os alunos voltaram para a aldeia, onde a comunidade tinha construído duas salas de aula, na gestão do cacique Félix. As salas eram distribuídas assim: 1ª e 2ª séries no período da manhã, 3ª e 4ª séries no período da tarde, e Alfabetização para Jovens e Adultos no período da noite. Os professores eram cedidos pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Anastácio. Ainda em 1998, com a eleição do cacique Flávio Pereira Martins, a comunidade e a liderança finalizaram o projeto da escola. Nesse período, a escola passou a ser extensão da Escola Municipal Jardim Independência, que tinha a Prefeitura Municipal de Anastácio como parceira, no pagamento de água, luz, funcionários e materiais escolares.

Figura 18: Prédio onde funcionava as salas de aula na década de 2000.



Fonte: Arquivo pessoal Maira Campos, (2000).

Diante desse cenário, lideranças e membros da aldeia Aldeinha de Anastácio iniciaram movimentos de reivindicação por uma escola que atendesse às necessidades específicas da comunidade indígena Terena. A luta pelo direito à educação cultural apropriadamente foi ganhando força e visibilidade, tendo em articulações junto aos órgãos governamentais e instituições responsáveis pela educação escolar indígena.

Com a mobilização da comunidade, foi possível conquistar o apoio do poder público e dos órgãos responsáveis pela educação no estado do Mato Grosso do Sul. Assim, a criação da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva foi viabilizada, levando em consideração as especificidades culturais e linguísticas da aldeia Aldeinha de Anastácio.

A construção da escola ocorreu por meio de parcerias entre a comunidade, o governo estadual e outros atores envolvidos na causa indígena. A ideia era que a escola fosse um espaço adequado e respeitoso para o desenvolvimento educacional e cultural dos alunos indígenas, considerando suas tradições e valores. Em 2003 iniciou-se a construção da escola com estruturas de madeiras, onde não foi aprovada pela comunidade e vetada, pois não achavam que a durabilidade do material fosse aguentar por muitos anos, e foi então feita outra proposta de um projeto de construção da escola em alvenaria e encaminhada para a SED/MS Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul.

Então, em 2004, a construção da escola que atenderia às necessidades da comunidade naquele momento teve início. Em 2005, a escola foi legalmente estabelecida por meio de um decreto, conforme podemos observar em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). A ata de

criação da escola, que está anexada ao final desta dissertação, fornece mais detalhes sobre este processo.

A Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva foi criada pelo Decreto 11.780 de 17 de janeiro de 2005 - D.O. nº 6.409 de 18/01/2005 e credenciada pela Resolução - SED 2.810 de 27 de dezembro de 2013 - D.O. Nº 8.585 de 30/12/2013, e com autorização de funcionamento: Resolução/SED no 2.810 de 27 de dezembro de 2013 de 27/12/2013 D.O. Nº 8.585 de 30/12/2013. Assim, a escola foi inaugurada no dia 19 de abril de 2005. (Projeto Político Pedagógico de 2022).

A escola foi nomeada em homenagem a Guilhermina da Silva, uma líder indígena Terena que se destacou em sua atuação em prol dos direitos e do fortalecimento da identidade do povo Terena. O nome de Guilhermina da Silva simboliza a importância da liderança feminina na comunidade e a resistência indígena na luta por seus direitos.

Figura 19: Frente da escola depois da reforma.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2023.

2.2.1 A estrutura organizacional e administrativa da escola.

Segundo o PPP, a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva está localizada no início da Comunidade Indígena, da etnia Terena, na Aldeia Aldeinha. É uma escola de fácil acesso, tendo sido reformada em 2021. A Escola possui 07 (sete) salas de aula; 03 (três) banheiros, sendo 02 (dois) banheiros (masculino e feminino) e 01 (um) banheiro com acessibilidade, e destinados a toda comunidade escolar; secretaria com banheiro; sala da direção com banheiro; sala da coordenação; sala de professores; sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); cozinha com despensa; pátio e quadra de esportes coberta.

A estrutura organizacional e administrativa da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva é pensada de forma a promover a participação e envolvimento da comunidade indígena Terena em todas as decisões relacionadas ao funcionamento da instituição. A gestão da escola

é pautada por princípios de autonomia, descentralização e respeito à cultura e identidade dos alunos.

A escola adota uma gestão participativa, na qual a comunidade indígena Terena tem voz ativa nas decisões. Os líderes, anciãos e membros da comunidade são convidados a participar de reuniões, assembleias e conselhos escolares para discutir questões pedagógicas, administrativas e orçamentárias da instituição. Como podemos observar na foto abaixo:

Figura 20: Anciã Felicina Paulo na Jornada Formativa



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2023

Nesta foto representada pela anciã Felicina, retrata a participação de alguns anciãos durante as formações pedagógicas e continuadas durante o ano letivo, são colocadas suas experiências, conhecimentos tradicionais e a educação indígena por parte desses anciãos. Portanto a escola vem fazendo com que possamos fazer esta troca de experiência e ao mesmo tempo buscando promover uma valorização desses conhecimentos compartilhados pelos nossos anciãos.

O Conselho Escolar é uma instância importante na escola. Esse conselho tem como objetivo discutir e propor diretrizes para a atuação da escola, além de acompanhar o desenvolvimento das atividades e a aplicação de recursos.

A equipe escolar é formada por professores, funcionários e gestores. Muitos desses profissionais são originários da própria comunidade, o que contribui para o estabelecimento de uma relação de proximidade com os alunos e suas famílias. Essa equipe trabalha de forma colaborativa, buscando integrar conhecimentos formais e saberes tradicionais na prática educacional.

Podemos observar esta relação nominal de funcionários nos quadros abaixo, onde estão relacionados dentro de cada função que exerce na escola:

Quadro I

Relação Nominal do Corpo Docente

Nome Do Professor (A)	Povo Indígena/Etnia	Habilitação	Função/Turno	Modalidade EF/EM/EJA
Ana Carina Paulo Dos Santos	Indígena Terena	Licenciatura– Matemática	Professor Convocado-Noturno	EJA
Ana Carolina Pereira Ferreira	Indígena Terena	Licenciatura– Biologia	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EJA
Cacilda Lemes Da Silva	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Cleisdiane Campos Leite Delgado	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Daniela Pereira De Lima	Indígena Terena	Licenciatura– Matemática	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EJA
Denísia Paulo	Indígena Terena	Licenciatura– Letras	Professor Convocado- Matutino	EF/EM
Edson Campos Delgado	Indígena Terena	Licenciatura– Letras	Professor Convocado- Noturno	EM/EJA
Eliezer Cecé Gregório	Indígena Terena	Mestrado – Geografia	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EM/EJA
Emanuelly Jacques Leguizamon	Indígena Terena	Licenciatura– Matemática	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EM
Eva Francisco Neves Filha	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EM/EJA
Evelin Tatiane da Silva Pereira	Indígena Terena	Mestrado – Geografia	Professor Convocado- Matutino/Vespertino	EF/EM
Fernanda De Oliveira Lopes	Não Indígena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Matutino	EF
Francislaine Barbiere Chaves	Indígena Terena	Licenciatura- Letras/Inglês	Professor Convocado- Noturno	EM/EJA
Irani Batista Cancio	Não Indígena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EM/EJA
Jessé Joel Nimbú Corrêa	Indígena Terena	Pro-Lind Linguagens	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EM/EJA
Jéssica França Rodrigues De Oliveira	Indígena Terena	Licenciatura- Letras/ Inglês	Professor Convocado- Matutino	EF/EM

João Vitor Pereira	Indígena Terena	Licenciatura– Educação Física	Professor Convocado- Matutino/Vespertino	EF
José Machuca De Andrade	Indígena Terena	Normal Superior Indígena	Coordenador- Noturno	EJA
Juarez De Souza Martins	Não Indígena	Licenciatura– Educação Física	Professor Convocado- Noturno	EM/EJA
Katicilene Pereira Crispim	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Kelly Cristina Aquino	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Lívia Paulo Ortiz	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Lucivaldo Ferreira Delgado	Indígena Terena	Licenciatura– Educação Física	Professor Convocado- Matutino	EM
Maiara Ferreira Galindo Insfran	Indígena Terena	Licenciatura– Biologia	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EF/EM/EJA
Marinez Rodrigues Campos Leandro	Indígena Terena	Normal Superior Indígena	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EM/EJA
Miriam Campos Pereira	Indígena Terena	Licenciatura– Educação Física	Coordenadora- Vespertino	EF
Nilton Rodrigues Campos	Indígena Terena	Licenciatura– História	Professor Convocado- Matutino/Noturno	EM/EJA
Olinda Lemes Da Silva	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Plácida Fernandes	Indígena Terena	Licenciatura– Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Reinaldo Paulo Rohdt	Indígena Terena	Licenciatura– História	Professor Convocado- Vespertino/Noturno	EF/EM/EJA
Rebeca Rute Machuca De Andrade	Indígena Terena	Normal Superior Indígena	Professor Convocado- Matutino/Vespertino	EF/EM
Samarah Rohdt Soares	Indígena Terena	Licenciatura– Letras	Professor Convocado- Matutino	EF/EM

Solange Aquino Silva	Indígena Terena	Licenciatura - Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Talcemara Duarte Valério	Indígena Terena	Licenciatura - Pedagogia	Professor Convocado- Vespertino	EF
Tânia Mara Paulo Vallejo	Indígena Terena	Licenciatura- Educação Física	Professor Convocado- Matutino	EF/EM
Thiara Borlinques Paulo	Indígena Terena	Licenciatura- Pedagogia	Professor Convocado- Matutino	EM
Vanderson Silva de Freitas	Indígena Terena	Licenciatura- Educação Física	Professor Convocado- Matutino/Vespertino	EF/EM

Quadro - II

Relação Nominal do Corpo Técnico-Administrativo				
Nome	Indígena/Etni a	Cargo/Função	Escolaridade Curso	Habilitação
Almir Fernando Silva	Não Indígena	Agente De Merenda	Ensino Médio Completo	
Fernanda	Não Indígena	Assistente De Atividades Educacionais		
Francini Dos Santos Leguizamon França	Indígena Terena	Agente De Limpeza	Ensino Superior	Licenciatura Intercultural Indígena Povos Do Pantanal Habilitação Ciências Da Natureza E Educação
Janaina Velasco Braga De Miranda	Não Indígena	Agente De Limpeza	Ensino Superior	Pedagogia
Josefa Luzia Da Silva	Não Indígena	Diretora	Ensino Superior	Letras
Jucemara Dias Nimbú	Indígena Terena	Agente De Limpeza	Ensino Superior	Pedagogia

Liverson Pereira	Indígena Terena	Agente De Merenda	Ensino Fundamental	
Luciene Francisca Novaes	Indígena Terena	Agente De Limpeza	Ensino Médio Completo	
Luiz Miguel Cáceres Alves Em	Não Indígena	Assistente De Atividades Educacionais	Ensino Médio Completo	
Robson Hancio Medeiros	Não Indígena	Agente De Merenda	Ensino Superior	Licenciatura-Letras
Zilda Ferreira Da Silva Oliveira	Não Indígena	Assistente De Atividades Educacionais	Ensino Médio Completo	

Em resumo, a estrutura organizacional e administrativa da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva é permeada por princípios de gestão participativa e interculturalidade. A participação ativa da comunidade, a valorização da cultura e o respeito às especificidades da comunidade são aspectos fundamentais que instruem para que a escola seja um espaço de resistência, promoção da identidade indígena e fortalecimento da educação contextualizada e significativa para os alunos indígenas e não indígenas.

2.2.2 As práticas pedagógicas adotadas pela escola na valorização da identidade indígena.

Figura 21: Estudantes fazendo cerâmicas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2020.

Na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, adotamos práticas que valorizam a identidade indígena Terena. O objetivo é oferecer uma educação contextualizada e significativa para os alunos, fortalecendo sua conexão com suas raízes culturais. Entre as principais práticas pedagógicas, destacam-se o ensino da língua materna Terena e a transmissão de saberes tradicionais.

A língua materna Terena é um elemento central em nosso currículo, sendo ensinada como uma disciplina específica. As aulas são ministradas em Terena e a língua é utilizada em atividades de sala de aula. Isso fortalece o idioma e valoriza nossa cultura e tradições, mesmo em uma escola que também atende estudantes não indígenas.

O Programa Saberes Indígenas na Escola é outro projeto importante. Ele visa a formação continuada de professores indígenas, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O programa se baseia nos princípios da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade, proporcionando subsídios para a reelaboração de currículos e a redefinição de metodologias nos processos de letramento e numeramento em escolas indígenas. Além disso, busca a elaboração de materiais didáticos e paradidáticos bilíngues e monolíngues.

Nossos professores das séries iniciais, em parceria com outros professores do ensino fundamental, produziram alguns desses materiais didáticos¹².

A cultura Terena é integrada em vários projetos pedagógicos da escola, enriquecendo o ambiente educacional com festas, danças, músicas, artesanatos e outras expressões culturais. Promovemos intercâmbios com outras escolas, compartilhando a cultura do Povo Terena em nossa cidade, em Aquidauana, cidade vizinha de Anastácio, e até em outros estados, como Minas Gerais. Durante a pandemia, nossos estudantes participaram do projeto “Intercâmbio Cultural¹³”, levando a cultura e as tradições Terena para a Escola Municipal Dom Oscar de Oliveira, em Mariana-MG, e ajudando a quebrar estereótipos propagados por livros didáticos e por uma sociedade preconceituosa.

¹² <https://drive.google.com/file/d/1tCJmKDrENdCmob0wItGTJo5AmDs2M1-/view?usp=sharing>

¹³ <https://www.calameo.com/read/00488888bd5553fe2fd1>

Figura 22: Notícia do projeto em um jornal de Mariana-MG



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2020.

Foi realizada com os estudantes do ensino médio, uma oficina focada na história do povo Terena, baseada no texto de BITTENCOURT e LADEIRA, 2000. Esta oficina foi realizada em parceria com a artista e geógrafa Eliane de Sá. Ela introduziu uma técnica inovadora que utiliza a terra como matéria-prima para a pintura. Os desenhos criados pelos estudantes durante a oficina foram pintados utilizando esta técnica.

Figura 23: Oficina de História (Estudantes do 1º ano do ensino médio)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2023.

Na atividade desenvolvida, incentivamos os estudantes a se apropriarem das narrativas ancestrais, transformando-as em um material pedagógico útil por meio de ilustrações. Esta criação não se limita ao contexto da disciplina de História, mas é concebida para ser aplicada

em diferentes níveis educacionais e disciplinas. Isso proporciona uma abordagem interdisciplinar que amplia o impacto do fortalecimento da identidade indígena na educação. Esta iniciativa reflete o compromisso da escola em promover a cultura indígena de maneira abrangente e sustentável.

A escola valoriza as histórias e tradições ancestrais, incentivando a participação dos anciãos da comunidade no compartilhamento de seus conhecimentos e experiências. Esta prática permite que as novas gerações conheçam e compreendam a história e a cultura de seu povo. O ambiente natural da aldeia Aldeinha de Anastácio é utilizado como recurso pedagógico, integrando as práticas pedagógicas com a natureza e a realidade local. Os alunos aprendem sobre plantas medicinais, técnicas agrícolas tradicionais e a relação harmoniosa com o meio ambiente.

Figura 24: Estudantes na aula de Ciências



Fonte: Facebook da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, 2023.

Os conhecimentos tradicionais da cultura Terena são integrados ao currículo escolar de maneira transversal. Os conteúdos didáticos são conectados à cultura e à realidade dos alunos, permitindo que eles se envolvam e percebam a relevância dos conhecimentos escolares em seu cotidiano. Esses temas podem ser explorados em todas as disciplinas. Como exemplo, os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental realizaram uma pesquisa sobre plantas medicinais com os anciãos da comunidade. Eles trouxeram os resultados para a sala de aula em forma de cartazes, que foram expostos no mural da escola.

Figura25: Dona Dirce contando histórias para os estudantes do 2º ano do ensino fundamental



Fonte: Facebook da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, 2023.

A comunidade é convidada a participar ativamente da vida escolar, trazendo suas experiências e conhecimentos para enriquecer o aprendizado dos alunos. Valorizamos a participação dos pais e dos anciãos, permitindo que a educação seja um esforço coletivo para a valorização cultural. A escola promove a reflexão sobre a identidade indígena e a importância das lutas históricas e contemporâneas dos povos indígenas. Os alunos aprendem sobre a história de resistência dos Terena e de outros povos indígenas no Brasil, desenvolvendo uma consciência crítica sobre suas origens e direitos.

Em resumo, as práticas pedagógicas na Guilhermina são orientadas pela promoção da cultura indígena Terena e dos saberes tradicionais. Buscamos uma educação que promova o orgulho e o respeito à identidade indígena. Essas práticas são fundamentais para que a escola cumpra seu papel como um espaço de resistência, luta e promoção da identidade indígena na aldeia Aldeinha.

2.3 Escola como espaço de luta: resistência e identidade.

A fundamentação teórica abordará o conceito da escola como espaço de luta, resistência e promoção da identidade indígena. Essa perspectiva considera a educação como uma ferramenta fundamental para a afirmação das culturas e identidades das comunidades indígenas, ao mesmo tempo em que se torna um campo de resistência para a luta, manutenção e a garantia pelos direitos indígenas.

A escola é um espaço fundamental para o desenvolvimento das sociedades, pois é nela que as pessoas têm a oportunidade de adquirir conhecimento e habilidades necessárias para a

vida em sociedade. No entanto, para as comunidades indígenas, a escola é muito mais do que isso. Ela é um espaço de luta, resistência e afirmação da identidade cultural dos povos indígenas. Através da escola, os indígenas podem transmitir seus valores, línguas e tradições para as novas gerações, e assim garantir a continuidade de suas culturas, conforme foi observada pelo Pereira:

A escola tem uma importância fundamental para o crescimento e desenvolvimento da sociedade indígena em seu contato com a sociedade, envolvendo em seus aspectos intelectuais e interculturais, preservando em si a sua forma de ensino tradicional, ensino da língua materna e práticas culturais. Além disso, construindo projetos de educação diferenciada, visando desenvolver experiências integracionistas abrangentes. (PEREIRA, 2016, p. 28).

No contexto de interação entre as sociedades indígena e não indígena, a escola tem um papel fundamental na valorização da cultura Terena. A escola é mais do que um local de transmissão de conhecimento e habilidades, a escola Guilhermina é também uma guardiã da identidade e dos saberes tradicionais da comunidade. Ao valorizar o ensino da língua materna e as práticas culturais, a escola se torna um agente ativo na afirmação e revitalização desses elementos vitais da herança indígena. Além disso, ao se envolver na criação de projetos de educação diferenciada, a escola busca construir experiências educativas que respeitem e celebrem a diversidade, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e agradável.

Segundo Pereira (2016), no contexto da reelaboração cultural, a escola assume um papel proeminente ao se tornar um espaço estratégico para a revitalização da identidade sociocultural. Através de abordagens pedagógicas cuidadosamente planejadas, a escola não apenas transmite conhecimento, mas também reinterpreta elementos culturais, adaptando-os a uma perspectiva contemporânea. Esta abordagem permite que as comunidades indígenas mantenham uma conexão viva com suas tradições ancestrais, enquanto se adaptam à evolução cultural e aos desafios do mundo moderno. Assim, a escola se torna um agente de capacitação, fornecendo ferramentas para que as gerações mais jovens compreendam, valorizem e participem ativamente da construção contínua de sua herança cultural.

A conquista da autonomia pedagógica é um componente essencial neste processo de revitalização cultural liderado principalmente pelos professores. Ao ter a liberdade de desenvolver métodos e currículos que atendam às necessidades específicas das comunidades indígenas, a escola permite a capacitação dos professores para direcionar o ensino de acordo com os valores, crenças e práticas locais. Esta autonomia não só respeita a diversidade intrínseca das culturas indígenas, mas também promove um ambiente de aprendizado mais inclusivo e empoderado. Ao estabelecer uma conexão entre reafirmação cultural e as demandas contemporâneas, a escola se consolida como um espaço de transformação positiva,

impulsionando não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também a resiliência das comunidades indígenas em sua jornada de autoafirmação.

No contexto de interação entre as comunidades indígenas e a instituição escolar, surge a necessidade urgente de reconhecer a complexidade das identidades culturais e promover um ambiente educacional que transcenda a simples transmissão de conhecimento. A diversidade cultural, e multifacetada, requer que a escola esteja genuinamente preparada para acolher essa riqueza e convertê-la em práticas educativas significativas. Adotando uma abordagem de educação diferenciada, a escola tem a oportunidade de se transformar em um espaço que não apenas instrui, mas também acolhe, respeita e empodera os alunos de culturas indígenas.

Isso nos traz a reflexão de que a escola precisa realmente estar preparada para essa realidade e conectada com a realização de atividades que a façam assumir uma postura de lugar diferenciado com educação diferenciada para que esses educandos desenvolvam cada vez mais a sensação de pertencimento a esse lugar e se sintam representados nesse espaço. (FALCÃO, 2017, p. 79).

Nesse sentido, a reflexão de Falcão (2017) torna-se relevante ao enfatizar a importância de a escola estar preparada para assumir um papel único, onde atividades e estratégias pedagógicas são projetadas para fortalecer o sentimento de pertencimento dos alunos e garantir uma representação autêntica e significativa de suas identidades no espaço educacional.

2.3.1 Escola Indígena e Interculturalidade.

A escola indígena é uma instituição que deve ser orientada pela interculturalidade, como explica Gersen Luciano Baniwa.

Para nós, a ideia de interculturalidade pode ser entendida a partir de duas perspectivas: abrir caminhos para o reconhecimento e reposição dos sujeitos colonizados, subalternizados, subjugados, silenciados, dominados e alijados de suas autonomias societárias e cosmológicas a uma posição de diálogo, de interação, de coexistência e convivência dialética. A outra perspectiva é a de interculturalidade como promessa de diálogo discursivo, ideológico e ainda colonizador. Aqui o discurso de interculturalidade é usado para encobrir, esconder, mascarar e, no máximo, amenizar os efeitos da colonialidade, materializada por meio de práticas de exclusão, injustiça, desigualdade, violência e racismo contra os sujeitos coletivos que se negam e resistem a sucumbir e aderir de forma subalterna aos modos de vida da sociedade capitalista profundamente predatória, anti-humana e anti-cosmo. Esta segunda perspectiva significa praticamente e, de modo ainda pior, a continuidade do colonialismo racista, na medida em que confunde, manipula, desarma e desempodera os sujeitos colonizados para se acomodarem diante do processo colonizador, muitas vezes culpando o próprio colonizado de seus fracassos e justificando a necessidade de sua colonização como generosidade do colonizador. A escola indígena intercultural tem se orientado pela primeira perspectiva, ou seja, buscando empoderar os sujeitos indígenas para um diálogo menos desigual, menos assimétrico e menos hierarquizado intra e extra aldeia/escola (LUCIANO, 2017, p. 13)

A escola indígena é, portanto, um espaço que valoriza tanto os conhecimentos tradicionais e culturais das comunidades indígenas quanto os saberes escolares formais. A

interculturalidade reconhece a diversidade cultural e busca estabelecer diálogos e aprendizados mútuos entre diferentes culturas, garantindo a promoção do respeito e da valorização das identidades culturais indígenas.

A interculturalidade surge como uma categoria intrínseca e vital na estrutura de uma escola indígena, transcendendo a mera coexistência de culturas para se tornar um princípio orientador de sua essência educacional. Nesse contexto, a interculturalidade representa mais do que uma simples troca de conhecimentos entre diferentes grupos culturais; ela abraça a profundidade das relações, a compreensão mútua e a celebração da diversidade como um recurso enriquecedor.

Uma escola indígena que incorpora a interculturalidade reconhece a validade igualitária de saberes tradicionais e contemporâneos, buscando uma síntese que respeita a singularidade das identidades indígenas enquanto se conecta com o mundo globalizado. Ao honrar as narrativas, os valores e as perspectivas dos povos indígenas, a interculturalidade na escola se configura como um caminho para o diálogo autêntico, a construção de pontes entre culturas e a promoção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo, onde as experiências de cada estudante é reconhecida e valorizada.

No contexto da educação intercultural, surge a necessidade de ir além dos paradigmas dualistas e adotar uma abordagem holística que reconheça e respeite a diversidade de conhecimentos e perspectivas existentes em nosso mundo. A interculturalidade não deve ser vista apenas como uma alternância entre diferentes sistemas de conhecimento, mas sim como um abraço à complexidade das relações entre as sociedades, incluindo as contradições inerentes.

A escola, como agente de transformação e desenvolvimento, tem um papel central na criação de um ambiente que reflita e honre a realidade contemporânea dos povos indígenas. No entanto, essa reflexão deve ir além da mera coexistência, buscando a integração harmoniosa dos processos educativos de cada comunidade, permitindo que a escola seja administrada de acordo com os princípios e parâmetros específicos de cada cultura.

Assim, podemos concluir que a interculturalidade não está num modelo que prioriza ora os conhecimentos acumulados pela sociedade ocidental, ora os conhecimentos produzidos pelas sociedades indígenas, mas na garantia de a escola poder ser um espaço que reflita a vida dos povos indígenas hoje, com as contradições presentes nas relações entre as diferentes sociedades, com a possibilidade de ser integrada nos processos educativos de cada povo e, assim, ser administrada segundo os parâmetros específicos desses processos. (DE PAULA, 2000, p.88)

A citação de De Paula (2000) ecoa de forma coerente neste contexto, ao afirmar que a interculturalidade não se encontra em um modelo de alternância entre conhecimentos, mas na

capacidade da escola de refletir as dinâmicas complexas e se integrar nas experiências de vida dos povos indígenas, permitindo uma educação autêntica e contextualizada.

Segundo Candau (2008), a perspectiva intercultural é direcionada para a construção de uma sociedade democrática, plural e humana, que articula políticas de igualdade com políticas de identidade. Esta abordagem valoriza a diversidade como um recurso e busca estabelecer conexões entre diferentes grupos culturais, promovendo a compreensão mútua e o respeito.

Nesse contexto, Candau (2008) destaca que a perspectiva intercultural não se limita a enfatizar a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos. Ela também reconhece a importância das políticas de identidade, valorizando e reconhecendo as diversas formas de pertencimento cultural presentes em uma sociedade cada vez mais globalizada e interconectada.

2.3.2 Valorização da identidade indígena na escola.

A valorização da identidade indígena na escola é essencial para fortalecer a autoestima e o autoconhecimento dos alunos indígenas. O reconhecimento de suas culturas e tradições ajuda a formar uma identidade positiva e fortalece o sentimento de pertencer à comunidade.

No contexto da construção e afirmação da identidade cultural, é essencial reconhecer a importância de elementos como a língua materna, as pinturas corporais e as práticas pedagógicas específicas. A língua materna é um vínculo profundo com a herança cultural e um meio essencial para transmitir valores, conhecimentos e tradições de geração em geração. Além disso, as pinturas corporais, que carregam significados simbólicos e estéticos, têm o poder de conectar os indivíduos à sua herança ancestral de maneira visual e visceral. No ambiente educacional, as práticas pedagógicas desempenham um papel importante ao vivenciar e celebrar esses elementos da cultura local.

Sendo assim, buscamos perceber como a escola no seu cotidiano promove a valorização da sua cultura e a afirmação da sua identidade. Entender que práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas são capazes de, ao evidenciar elementos da cultura local, fortalecer sua identidade indígena (FALCÃO, 2017, p. 92)

Como destacou Falcão (2017), a escola se torna um espaço onde a cultura é valorizada e a identidade indígena é fortalecida. Por meio de abordagens pedagógicas inclusivas e contextualizadas, os estudantes podem se ver representados, compreender melhor suas raízes e sentir orgulho de sua identidade cultural.

2.4 O papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva - Aldeia Aldeinha de Anastácio.

O papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na aldeia Aldeinha de Anastácio é de extrema importância para a comunidade. Essa instituição educacional desempenha um papel central na promoção da resistência e valorização da identidade cultural Terena, presidi como um espaço de luta e valorização dos saberes tradicionais.

Conforme a fala da egressa da Escola Guilhermina, Evelin, é notória a importância da unidade escolar para a comunidade Terena da Aldeia Aldeinha, como afirmado na sua fala e na dos demais envolvidos com o cotidiano da aldeinha, observo igualmente, enquanto pesquisador na escola, na comunidade, como indígena Terena e morador da Aldeia Aldeinha, além da observação dos dados catalogados, que a implantação da escola dentro da aldeia vem fortalecendo a comunidade, pois a escola é um ponto de referência para os Terenas da aldeinha, e a mesma tem dado essa contribuição de extrema relevância para o fortalecimento da identidade étnica dos Terenas da Aldeia Aldeinha nos seguintes quesitos: na língua, enquanto disciplina regular; na formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres com a Aldeia Aldeinha; na preservação da cultura; além de orientar e direcionar os estudantes da escola para o ingresso em cursos superiores; e, por fim, na forma de ser e pensar enquanto indígenas Terena. (DIAS, 2023, p. 85).

A afirmação da importância da Escola Guilhermina para a comunidade Terena da Aldeia Aldeinha é notável não apenas através das palavras da egressa Evelin¹⁴, mas também das vozes semelhantes aos envolvidos no cotidiano da aldeia. Como pesquisador e professor na escola, tenho testemunhado de maneira abrangente o impacto positivo da implantação da escola dentro da aldeia. Esta instituição se estabeleceu como um farol para os Terena da Aldeia Aldeinha, desempenhando um papel integral na consolidação da identidade étnica. Através da inclusão da língua Terena como disciplina regular, a escola promove um elo vital com a herança linguística ancestral, enquanto simultaneamente nutre o desenvolvimento de cidadãos conscientes de seus direitos e responsabilidades para com a comunidade.

A cultura é mantida viva por meio de suas atividades educacionais e a orientação que oferece aos estudantes, direcionando-os para o ingresso em cursos superiores, estende suas implicações para as gerações futuras. Dessa forma, a Escola Guilhermina se revela como um e núcleo transformador, influenciando não apenas os aspectos educacionais, mas também

¹⁴ PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. *CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA ALDEINHA, EM ANASTÁCIO, MATO GROSSO DO SUL*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS 2017.

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. *VUKAPANAVO SÊNO TEREÑO: A PRESENÇA DAS MULHERES TERENA NO MOVIMENTO INDÍGENA - DESAFIOS E PERCURSOS*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS 2023. Hekeré como é conhecida nos movimentos indígenas, é doutoranda em educação, uma mulher Terena liderança dentro da comunidade e que está ligada ao movimento indígenas das mulheres em Brasília.

moldando a mentalidade, perspectiva e identidade dos Terena da Aldeinha, como atestado por Dias:

[...]e a mesma tem dado essa contribuição de extrema relevância para o fortalecimento da identidade étnica dos Terenas da Aldeia Aldeinha nos seguintes quesitos: na língua, enquanto disciplina regular; na formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres com a Aldeia Aldeinha; [...]. (DIAS, 2023, p.85).

A escola também desempenha um papel importante na promoção e valorização dos saberes tradicionais da comunidade Terena, que são repassados de geração em geração. Ao incluir esses conhecimentos no processo educacional, a escola contribui para a manutenção e perpetuação desses saberes, evitando a perda de conhecimentos ancestrais importantes para uma identidade indígena.

2.4.1 Envolvimento da Comunidade na Educação.

A escola busca promover o envolvimento ativo da comunidade na educação dos alunos. Isso envolve a participação de lideranças, pais, anciãos e membros da comunidade na definição dos currículos, nas decisões pedagógicas e na gestão escolar. Essa abordagem reforça a importância da educação como uma responsabilidade compartilhada entre a escola e a comunidade. Conforme destaca Dias:

Temos conhecimento das incansáveis lutas da liderança da comunidade e da própria comunidade para se ter uma escola dentro da aldeia é um fator que a aldeia preza muito. Olhando para o passado recente, e observando os dias de hoje, a Escola Guilhermina tem ajudado os alunos indígenas os quais ainda estudam lá e aqueles passaram pela escola, o que tem dado resultados positivos para a própria comunidade. (DIAS, p. 75, 2023)

A Escola Guilhermina é fruto das lutas incessantes da liderança e dos membros da comunidade para criar uma instituição educacional na aldeia. Esse compromisso é muito valorizado pela comunidade, pois representa um símbolo de resiliência e dedicação à valorização de sua cultura e identidade. Ao olhar para o passado recente e refletir sobre o presente, fica claro que a Escola Guilhermina teve um papel transformador na vida dos alunos indígenas, tanto os que frequentam as aulas atualmente quanto os que já se formaram. Os resultados positivos não se restringem ao âmbito educacional, mas também se refletem em toda a comunidade, contribuindo para o fortalecimento e enriquecimento da própria identidade cultural, como destacado por Dias (2023).

A escola busca oferecer uma educação contextualizada e significativa, conectando os conteúdos curriculares à realidade cultural, social e ambiental da comunidade Terena. Assim, os conhecimentos adquiridos pelos alunos são relevantes e aplicados em seu cotidiano, estimulando o aprendizado e a formação de cidadãos críticos e participativos. Além de

transmitir conhecimentos formais, a escola se constitui como um espaço onde a educação é vivida e experimentada em consonância com a cultura e a identidade indígena. Essa abordagem intercultural e valorizadora dos saberes tradicionais confere à escola um protagonismo na resistência e promoção da identidade cultural, essencial para o fortalecimento da comunidade e para a promoção de sua rica herança cultural.

Dessa forma, a escola se torna um espaço de resistência cultural ao promover a valorização dos costumes, tradições e língua. Ao resistir à assimilação cultural imposta ao longo da história, a escola indígena contribui para a afirmação da identidade Terena e para a luta contra a perda de suas referências culturais.

CAPÍTULO III

A ESCOLA GUILHERMINA DA SILVA E A COMUNIDADE DA ALDEIA ALDEINHA.

3.1 Análise e discussão das entrevistas estudantes indígenas.

Foram entrevistados 14 estudantes do ensino médio no total, sendo 7 indígenas e 7 não indígenas. Os nomes dos estudantes foram substituídos por estudantes indígena e não indígena, para preservar suas identidades, já que não quiseram que os mencionassem nas entrevistas. Sendo perguntado para os 7 estudantes indígenas “Em sua opinião como a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva promove a valorização da identidade cultural indígena?”. Todos os 7 responderam que através dos festivais e tradições indígenas e dois deles complementaram que através do currículo escolar também. E todos responderam que acreditam que a escola desempenha um papel importante na luta e resistência indígena. E como seria este papel? Para 3 deles este papel é manter viva suas tradições, como a escola vem fazendo, seja nas atividades pedagógicas, na interdisciplinaridade dos conteúdos, e promovendo palestras.

Em relação quando perguntado a eles, “O que a escola poderia fazer para fortalecer ainda mais a cultura e a luta indígena?”, todos responderam, através da língua materna como disse a estudante *“eu acho que deveria desenvolver mais a língua Terena, pra ser mais praticada entre os alunos e as demais pessoas”* (Estudante do 2º ano do ensino médio)

O que pode ser analisado é que outra ação da escola em relação a este papel de fortalecimento, são as práticas de reassumirem e fortalecer a história do povo Terena, como colocou outra estudante indígena: *“trazendo para os jovens a história dos seus antepassados para que eles saibam sua história e origem”* (Estudante indígena do 2º ano do ensino médio).

Diante das grandes contribuições dos estudantes indígenas sobre como fortalecer ainda mais a cultura e a luta indígena na escola, observamos uma unanimidade na importância de desenvolver a língua materna, como expressado pela estudante Terena. Essa demanda ressalta a necessidade de investir na valorização e promoção da língua como um elemento vital para a construção identitária. Além disso, a ênfase na prática da língua entre os alunos e a comunidade destaca a importância do envolvimento ativo de todos os membros na perpetuação de suas tradições. Outro ponto importante destacado pelas estudantes refere-se à reconexão com a história ancestral, sublinhando a importância da escola em assumir o papel de recontar e fortalecer a história do povo Terena.

3.2 Análise e discussão das entrevistas dos estudantes não indígenas.

Para os outros 7 estudantes não indígenas, todos acreditam que a escola promove sim a valorização da identidade cultural indígena. Três estudantes não indígenas compreendem que é “muito importante” a cultura indígena na escola e quatro deles tem a compreensão de que é “importante” essa cultura na escola.

No que os estudantes não indígenas acreditam ser relevante para a valorização da cultura, identidade e resistência, foram unânimes em dizer que as práticas culturais e no ensino da língua materna, são importantes nesta promoção como destaca a estudante:

A escola indígena Guilhermina da Silva ensina muito bem a cultura Terena, aqui na escola tem várias coisas, eu acho muito interessante porque nem todas as escolas são assim, eu amo saber mais sobre a cultura e a língua Terena, e acho que tenho que aprender muitas coisas mais. (Estudante não indígena, 2º ano do ensino médio).

Outros dois pontos importantes que foi analisado entre os estudantes não indígenas e que reforça o importante papel que a escola Guilhermina promove, é a desconstrução de estereótipos. Historicamente, os povos indígenas têm sido frequentemente retratados de maneira estereotipada, limitando-se a representações simplificadas e muitas vezes distorcidas.

A desconstrução desses estereótipos é essencial para reconhecer a riqueza das culturas indígenas, suas histórias, tradições e contribuições para a sociedade. Isso implica uma abordagem consistente na mídia, na educação e em outros setores, destacando a pluralidade de identidades e modo de vida dentro das comunidades indígenas.

Podemos observar a desconstrução desses estereótipos, mesmo que sendo timidamente descrito pela estudante a seguir:

No meu ponto de vista acredito que seria interessante e legal se de vez em quando fizessem exposições indígenas na escola e alunos de outras escolas pudessem vir e ver como é a cultura indígena ou fazer na comunidade e pessoas de outra comunidade possam ver o que é a cultura indígena eu mesmo não sou indígena e estou na escola a 1 ano e já sou apaixonada pelo trabalho. Fazendo a exposição as pessoas verão que os indígenas e suas culturas não são aquilo que eles pensam, quando fazem maldade, eles são pessoas maravilhosas. (Estudante não indígena, 1º ano ensino médio)

Ao quebrar estes estereótipos a escola promove uma narrativa mais precisa e inclusiva, que valoriza e respeita a diversidade cultural, fortalecendo assim o entendimento e a apreciação das contribuições dos povos indígenas para a construção de uma sociedade menos preconceituosa e exclusiva.

Outro ponto analisado, foi o movimento de luta para que a escola se tornasse um espaço não somente físico, mas um espaço que promove o fortalecimento da identidade cultural. Lembrando sempre daqueles que já se foram (In memoriam), que lutaram para que a escola se tornasse este espaço legítimo, de resistência cultural e identitário:

Eu acho que a escola é bem importante para a cultura também, pensa só o quanto de pessoas que tiveram que lutar para que a escola ficasse de pé, e que os alunos pudessem estudar e saber mais sobre a sua cultura eu admiro muitos eles por causa disso. (Estudante não indígena, 2º ano ensino médio)

Com isso a escola emerge como um espaço de luta não apenas pelo acesso à educação, mas também como uma fortaleza da valorização e disseminação da cultura. Ao refletirmos sobre a importância da escola, é primordial reconhecer os esforços significativo de lideranças, anciãos, caciques e professores que de alguma forma lutaram para garantir não somente a existência física da escola, mas também o direito de os estudantes aprenderem sobre sua própria cultura, promovendo a valorização e o entendimento enriquecedor desta escola para a comunidade.

Nesse contexto, a escola não é apenas um local de aprendizado acadêmico, mas também um palco principal onde se travam batalhas para a valorização e fortalecimento do povo Terena da Aldeia Aldeinha, que contribui para o desenvolvimento de indivíduos culturalmente conscientes e engajados pela comunidade na qual está inserido.

3.3 Análise e discussão das entrevistas dos professores.

Já nas entrevistas com os professores, onde todos tiveram seus nomes mencionados nas entrevistas, pois autorizaram o uso das suas identidades. A análise das entrevistas com os docentes será conduzida por meio de uma abordagem cuidadosa, focando na identificação e compreensão de dois temas principais: "luta/resistência" e "fortalecimento da identidade cultural". A escolha criteriosa dessas temáticas baseia-se em sua notável relevância para alcançar os objetivos estabelecidos neste estudo.

A contribuição da escola para o fortalecimento da identidade, cultura, luta e resistência, para os dez professores entrevistados de como acreditam que a escola contribui para este fortalecimento. Para o professor Jessé Nimbú, acredita que através do currículo escolar acontece esta contribuição na promoção de fortalecimento cultural. Já para a professora Josefa e para o professor José Machuca, ambos responderam que através do envolvimento da comunidade indígena nas atividades escolares, fará com que a escola promova esta ação.

Três outros professores acreditam na contribuição da escola através de organização de eventos culturais indígenas. Para as professoras Eva, Thiara Borlinques e o professor Eliezer Cece, acreditam que a escola através da organização de eventos culturais e a professora Fernanda Lopes acredita que as ações de envolver a comunidade nas atividades escolares e na organização de eventos culturais possam contribuir e promover este fortalecimento. E as professoras Ana Carina Paulo, Daniela Pereira e Irany Batista acreditam que através do

currículo escolar e o envolvimento da comunidade a escola vem cumprindo este espaço de luta e resistência e o fortalecimento identitário.

As contribuições significativas do currículo escolar centrado na valorização da cultura indígena, na organização de eventos culturais específicos e no envolvimento ativo da comunidade nas atividades escolares desempenham papéis cruciais no fortalecimento da "luta/resistência" e "fortalecimento da identidade cultural. O currículo, quando enriquecido com a diversidade e tradições indígenas, torna-se uma ferramenta poderosa para empoderar os estudantes, proporcionando uma compreensão autêntica de suas origens e promovendo um senso de pertencimento étnico.

A organização de eventos culturais não apenas celebra as expressões únicas da comunidade, mas também compartilha de suas riquezas culturais com um público mais amplo, desafiando estereótipos e promovendo a apreciação mútua. Além disso ao envolver ativamente a comunidade nas atividades escolares, estabelece-se uma parceria que não apenas enriquece o ambiente educacional, mas como também fortalece os laços entre escola e comunidade, fomentando um espírito coletivo de resiliência, orgulho e valorização cultural. Essas abordagens convergentes, ao serem implementados de forma integrada, desempenham um papel fundamental na construção de uma educação mais inclusiva e empoderada para as futuras gerações da comunidade.

A seguinte análise das entrevistas dos professores da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva constitui um componente fundamental desta pesquisa, direcionando-se à compreensão das experiências e perspectivas desses profissionais em relação à escola como espaço de luta, resistência e construção identitária, particularmente no contexto terena.

Em relação as experiencias ou pensamentos que sejam relevantes para os professores, a professora Ana Carina destaca da seguinte forma:

O Saberes indígenas na escola foi uma iniciativa do MEC para oferecer a nós professores formação bilíngue ou multilíngue em letramento e numeramento na língua materna e em português, nos dando a oportunidade de trabalhar juntamente com os alunos e a comunidade através de pesquisas, desenhos relacionados a comunidade, nos incentivando a criar e a valorizar a nossa história. (Ana Carina Paulo)

A proposta de produção de materiais pedagógicos específicos para a comunidade Terena, conforme delineado pela professora Ana Carina, emerge como uma resposta às reivindicações do movimento indígena feita junto ao Ministério da Educação (MEC), notadamente o programa Saberes Indígenas na Escola. Este programa foi concebido com o propósito de prover aos professores uma formação bilíngue ou multilíngue em letramento e numeramento, abarcando tanto a língua materna quanto o português. O intuito primordial

consiste em facultar aos docentes a capacidade de colaborar de maneira significativa com os alunos e a comunidade, fomentando a realização de pesquisas e a criação de materiais pedagógicos, como desenhos contextualizados à realidade da comunidade Terena. Destaca-se, portanto, a ênfase no estímulo à criatividade, bem como na valorização da história cultural e identidade local, culminando na edificação de recursos educacionais autênticos e culturalmente relevantes. Esta abordagem propositiva da professora Ana Carina Paulo destaca-se como um meio eficaz para fortalecer as práticas pedagógicas alinhadas às particularidades da comunidade Terena e, por conseguinte, promover uma educação mais inclusiva e enriquecedora.

Para professora Irany Batista (coordenadora) o que ela acredita que seja relevante para a pesquisa é: “Na nossa escola procuramos promover atividades que contribui para o fortalecimento da nossa cultura como palestras, atividades culturais e extraclasse”

A asserção da professora Irany Batista enfatiza a relevância atribuída pela escola é à promoção de atividades extracurriculares como meio de fortalecimento da cultura escolar. Ao mencionar a realização de palestras, atividades culturais e eventos extraclasse, a docente destaca a intencionalidade da escola em proporcionar experiências que vão além do referencial curricular. Nesse contexto, tais práticas não apenas enriquecem o repertório cultural dos estudantes, mas também contribuem para a consolidação de uma identidade coletiva, reforçando os valores e tradições que permeiam a comunidade educativa. A abordagem da professora Irany Batista ressalta, portanto, a compreensão da escola como um espaço dinâmico, no qual a aprendizagem transcende os limites da sala de aula, integrando-se a um conjunto mais amplo de experiências que visam à formação integral dos alunos.

Para a professora intérprete da Língua de Sinais, Fernanda Lopes (não indígena), mas que está sempre envolvendo a estudante surda nas atividades culturais dentro da escola, o que é relevante para ela é:

A organização de eventos culturais no âmbito escolar, onde os estudantes participam e conhecem muito mais a cultura indígena, um exemplo é a Semana Indígena no mês de abril, onde a comunidade, estudantes e professores promovem um evento durante a semana toda com atividades e exposições voltada a valorização da cultura indígena Terena. (Professora Fernanda Lopes, não indígena).

A fala da professora Fernanda Lopes revela uma abordagem pedagógica ao destacar a importância da organização de eventos culturais no âmbito escolar, especificamente voltados para a apreciação e compreensão da cultura indígena. A escolha da Semana Indígena como exemplo ilustra um comprometimento com a valorização da diversidade étnica, proporcionando aos estudantes a oportunidade de participar ativamente desse processo de aprendizagem. Essa

iniciativa não apenas contribui para a disseminação de conhecimento sobre a cultura Terena, mas também promove um ambiente inclusivo, onde a comunidade escolar se envolve em atividades e exposições que transcendem as barreiras do currículo tradicional. Ao incorporar tais práticas, a professora demonstra uma visão educacional que vai além do conteúdo programático, promovendo o respeito à pluralidade cultural e fomentando a consciência crítica dos estudantes em relação à diversidade étnica.

Podemos observar na fala do professor de língua materna Jessé Nimbú, uma relevância para a pesquisa de que o ensino da língua e cultura tem sido trabalhado pelos professores indígenas de maneira que contribui para o reconhecimento e participação na história do município, de maneira interdisciplinar:

O ensino da língua e da cultura indígena aqui na nossa escola tem sido trabalhado muito pelos profissionais indígenas, não somente em abril e essas ações divulgam identidade cultural dos Terena no município, pois eles, nós Terena fazemos parte da história de formação da nossa cidade. (Jessé Nimbú, professor de língua materna).

A fala do professor Jessé Nimbú destaca um aspecto fundamental da interdisciplinaridade ao abordar o ensino da língua e cultura indígena na escola. Ao reconhecer o trabalho realizado pelos profissionais indígenas de forma contínua, não se limitando apenas ao mês de abril, ele evidencia a integração desses temas ao longo do ano letivo. Isso sugere uma abordagem interdisciplinar que transcende as fronteiras tradicionais das disciplinas, promovendo uma integração natural entre língua materna e a cultura dos Terena. A ênfase na divulgação da identidade cultural no município é importante para fortalecer o reconhecimento da contribuição dos Terena na formação histórica da cidade. Essa abordagem interdisciplinar não apenas enriquece o entendimento dos alunos sobre a língua e cultura indígena, mas também estabelece conexões mais profundas entre as diferentes disciplinas, promovendo uma completa compreensão e contextualização da história local.

Segundo a professora Eva Francisco o que pode ser feito para que este fortalecimento cultural e identitário, é promovendo outras atividades voltada a nossa identidade:

Acredito que precisamos trazer mais atividades destinadas a nossa identidade, temos a disciplina de língua materna que é ensinado o básico, acredito que rodas de conversas, fazendo com que este aluno possa utilizar a língua Terena de forma leve, descontraída, principalmente os estudantes que não são indígenas. (Eva Francisco, professora de Artes).

A perspectiva da professora Eva Francisco reflete uma abordagem sensível e argumenta de maneira convincente sobre a importância de atividades que promovam a identidade cultural. Sua proposta de introduzir rodas de conversa que permitam o uso da língua Terena de forma leve e descontraída vai além do ensino formal da disciplina de língua materna. Acreditar que

atividades mais informais podem contribuir para um entendimento mais profundo da identidade étnica é fundamental. Ao envolver todos os estudantes, inclusive aqueles que não são indígenas, nas conversas, a professora Eva Francisco propõe uma abordagem inclusiva, fomentando a reciprocidade e promovendo a diversidade cultural dentro da sala de aula.

Além disso, ao mencionar a necessidade de atividades destinadas à identidade, ela reconhece a importância de ir além do ensino básico da língua materna, buscando uma imersão mais ampla na cultura Terena. Essa abordagem argumenta que a compreensão da identidade vai além do domínio linguístico, abrangendo outras práticas sociais. Portanto, na fala da professora Eva Francisco, ao destacar a relevância de métodos pedagógicos mais abertos e interativos para promover uma educação que não apenas transmita conhecimentos, mas também promova uma compreensão mais profunda e respeitosa das identidades culturais dentro e fora da sala de aula.

Já a professora de apoio Thiara Borlinques destaca a escola como espaço que promova um ensino de qualidade e um acolhimento aos estudantes da própria comunidade e os de fora dela:

Somos uma escola indígena de qualidade e ensino diferenciado. Procuramos atender nossos alunos de forma onde se sintam acolhidos por nossa cultura, sempre mostrando para eles nossa identidade. (Thiara Borlinques, professora de apoio).

A fala da professora Thiara Borlinques destaca aspectos fundamentais para a valorização da identidade cultural e o atendimento diferenciado aos alunos em uma escola indígena. Ao afirmar que são uma escola de qualidade, ela ressalta o comprometimento em ensinar com excelência, indicando que a educação é uma prioridade. A expressão “se sinta acolhidos por nossa cultura” destaca a importância de criar um ambiente escolar inclusivo, onde os alunos se conectem emocionalmente com sua própria identidade cultural. Ao mostrar a identidade por meio do currículo e das práticas educacionais, a professora evidencia um comprometimento com a valorização e promoção da identidade cultural dos estudantes indígenas. Isso não apenas fortalece o sentimento de pertencimento dos alunos à sua comunidade, mas também contribui para uma construção identitária.

A fala do professor Eliézer Cece destaca a importância da autonomia na valorização da cultura indígena.

Para a valorização de cultura indígena é necessário do apoio e organizações e movimentos sociais que defendem o direito e a cultura dos povos indígenas, além de promover eventos como oficinas, debates e seminários mediados por indígenas e as instituições públicas de ensino. (Eliézer Cece, professor de geografia).

Ao mencionar o apoio de organizações e movimentos sociais, ele enfatiza a necessidade de autonomia para que as próprias comunidades indígenas liderem a defesa de seus direitos e cultura. A proposta de promover eventos como oficinas, debates e seminários mediados por

indígenas reforça a ideia de que a autonomia é essencial para a representação autêntica e a transmissão genuína da cultura. Assim, na fala do professor que destaca a autonomia como um elemento primordial no esforço de valorizar e promover a riqueza cultural principalmente do povo Terena.

Segundo o professor José Machuca de Andrade destaca a importância da conscientização dentro da comunidade indígena, especialmente entre os mais jovens, como meio fundamental para preservar tradições e costumes culturais.

Penso que organizar momentos específicos com objetivos de conscientizar a comunidade indígena, é fundamental para despertar cada vez mais, principalmente os mais jovens, é de suma importância para que os mesmos mantenham a tradição e costumes exercidos no âmbito cultural. (José Machuca de Andrade, coordenador da EJA).

A ideia de organizar momentos específicos ressalta a necessidade de ações direcionadas para promover a consciência cultural e garantir a transmissão adequada dos valores tradicionais. Assim, a abordagem proposta por José Machuca de Andrade destaca a conscientização como uma ferramenta essencial para sustentar a continuidade das práticas culturais dentro da comunidade indígena.

A visão da ex-diretora Josefa Luzia, para uma escola indígena, é notavelmente abrangente e integradora. Ao destacar a importância do conhecimento da cultura indígena em sua diversidade étnica, ela enfatiza a necessidade de um material didático equilibrado entre o currículo nacional, a diversidade cultural e os idiomas locais, incluindo a língua portuguesa.

Quero imaginar uma escola indígena que realmente proporciona aos alunos o conhecimento da cultura indígena em sua diversidade étnica. O material didático a ser trabalhado equilibrado entre o currículo nacional, a diversidade cultural e a língua/idioma da população ao lado da língua portuguesa. O cardápio a ser oferecido aos alunos, as danças, a música, os uniformes... enfim, imagino uma escola indígena que seja, em todos os seus vieses, um conhecimento vivo, incisivo e capaz de formar pessoas/cidadão fortalecidos em sua identidade cultural, preparados para a luta e munidos de conhecimento para resistir às opressões que lhe imputarem. (Josefa Luzia, não indígena e ex-diretora).

Sua abordagem vai além do ensino formal, considerando aspectos como cardápio, danças, música e uniformes, integrando esses elementos ao ambiente educacional.

Ao mencionar uma escola indígena como um "conhecimento vivo, incisivo e capaz de formar pessoas/cidadãos fortalecidos em sua identidade cultural," a ex-diretora destaca o papel importante da educação na construção de identidade e resistência. Essa abordagem integral busca não apenas transmitir informações, mas também fortalecer os alunos para enfrentar desafios e resistir às opressões, promovendo assim uma educação que transcende os limites do ensino convencional.

Ao questionar os educadores sobre os desafios enfrentados ao promover a cultura indígena na sala de aula e na escola em geral, uma série de obstáculos se torna evidente. Entre eles, destacam-se a carência de infraestrutura física adequada para a incorporação efetiva de elementos culturais indígenas no ambiente escolar. Além disso, manter os costumes e a manutenção da língua materna representam desafios constantes, muitas vezes agravados pela falta de recursos e pela escassez de materiais pedagógicos específicos como citada pela professora Ana Carina Paulo *“O maior desafio que encontramos é a falta de materiais pedagógicos para trabalhar em sala de aula”*. A formação e autonomia dos professores para abordar esses temas de maneira sensível e precisa também se revelam como questões críticas, assim como a falta de conhecimento da cultura por parte dos próprios estudantes.

Adicionalmente, a falta de interesse e participação por parte de alguns estudantes indígenas em aprender sua língua materna pode representar um obstáculo significativo, como diz o professor de língua materna Jessé Nimbú *“Fazer o estudante indígena a participar das ações voltadas a nossa cultura, principalmente na aprendizagem da língua materna”*. Assim como o engessamento do referencial curricular, que nem sempre contempla de forma flexível para que o professor possa aplicar práticas culturais, como vemos na fala da professora Fernanda Lopes *“O seguimento de um currículo escolar, onde muitas vezes dificulta o professor de promover atividades que envolva a cultura indígena”*.

Em conclusão, os desafios enfrentados pelos professores ao promover a identidade e cultura indígena na escola de forma geral são multifacetados. Desde a falta de estrutura física e materiais adequados até a necessidade de formação e autonomia dos educadores, é evidente que há um longo caminho a percorrer para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e respeitosa com as tradições e identidades da comunidade Terena da Aldeinha. No entanto, é indiscutível que a comunidade se comprometa a superar esses desafios, reconhecendo a importância da diversidade cultural para nossa comunidade. A colaboração entre escola, comunidade e órgãos governamentais pode ser fundamental para enfrentar esses obstáculos e promover uma educação escolar indígena diferenciada e específica.

3.4 Análise e discussão das entrevistas dos pais.

Todos os pais aqui entrevistados autorizaram o uso dos seus nomes abaixo mencionados. Os pais dos estudantes expressaram sua gratidão pela maneira como a escola promove a identidade cultural de seus filhos, destacando especialmente o envolvimento da comunidade indígena nas atividades escolares e a celebração de festivais e tradições. Eles enfatizaram a

importância dessas iniciativas na construção da autoestima e do orgulho cultural de seus filhos, proporcionando-lhes um ambiente inclusivo e enriquecedor. A colaboração entre a escola e a comunidade indígena foi elogiada como um exemplo inspirador de respeito e valorização da identidade cultural na comunidade. Os pais expressaram sua esperança de que essas práticas continuem a ser cultivadas, fortalecendo ainda mais a conexão de seus filhos com suas raízes e tradições.

A fala da mãe indica que as atividades promovidas pela comunidade escolar têm contribuído significativamente para o conhecimento de sua filha sobre a vida e a luta indígena.

Vejo que as atividades promovidas pela comunidade escolar vem desenvolvendo tem contribuído para o conhecimento da minha filha, pois vejo que fez um diferencial no conhecimento dela. (Haradia Paulo, mãe indígena).

Ela destaca que essas atividades fizeram diferença no desenvolvimento do conhecimento da sua filha, sugerindo que houve um impacto positivo e perceptível. A expressão "fez um diferencial" sugere que essas experiências tiveram um impacto único e enriquecedor no aprendizado de sua filha, destacando a importância das iniciativas da escola em promover a compreensão e valorização da cultura indígena.

A fala do pai reflete a importância do envolvimento ativo do aluno na compreensão da vida e luta indígena, ressaltando que esse envolvimento é essencial para que eles entendam a importância de lutar pelos seus direitos como indígenas.

É muito importante o envolvimento do aluno para que eles possam entender através disso a importância de lutar pelos seus direitos adquirido como indígena. (Nilton Campos, pai indígena).

Ele destaca a necessidade de uma participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, indicando que essa experiência prática pode ser fundamental para conscientizá-los sobre a importância da luta pelos direitos indígenas adquiridos. Essa perspectiva enfatiza o papel fundamental da educação na promoção do ativismo e da defesa dos direitos humanos, especificamente no contexto das comunidades indígenas.

Na fala de Bruno Jorge (pai indígena) ressalta a importância da valorização da identidade e cultura indígena na vida da sua filha, *“Mostrando a importância da Valorização de sua identidade e cultura, sempre trabalhando em parceria com a escola”*. Ao mencionar a necessidade de trabalhar em parceria com a escola, ele indica que reconhece a importância do ambiente escolar na promoção desses valores. A parceria entre a família e a escola é destacada como um elemento essencial para garantir que a identidade e cultura indígena sejam adequadamente valorizadas e transmitidas a filha. Essa perspectiva enfatiza a colaboração e o

envolvimento mútuo da família e a escola na construção de um ambiente que promova o respeito e a valorização da identidade.

A fala do pai destaca a importância do envolvimento na escola em relação à luta indígena. Ele argumenta que esse envolvimento é importante para permitir que os indígenas sejam protagonistas em seu próprio desenvolvimento e conhecimento educacional.

Devemos sim levar em frente este envolvimento na escola sobre a luta indígena. Pois só assim eles são capaz de ser o protagonista na etapas dos seu desenvolvimento e conhecimento educacional. (Nilton Campos, pai indígena).

Esta análise ressalta a conscientização sobre a necessidade de incluir a perspectiva indígena no currículo escolar, reconhecendo sua relevância cultural e histórica. Além disso, destaca a importância de empoderar os povos indígenas, permitindo que tenham voz e influência em sua própria educação, o que contribui para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A fala da mãe evidencia uma experiência significativa que promove a ideia da escola como um espaço de luta, resistência e identidade terena. Ao participar junto com os alunos na escola e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para apresentar a comunidade local à faculdade e às comidas típicas Terena, podemos ver esse engajando ativamente na promoção da cultura e identidade.

Uma das grandes experiencias que eu tive foi poder participar juntamente com os alunos na escola e na UFMS apresentando a comunidade local a faculdade as comidas típicas de nossa etnia, isso foi muito gratificante. (Haradia Paulo, mãe indígena).

Essa experiência demonstra como a escola pode ser um local onde a cultura indígena é valorizada e celebrada, desafiando assimetrias de poder e promovendo a inclusão. Além disso, ao conectar a comunidade local com a universidade e compartilhar aspectos importantes da cultura Terena, essa iniciativa contribui para fortalecer o senso de identidade e pertencimento dos alunos Terena, bem como para educar a comunidade não indígena sobre as riquezas culturais dos povos originários.

3.5 Análise e discussão das entrevistas dos anciãos e lideranças.

Durante uma série de entrevistas realizadas com os anciãos e lideranças da comunidade da Aldeinha, foi explorada a percepção deles sobre a escola como um espaço de luta, resistência e identidade Terena. Por meio dessas conversas, buscamos compreender como esses membros da comunidade interpretam o papel da escola na valorização e promoção da cultura Terena. As respostas obtidas oferecem elementos convincentes sobre as percepções locais em relação à

escola e seu potencial como ferramenta para fortalecer a identidade étnica, enfrentar desafios históricos e afirmar a importância da cultura Terena no contexto educacional.

Figura 26: Entrevista com o Cacique Vanderson



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, Aldeinha, 2023.

Em entrevista com o cacique Vanderson, na escola Guilhermina, em novembro de 2023, como demonstra a imagem acima, onde pude obter uma entrevista em que a fala do cacique reflete um reconhecimento do papel primordial que a escola Guilhermina desempenha no fortalecimento da identidade, cultura, luta e resistência indígena na comunidade.

Nos e minha lideranças, meu conselho tribal procuramos sempre andar junto com a escola né, então procuramos trazer melhoria pra escola, conseguimos a reforma da escola isso é muito importante para os alunos, tudo que é reunião a gente faz aqui na escola, entrega de sacolão pra comunidade, a escola é um lugar nosso, da comunidade. (Cacique Vanderson Freitas, Aldeia Aldeinha, escola Guilhermina, novembro de 2023).

Ele destaca a colaboração estreita entre sua liderança, o conselho tribal e a escola, evidenciando um compromisso compartilhado em promover melhorias para a instituição. A conquista da reforma da escola é mencionada como um marco significativo, demonstrando como iniciativas práticas podem fortalecer a infraestrutura educacional e, por extensão, a qualidade da educação para os alunos. Além disso, ao mencionar que todas as reuniões ocorrem na escola e que a entrega de sacolões para a comunidade também é realizada lá, o cacique enfatiza a centralidade da escola como um ponto de encontro e apoio para a comunidade indígena.

Essa integração da escola com as atividades cotidianas da comunidade não apenas fortalece os laços entre a escola e a comunidade, mas também reforça a ideia de que a escola é um espaço compartilhado, onde as tradições e a identidade cultural são valorizadas e celebradas.

Essa análise evidencia a importância de parcerias entre a liderança tribal e a escola para promover um ambiente educacional que não apenas ensine os alunos, mas também os capacite como defensores de sua cultura e identidade.

A fala do cacique Vanderson destaca a importância da escola como espaço de luta, resistência e identidade Terena, reconhecendo o desafio de fazer valer os direitos conquistados no processo educacional. Ele ressalta a necessidade de apoiadores e colaboradores que possam contribuir para fortalecer o ensino da cultura Terena na escola.

No entanto, na escola esse processo de ensino sobre o nosso povo é importante instrumento e fazer valer esses direitos conquistados é desafiador. Nesse sentido apoiadores, colaboradores que podem contribuir para essa finalidade de valorizar o ensino da escola podem auxiliar. (Cacique Vanderson Freitas).

Essa análise sugere que o cacique reconhece a importância de uma abordagem colaborativa e multidisciplinar para garantir que a identidade Terena seja adequadamente representada e valorizada no ambiente escolar. Ao envolver apoiadores e colaboradores externos, a escola pode ampliar suas capacidades e recursos para oferecer uma educação mais inclusiva e culturalmente relevante, fortalecendo assim a identidade Terena e promovendo a resistência contra formas de opressão cultural.

A fala de Jussara, ex-coordenadora da escola Guilhermina, destaca a estreita relação entre a escola e a comunidade indígena, reconhecendo a importância dessa parceria para o fortalecimento da identidade, cultura, luta e resistência indígena.

Acredito que pode ser colocado primeiramente que a comunidade caminha com a escola. Diante desse aspecto, os diferentes momentos porque passou ou passará a nossa aldeia, continuará uma interligada a outra. Pode ainda ser citado que antes a busca por uma forma de repassar e mostrar a identidade como indígena e perceber o quanto é importante quanto ser humano com seus valores e culturas, com fins de combater o preconceito, por que muitos de nós passamos por comentários voluntários ou involuntários em determinados momentos por ser indígenas e por trazer características indígenas ou por morar na aldeia. E nessa compreensão de ser indígena, a escola pode colaborar com a comunidade para poder se defender e principalmente talvez não conseguimos extinguir a ignorância, o preconceito mas amenizar esse preconceito e seus impactos é necessário. É luta quase diário e posicionamento. (Jussara Nimbú, ex-coordenadora e liderança, novembro de 2023).

Ela enfatiza que a trajetória da aldeia está intrinsecamente ligada à da escola, sugerindo uma colaboração contínua e interdependente. Além disso, Jussara ressalta o papel fundamental da escola na promoção da identidade indígena e na conscientização sobre a importância dos valores e culturas tradicionais, como uma estratégia para combater o preconceito enfrentado pela comunidade. Ela enfatiza que embora a escola não possa eliminar completamente o preconceito, pode contribuir para amenizá-lo e seus impactos por meio da educação e do posicionamento ativo. Isto evidencia a visão de Jussara sobre a escola como um espaço de

resistência e empoderamento, onde a luta contra o preconceito é travada diariamente em colaboração com a comunidade.

A fala da Jussara oferece uma perspectiva rica e multifacetada sobre a escola como um espaço de luta, resistência e identidade Terena. Ela destaca a importância histórica da escola na aldeia, desde sua criação até sua atual forma, como resultado de uma luta contínua da comunidade.

Memória que trago do nosso povo antigo é que entre tantas lutas, foi de conseguir dar início e erguer uma pequena escola para que pudéssemos ter o ensino dentro da aldeia. Passado o tempo, a luta continuou, hoje a atual escola é parte concreta dessa luta. Dentre fatos ocorridos podemos observar: - O recurso da legislação como instrumento para a escola e comunidade. Ela pode ajudar nos enfrentamentos de problemas ou desafios. - A nossa aldeia, o nosso povo, antes deixado pra trás, hoje tem muitas conquistas. Relembrar que algumas pessoas não queriam saber da nossa aldeia, era malvisto por muitos, muitas pessoas temiam passar perto da aldeia, e se esqueciam que aqui moravam pessoas, sobretudo indígena. Mas, com lutas, o respeito e os direitos inclusos, aos poucos promoveram as conquistas, mas ainda assim, a luta continua. - Já na construção do prédio, onde hoje funciona parte administrativa da escola, foi necessário a ajuda da comunidade para descarregar os materiais de construções. E anteriormente funcionava consultório médico e o postinho da FUNAI, local em que faziam os documentos indígenas. E ainda tinha sala que era utilizado para diferentes acontecimentos como: reunião, festa, funeral e etc. - Pode-se citar a participação e colaboração das esposas de caciques, pouco conhecida, cuja função que desempenhavam era como cozinheiras, e junto com a equipe cuidavam da preparação das refeições na festa do dia do índio e algumas foram merendeiras na escola antiga e na escola desse nosso tempo. (Jussara Nimbú, ex-coordenadora e liderança, novembro de 2023).

Ao mencionar a utilização da legislação como um instrumento para enfrentar desafios, Jussara ressalta a importância da mobilização jurídica e política na defesa dos direitos educacionais indígenas. Além disso, ela destaca a transformação da percepção da aldeia ao longo do tempo, passando de um lugar marginalizado e temido para um local de conquistas e respeito, resultado direto das lutas e da promoção dos direitos indígenas. A narrativa também destaca a participação ativa da comunidade na construção e manutenção da escola, desde a descarga de materiais de construção até o apoio das esposas de caciques, cujo trabalho muitas vezes é pouco reconhecido. Essas experiências ilustram vividamente como a escola não é apenas um espaço de ensino, mas também um centro de mobilização, resistência e valorização da identidade Terena.

A fala do ex-cacique Enéias Campos destaca a escola como um espaço fundamental de luta, identidade Terena e resistência dentro da comunidade. Ele ressalta que a escola estadual indígena Guilherme da Silva desempenha um papel central no fortalecimento da identidade cultural Terena, promovendo aspectos como a língua materna, tradições, danças e comidas típicas.

Professor é avaliando a nossa escola é a gente vai comparar a nossa escola que quer a escola estadual indígena Guilherme da Silva é a gente avalia como a escola dentro da nossa aldeia ela acaba sendo o fortalecimento para a identificação da nossa cultura né entendeu é em questões da nossa língua materna em questões das nossas tradições tanto nas nossas danças como as comidas típicas então a nossa escola ela acaba sendo um fortalecimento para tudo isso né ela ela ela vem abranger todos esses fortalecimentos né da nossa identidade né é e sem contar sem contar nossa resistência né a nossa resistência que a gente vem lutando hoje pra pra ter a nossa cultura nossa identidade a nossa língua materna principalmente É e sem contar sem contar a nossa resistência né a nossa resistência que a gente vem lutando hoje pra pra ter a nossa cultura nossa identidade a nossa língua materna principalmente então eu avalio a escola dentro da aldeia né nessa parte e a nossa cultura não possa morrer a nossa língua materna inclusive é hoje nós temos na grade né grade escolar os professores que dão aula de língua materna, a nossa escola que é do perímetro urbano ela abraça todos os alunos tanto índio como não índio né ate memo não índio eles acabam gostando e aprendendo sobre a questão da nossa cultura e nossa língua materna entendeu então isso acaba fortalecendo né a nossa resistência no meio da sociedade. (Enéias Campos, ex-cacique da aldeia Aldeinha, outubro de 2023).

Enéias Campos enfatiza que a escola abraça e valoriza a cultura, oferecendo aulas de língua materna na grade escolar e integrando tanto alunos indígenas quanto não indígenas. Isso não apenas valoriza a cultura e a língua materna, mas também fortalece a resistência da comunidade contra as pressões da sociedade não indígena. Ao fornecer educação culturalmente sensível, a escola se torna um espaço onde a identidade e a resistência são cultivadas e transmitidas para as gerações futuras. Podemos evidenciar a importância da escola no papel cultural e social dentro da comunidade.

Na fala do ex-cacique Enéias, observa-se uma preocupação evidente com o fortalecimento da cultura e identidade Terena dentro do contexto escolar. Ele destaca a necessidade urgente de mais professores fluentes na língua materna Terena, a fim de garantir sua manutenção e transmissão para as gerações futuras.

Agora aqui no segundo item professor a gente vai falar sobre o melhoramento da escola por exemplo aqui na nossa escola que é no perímetro urbano é o que nós temos que melhorar hoje professor é inserindo mais professores com a nossa língua materna né quer dizer fortalecendo mais a nossa língua materna né e abrindo hoje tendo um diálogo a nível estadual né que eles venham né abrir mais exceção para mais carga horária eu acho que temos que ter mais carga horária para nossa língua materna uma vez tem poucos né a gente vê que os as carga horária na grade escolar hoje são poucas, a gente avalia dessa forma então hoje temos que ter mais é mais hora pros nossos filhos e pros alunos aprenderem mais sobre a nossa língua, sem contar que ela esta evaporada, esta sumindo, são poucos que falam hoje eu sou falante mais muito pouco, meus filhos são falante mais muito pouco, né meus pais que morreram meu pai memo ele falava cantava, né se pronunciava bem, mais infelizmente ela ta caindo ta tendo uma decadência muito grande né iiiii nossa língua materna é nossa identidade, né nossa identidade então eu vejo que tem que haver um melhoramento dessa parte voltada a nossa cultura uma vez que ela é escola indígena né a nossa escola qui ela foi dada até mesmo o nome da minha avó né Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, tá bom professor então eu acho que isso tem que ser uma melhoria é uma forma que eu penso né pra melhorar tem que ter mais carga horária pra nossa língua materna. (Enéias Campos, ex-cacique, aldeia Aldeinha, outubro de 2023).

Enéias Campos ressalta a importância de abrir um diálogo a nível estadual para aumentar a carga horária dedicada ao ensino da língua Terena, reconhecendo que o atual tempo destinado a essa matéria é insuficiente para manter viva a língua e identidade cultural do povo Terena. A menção da palavra decadência pelo ex-cacique Enéias refere-se ao desuso da língua materna e que este desuso pode prejudicar o ensinamento dos estudantes, já que muitos não tem com quem dialogar principalmente em casa, pois são bem poucos que ainda falam o idioma, nesse caso a preocupação do ex-cacique é que se tome algumas medidas eficazes para revitalizá-la. Ele também enfatiza a conexão intrínseca entre a língua materna e a identidade cultural, destacando a grande importância de fortalecer essa área na escola indígena. A sugestão de aumentar a carga horária dedicada à língua Terena demonstra um entendimento claro da necessidade de investimento educacional para garantir a continuidade cultural e linguística da comunidade Terena, mas isto não pode ser somente uma ação isolada da escola, mas sim com uma maior participação da comunidade para que este processo de revitalização seja completa.

Figura 27: Entrevista Evelin Hekeré.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2023.

Em entrevista na residência de sua mãe na aldeia Aldeinha, quando perguntado sobre qual a contribuição da escola para o fortalecimento da identidade, a professora Evelin Hekeré, destaca a significativa contribuição da Escola Indígena Guilhermina da Silva para o fortalecimento da identidade, cultura, luta e resistência indígena na comunidade da Aldeinha.

A principal contribuição da escola indígena para a comunicação da Aldeinha, é a legitimação da nossa etnia, através da escola hoje conseguimos revitalizar e fortalecer nossa cultura Terena por meios de ações nas danças, na linguagem fazendo com que nossas crianças, jovens, crianças e anciãos façam parte desse processo dentro e fora da escola, a educar escolar indígena é de suma importância para esse fortalecimento. (Evelin Hekeré, liderança feminina).

Ela enfatiza que a escola desempenha um papel fundamental na legitimação da etnia Terena, fornecendo um espaço onde a cultura e a identidade indígenas são revitalizadas e fortalecidas. Evelin Hekeré ressalta que isso é alcançado por meio de várias atividades, como danças e o uso da língua materna, envolvendo todas as faixas etárias da comunidade, desde crianças até anciãos. Ela reconhece a importância da educação escolar indígena nesse processo, destacando que é essencial para o fortalecimento contínuo da identidade e cultura Terena. Portanto demonstra como a escola se torna um centro vital de valorização cultural dentro da comunidade, onde as tradições são transmitidas e celebradas, contribuindo para a resistência contra as pressões externas e para a afirmação da identidade indígena.

A fala da Evelin Hekeré destaca o progresso e os resultados positivos alcançados pela educação escolar indígena na Aldeinha, ressaltando a importância de uma comunicação sólida e colaborativa entre diferentes atores, como a comunidade, o Conselho Tribal, o cacique e a escola.

A educação escolar indígena da Aldeinha é uma resposta que "sim!" temos resultados positivos temos um crescimento positivo de fizemos um comparativo dos últimos anos, uma comunicação bem alicerçada com o caminhar junto: Comunidade, Conselho Tribal, cacique e escola. Vamos ainda trabalhar para que nossa cultura seja mostrada ainda mais para todos, que não somos uma "vila" no município e sim que somos uma comunidade indígena que temos identidade e valor dentro de todos os espaços que transitamos. (Evelin Hekeré, liderança feminina, 2023).

Ela enfatiza o compromisso contínuo de fortalecer a presença e visibilidade da cultura Terena em todos os espaços, rejeitando a noção de que são apenas uma "vila" no município e reafirmando a identidade e o valor da comunidade indígena. Essa perspectiva contribui significativamente para a dissertação sobre a escola como espaço de luta, resistência e identidade Terena, pois ressalta a importância da educação como uma ferramenta para a afirmação cultural e a promoção da autodeterminação indígena. Além disso, a ênfase na colaboração entre diferentes partes interessadas destaca a necessidade de abordagens holísticas e comunitárias para enfrentar os desafios e fortalecer os laços identitários dentro e fora da escola.

Figura 28: Entrevista Anciã Dona Ivanir.



Fonte pessoal do pesquisador, 2023

A fala da anciã Ivanir Nimbú reflete uma preocupação genuína com a promoção e valorização da cultura e identidade Terena, especialmente no contexto da escola Guilhermina.

É, a escola Guilhermina tem uma resistência muito forte, a pesar que tem varias crianças que não é Terena mas elas querem participar das coisas dos Terena né, isso é muito bom, tem que aprender, olha não pode envergonhar de falar nosso idioma se alguém vir falar com você procura falar alguma coisa mais fácil pelo menos você ta falando né, não pode deixar de falar, porque essa língua Terena a língua materna é a melhor coisa que você tem que aprender, você pode aprender inglês, português, história e geografia, mas a sua língua não pode deixar morrer né, pra que amanhã depois vem seus filhos, seus netos. (Dona Ivanir Nimbú, anciã da comunidade).

Ela destaca a resistência existente na escola, mas também reconhece a participação de crianças não Terena interessadas em aprender sobre a cultura e tradições do povo. A anciã enfatiza a importância de não sentir vergonha de falar o idioma Terena, incentivando a comunicação na língua materna mesmo em situações desafiadoras. Ela ressalta que, embora seja oportuno aprender outras línguas e disciplinas, a revitalização da língua materna é essencial para garantir a continuidade da identidade cultural Terena para as gerações futuras. Essa reflexão evidencia a complexidade de equilibrar tradição e modernidade na educação, destacando a importância da língua e cultura materna como pilares fundamentais da identidade étnica e cultural.

A fala da anciã Ivanir Nimbú destaca a importância da escola Guilhermina na promoção da resistência da identidade Terena, especialmente através do ensino e prática do artesanato tradicional. Ela enfatiza a valorização da língua Terena como um pilar fundamental da identidade cultural, incentivando os alunos a não se envergonharem de falar sua língua materna e a perceberem sua importância para as gerações futuras.

É a escola Guilhermina tem uma resistência muito forte, a pesar que tem várias crianças que não é Terena mas elas querem participar das coisas dos Terena né, isso é muito bom, tem que aprender, olha não pode envergonhar de falar nosso idioma se alguém vir falar com você procura falar alguma coisa mais fácil pelo menos você tá falando né, não pode deixar de falar, porque essa língua Terena a língua materna é a melhor coisa que você tem que aprender, você pode aprender inglês, português, história e geografia, mas a sua língua não pode deixar morrer né, pra que amanhã depois vem seus filhos, seus netos vocês tem o que falar pra eles. E Eu acho que o tempo de melhorar, não é que pode melhorar tem que melhorar tem que ter uma pessoa adequado para trabalhar com artesanato eles precisam aprender, esses alunos aí precisam aprender fazer artesanato né, não é só no dia do índio, se chega uma pessoa aqui é de fora Ah que que você tem aí de artesanato não tenho nada como você pode apresentar o seu trabalho a sua comunidade porque a nossa comunidade é o nosso trabalho Vtuké[...]. Pra lá na frente nossos alunos falar que aprendi lá na escola Guilhermina né, as meninas pode aprender a fazer brinco colar, pulseira né tanta coisa, que no dia do índio tem aquele trabalho bonito cada um tem o seu trabalho pra fazer uma demonstração isso tem que ser o ano todo No momento de fazer uma recreação por exemplo, é bom hoje nós vamos trabalhar com artesanato né vem pra cá, vamos montar uma oficina, temos dinheiro para isso vamos montar, comprar sementes, se não podem buscar semente eu comprei semente muito tempo né é Açaí, é aquela sabonete de macaco que nois fala, tem várias tipos de sementes, olho de cabra, né e a gente montou bastante colar eu fiz cinto, eu tinha 30 mulheres aqui para trabalhar comigo nós fizemos comigo nos fizemos cintos é bolsas , olha bolsas com sementes coisa mais lindo, os brincando aquela filha do Tum a Neuzelha quem fez o cinto, veio um pessoal da Luterana, fizemos uma demonstração pra eles, eles enlouqueceram, levaram tudo o trabalho dela. Outra que eu tenho que dizer pra você como professor indígena ó, esse trabalho vai fortalecer pra que as pessoas venham aposentar os que tão andando agora, entendeu por que lá no INSS não tem nada, não tem nada dizendo que... tem sim que trabalha com artesanato, mas na hora de ir lá pra fazer a pericia é fazer a pesquisa lá, aí leva lá mostra que eu que fiz. (Anciã Ivanir Nimbú).

Ivanir Nimbú ressalta a necessidade de um compromisso contínuo com a valorização da cultura Terena, não apenas em ocasiões específicas como o Dia do Índio (19 de abril Dia dos Povos Indígenas), mas ao longo de todo o ano letivo. Ela propõe a integração do artesanato Terena no currículo escolar como uma forma de promover a aprendizagem prática e o orgulho da cultura local, destacando exemplos concretos de iniciativas bem-sucedidas nesse sentido. Além disso, Ivanir reconhece o potencial do artesanato como uma fonte de sustento econômico para a comunidade, especialmente para os mais velhos que se aproximam da aposentadoria. Sua abordagem evidencia uma compreensão holística da importância do ensino culturalmente relevante na escola, não apenas para fortalecer a identidade Terena, mas também para garantir o bem-estar e a continuidade cultural da comunidade a longo prazo.

Figura 28: Entrevista Sr. Milton Campos, presidente do Conselho tribal.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2023.

Entrevista realizada em sua residência, sentados à sombra de um pé de mangueira, onde tivemos uma boa conversa, onde na fala do Sr. Milton Campos, presidente do conselho tribal, fica evidente sua preocupação com a valorização e promoção da identidade e cultura Terena dentro do contexto escolar. Ele destaca a necessidade de um maior aprofundamento no ensino da cultura e língua Terena, tanto para crianças indígenas quanto não indígenas.

A gente como liderança tem visto que a gente precisa de aprofundar mais na nossa cultura [...], aprofundar mais um pouco, como os professores da o ensinamento pras crianças que não são indígenas né ta muito bem. Agora assim como nossa cultura, nossa língua, então ta um pouco de vagar né, sempre seria bom se acelerasse mais um pouquinho, se esforçasse mais um pouquinho para nois, nossas crianças falar mais um pouco nossa língua, então é pouco que fala né não tem conhecimento dessa língua Terena. Eu tenho certeza que a escola pode reforçar mais [...], que nois precisa de reforçar mais um pouco né, pode avançar mais um pouco. (Sr. Milton Campos, presidente do conselho tribal).

A crítica sutil à velocidade do processo de ensino-aprendizagem ressalta o desejo por um avanço mais acelerado na valorização da língua e tradições Terena. Sua visão é de que a escola tem um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural e linguística, mas aponta para a necessidade de um esforço adicional por parte dos educadores e das instituições para alcançar esse objetivo de forma mais efetiva.

Ao analisar a fala do Sr. Milton Campos sobre como a escola poderia fortalecer ainda mais a cultura e identidade Terena, ele destaca duas questões principais: a necessidade de recursos materiais e a importância de um corpo docente mais robusto.

Precisa de material, precisa também né como professor, tem só o professor Jessé, nesse quadro né, acho que é muito pra ele um professor só, acho que seria bom uns mais dois professores pra reforçar mais um pouco né professor, a nossa escola tem como, nós como liderança e escola acho que precisa senta e conversa sob a respeito

pra chegar lá em cima fazer esse pedido [...], tem que aparecer mais essa nossa cultura ta meio, ela aparece é muito fraco ainda né. (Sr. Milton Campos, presidente do conselho tribal).

Ao mencionar a carência de material e recursos, ele aponta para uma deficiência estrutural que limita as possibilidades de ensino e aprendizagem sobre a cultura Terena. Além disso, ao expressar preocupação com o número insuficiente de professores, especificamente mencionando apenas um professor que ministra as aulas de língua materna, o Sr. Milton destaca a sobrecarga enfrentada por esse educador e sugere que a adição de pelo menos mais dois professores poderia melhorar a qualidade e abrangência do ensino. Sua observação sobre a necessidade de uma conversa entre liderança e escola para direcionar pedidos de recursos evidencia uma postura proativa em busca de soluções para fortalecer a presença e representação da cultura Terena na escola. Sua fala reflete uma visão realista das limitações atuais da escola e aponta para a necessidade de uma abordagem colaborativa para alcançar o objetivo de fortalecer a cultura e identidade Terena dentro do ambiente escolar.

A experiência compartilhada pelo Sr. Milton Campos evidencia a importância da escola Guilhermina como um centro de luta e resistência pela identidade cultural Terena. Ele descreve momentos em que a comunidade, juntamente com os líderes e a escola, uniu esforços para enfrentar desafios e defender seus direitos. Desde as idas às autoridades locais para solicitar melhorias na estrutura física da escola até a mobilização para proteger o território contra invasões, o relato destaca a determinação e o envolvimento de todos os membros da comunidade, incluindo professores e alunos, na defesa de sua cultura e território.

Sim, eu acumpamhei vários caciques pra fazer esses pedidos de melhoria da escola, eu tenho uma lembrança da nossa escola que era de madeira né, a gente foi lá, as vezes ficava lá, antigamente nois ia cedo, as vezes seu Pedro Jorge levava sua matulinha dele cada um fazia né, nois comia, cada um dava um pouco pra cada um nois comia [...], as vezes ficava o dia inteiro lá sem almoço, mas a gente voltava feliz as vez trazia o retorno de lá, fala que consegui fala, consegui entrega o pedido né, mas a gente cansou de ir lá e ter que toma o café cedo e vorta do memo jeito lá de novo né [...]. Nois tava na reunião lá na aldeia Buriti, quando ligaram pra nois, qui os caras tavam jogando entulho aqui no campo, então ai foi quase meio dia quando ligaram pra nois falou que os caras ja tinham jogado uma caçambada ali na frente do campo jogado no meio tava jogando outro entulho, então de lá nois viemo, aí a professora a Ju, e os demais professores veio descera com os alunos ajuda nois na luta aqui no campo, as crianças vieram tudo aqui na pra não deixar o caminhão entra mais, ai nois chegemo de lá nois fomo na delegacia fomo lá fala com o delegado pedi pra não jogar, o cara chegou lá e jogou não comunicou ninguém, falei assim tem alguém que ta tomando conta daquele lugar, como que o cara vai chegando e jogando assim sem falar com ninguém. Então nois viemo aqui o pessaol queria prender o caçamba de entulho, ai ele voltou de ré [...]. Aquele dia foi uma luta grande onde todo mundo se envolveu, a comunidade, a escola né, professor e aluno veio tudo pra cá da força praa nois aqui. Quando criou também a escola eu tenho uma lembrança qui, quem trouxe a policia foi aquele Mario lá da Casa Bom Gosto, aí aquela época o o cacique era o Pedro Jorge, aí a turma foi tudo pra lá, foi enxada, foice, machete, ficamo esperando ele ali, a policia ficou de frente com nois ali, por causa da área da escola, porque ali era um bananal e mandiocal dele, nois tava roçando ali, da Casa Bom Gosto tinha

comprado ali [...], mais não foi fácil também foi uma luta, até pra construir a escola teve luta, na época do seu Daniel, Tito, Marcelino, Félix, Aristite, Valério que já se foi, Ivo Alexandre, todos faziam parte da liderança Pedro Jorge, seu Eli, Elias, eu também tava no meio com eles né, tudo já se foi então a luta deles ficaram ali né ficou de lembrança muito tem uma marca, um dedinho de trabalho, tudo isso aconteceu aqui com nós. (Sr. Milton Campos, presidente do conselho tribal).

A narrativa também ressalta a persistência e a resistência ao longo do tempo, desde os primeiros esforços para construir a escola até as batalhas mais recentes pela garantia do espaço e da cultura. Essas experiências são fundamentais não apenas para a memória coletiva da comunidade Terena, mas também para fortalecer o senso de identidade cultural e a coesão social dentro da comunidade. Parte superior do formulário

3.6 Resultados das análises.

Os resultados das entrevistas revelaram a importância da escola na promoção da valorização da identidade cultural indígena. Foi observado que os alunos, tanto indígenas quanto não indígenas, reconhecem a escola como um espaço essencial para a valorização da identidade cultural indígena, destacando as práticas culturais e o ensino da língua materna. Além disso, a escola desempenha um papel significativo na luta e resistência indígena, mantendo vivas as tradições e promovendo atividades pedagógicas que contribuem para a valorização da cultura Terena. A escola também contribui para a desconstrução de estereótipos sobre os povos indígenas, permitindo uma representação mais autêntica e respeitosa da cultura e identidade indígena. A participação ativa da comunidade foi destacada como fundamental para o fortalecimento da identidade cultural e para a promoção de práticas pedagógicas interculturais na escola. A criação de projetos de educação diferenciada, que respeitam e celebram a diversidade cultural, foi apontada como uma estratégia importante para a valorização da cultura Terena e para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Esses resultados ressaltam a importância da escola como um espaço de resistência, valorização cultural e promoção da identidade indígena, evidenciando o impacto positivo das práticas pedagógicas interculturais e do envolvimento da comunidade na educação escolar indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se compreender como a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva atua como um espaço de luta e resistência frente às adversidades culturais e sociais, bem como sua contribuição para a valorização da cultura e saberes tradicionais da comunidade Terena. O objetivo geral foi analisar o papel desempenhado pela escola na promoção da resistência e na valorização da identidade indígena Terena, considerando suas práticas pedagógicas interculturais e a contribuição de lideranças e pessoas que tiveram papéis fundamentais na sua construção.

Os objetivos específicos delineados inicialmente foram integralmente contemplados ao longo dessa dissertação. A história da escola foi explorada, destacando os processos de sua construção e consolidação na aldeia Aldeinha de Anastácio, o que permitiu contextualizar a importância da instituição no cenário educacional e cultural da comunidade Terena. O papel das lideranças na construção da escola também foi analisado, evidenciando sua contribuição para a promoção da resistência e identidade Terena.

Ao compreender a história da escola Guilhermina, ficou evidente que sua criação foi fruto de uma luta árdua e persistente da comunidade da Aldeinha. Desde os primeiros esforços para estabelecer uma escola dentro da aldeia até a atualidade, a escola tem sido um ponto focal para a resistência cultural e a valorização dos conhecimentos tradicionais. A memória compartilhada pelos líderes comunitários, como o ex-cacique Enéias e a anciã Ivanir, revela os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas ao longo do tempo. A escola não só representa um local de aprendizado, mas também um símbolo de determinação e empoderamento para a comunidade.

A relação entre a escola e a comunidade Terena foi analisada, identificando como a instituição busca envolver e engajar os membros da comunidade no processo educacional. Isso destacou a importância da participação comunitária para fortalecer a identidade cultural e promover práticas pedagógicas interculturais. Percebe-se que a escola tem desempenhado um papel fundamental na afirmação da identidade, da língua e da cultura Terena, bem como na formação de cidadãos críticos, conscientes e participativos.

A participação ativa dos líderes comunitários, como o cacique Vanderson e a liderança Evelin Hekeré, destaca o apoio contínuo da comunidade à escola e seu compromisso em garantir que os valores e tradições Terena sejam transmitidos às gerações futuras. A colaboração

entre a escola e outros setores da comunidade, como o conselho tribal e as famílias dos alunos, fortalece ainda mais essa conexão e reforça o papel da escola como um centro de resistência cultural.

A escola também tem sido um espaço de luta e resistência frente às dificuldades impostas pela sociedade envolvente, como a discriminação, a violência, a falta de recursos e a invisibilidade. A escola tem contado com o apoio e o envolvimento da comunidade, que reconhece a sua importância e a sua legitimidade como uma instituição educacional diferenciada e específica.

Além disso, a pesquisa incluiu a criação de um produto pedagógico baseado na narrativa cultural Orekajuvakái, que promove a compreensão da identidade e história do povo Terena. Este produto contribuiu para a promoção e valorização da herança cultural, reforçando a afirmação identitária e a importância da história do surgimento do Povo Terena.

Nas práticas pedagógicas da Escola Guilhermina da Silva, observamos uma abordagem intercultural que valoriza e incorpora os saberes tradicionais. Através de projetos educacionais que destacam a língua materna, a história, a cultura e os costumes indígenas, a escola proporciona aos alunos um ambiente de aprendizado enraizado em sua identidade cultural. A fala da professora Jussara, ao destacar a importância de eventos como o Dia 19 de abril na escola, ilustra como essas práticas contribuem para fortalecer o orgulho e a autoestima dos alunos Terena.

Diante do exposto, conclui-se que a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva não é apenas um espaço físico de aprendizado, mas um símbolo de resistência e afirmação da identidade Terena. Através de suas práticas pedagógicas interculturais, sua relação estreita com a comunidade e seu compromisso com a valorização dos saberes tradicionais, a escola se destaca como um exemplo inspirador de como a educação pode ser uma ferramenta poderosa na promoção da resistência cultural e na valorização da identidade indígena.

Apesar dos esforços de resistência e das conquistas alcançadas, é importante reconhecer que ainda existem diversas adversidades a serem superadas no contexto da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Como ressaltado pelas falas dos professores e anciãos, algumas dessas dificuldades incluem a falta de autonomia e flexibilidade curricular para trabalhar de forma mais ampla e aprofundada com a cultura Terena, a escassez de materiais pedagógicos na língua materna e o desafio do reconhecimento por parte dos próprios estudantes da riqueza intrínseca de sua própria cultura e língua. Essas questões evidenciam a necessidade contínua de investimentos, capacitações e políticas educacionais que valorizem e fortaleçam efetivamente

a identidade e os saberes tradicionais das comunidades indígenas, visando construir para uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

Que este estudo sirva como um tributo às lutas passadas e como um guia para as batalhas futuras em prol da dignidade e do empoderamento do povo Terena.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes orais.

Entrevista nº 1 realizada com os estudantes não indígenas, realizada em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 2 realizada com os estudantes indígenas, realizada em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 3 realizada com a professora Ana Carina Paulo, em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 4 realizada com o professor Eliezer Cece, em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 5 realizada com Haradia Paulo em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 6 realizada com Bruno Jorge em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 7 realizada com Nilton Campos em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 8 realizada com a professora Evelin Hekeré em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 9 realizada com a professora Eva Francisco em outubro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 10 realizada com a professora Fernanda Lopes em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 11 realizada com o professor Jessé Nimbú em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 12 realizada com a diretora Josefa Luzia em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 13 realizada com a professora Daniele Pereira em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 14 realizada com o senhor Milton Campos em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 14 realizada com a senhora Ivanir Nimbú em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 16 realizada com o ex-cacique Enéias Campos em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 17 realizada com a ex-coordenadora Jussara Nimbú em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 18 realizada com a professora Thiara Borlinques em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 19 realizada com o coordenador José Machuca de Andrade em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

Entrevista nº 20 realizada com a coordenadora Irany Batista em novembro de 2023 (Arquivo pessoal).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.
- CASTRO, Iára Quelho de., 2010. *De Chané-Guaná a kinikinau: da construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- DE PAULA, Eunice Dias. *A interculturalidade no cotidiano de uma escola indígena*. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, Dezembro/99.
- DIAS, Edemilson. *A contribuição da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva para a comunidade Terena da Aldeia Aldeinha no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS 2023.
- FALCÃO, Andréa Bezerra. *A ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE INDÍGENA POTIGUARA: olhares dos educandos indígenas da Educação de Jovens e Adultos do Município de Baía da Traição-PB*. João Pessoa – PB 2017.
- LUCIANO, Gersém José dos Santos. *DUCAÇÃO INTERCULTURAL: DIREITOS, DESAFIOS E PROPOSTAS DE DESCOLONIZAÇÃO E DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL*. Cadernos CIMEAC – v. 7. n. 1, 2017. ISSN 2178-9770 Uberaba – MG, Brasil.
- MEIRA, Francieli De Oliveira. *O papel da escola na (re)afirmação da geografia do povo Terena em Mato Grosso do Sul*. Dourados-MS, 2022.
- MOURA, Noemia dos Santos Pereira. *UNIEDAS: O SÍMBOLO DA APROPRIAÇÃO DO PROTESTANTISMO NORTE-AMERICANO PELOS TERENA (1972-1993)*. Dourados-MS, 2001.
- NASCIMENTO, Elisangela Castedo Maria do. PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. *A INTERFERÊNCIA DA INTERCULTURALIDADE NA PRÁTICA DA CULTURA INDÍGENA TERENA NA ESCOLA GUILHERMINA DA SILVA EM ANASTÁCIO – MS*. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Aquidauana, v. 1, n. 3, p. 109-122, dez. 2016.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna; prefácio de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. *CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA ALDEINHA, EM ANASTÁCIO, MATO GROSSO DO SUL*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS 2017.

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. *VUKAPANAVO SÊNO TERENCE: A PRESENÇA DAS MULHERES TERENA NO MOVIMENTO INDÍGENA - DESAFIOS E PERCURSOS*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS 2023.

PEREIRA, Levi Marques. *Os Terena de Buriti: as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica*. / Levi Marques Pereira. – Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

PEREIRA, Rosenildo. *A luta do Povo Terena por chão e giz: a importância da implantação da Escola Elio Turi Rondon para o Povo Terena de Mato Grosso* / Rosenildo Pereira. – Barra do Bugres, 2016. – Barra do Bugres, 2016.

PIRES, Edmundo. *A história de Aldeinha no município de Anastácio Mato Grosso do Sul e sua inserção no processo de territorialização Terena (1932-2014)*. 2015. Dissertação (Mestre em História) Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados- MS.

ROHDT, Reinaldo Paulo. *ALDEIA ALDEINHA: Registro e memórias sobre sua história*. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História, Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, CPAQ, 2016.

SOUZA, Sandra Cristina de, *ALDEINHA: Mas onde é mesmo a aldeia? Organização Social e Territorialidade*. PUC, São Paulo 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

APÊNDICES

Pedido de Autorização para Realização de Pesquisa na Comunidade Terena Aldeia Aldeinha

Prezado Cacique Vanderson Silva de Freitas,

Espero que esta mensagem o encontre bem. Como sabe, sou Reinaldo Paulo Rohdt, membro da comunidade Terena e mestrando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGCECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" (UNEMAT). Além disso, sou professor da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, localizada na aldeia Aldeinha. Neste contexto, estou empenhado em conduzir uma pesquisa de mestrado com o título "A escola como espaço de luta, resistência e identidade Terena - Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva."

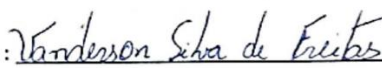
Esta pesquisa tem como objetivo explorar e compreender o papel da escola na promoção da identidade cultural Terena, na luta pela preservação das tradições e na resistência às adversidades enfrentadas pela nossa comunidade. Acredito que esta pesquisa pode contribuir significativamente para destacar os desafios e sucessos da comunidade Terena, bem como o papel da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na preservação de nossa cultura e identidade.

Para conduzir essa pesquisa de forma ética e respeitosa, busco a sua autorização formal, bem como o apoio da liderança da comunidade. Compreendo a importância de respeitar as práticas e protocolos da nossa comunidade e estou disposto a ajustar meu trabalho de acordo com suas diretrizes.

Solicito, respeitosamente, a sua autorização para realizar a pesquisa na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva e na comunidade Aldeia Aldeinha. Assumo o compromisso de respeitar a privacidade e os direitos de todos os envolvidos na pesquisa, bem como de compartilhar os resultados de maneira a beneficiar a nossa comunidade.

Estou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que o senhor possa ter ou para discutir detalhes adicionais da pesquisa. Sua autorização e orientação são de extrema importância para mim.

Para formalizar o consentimento, peço que o senhor assine abaixo:

Assinatura do Cacique Vanderson Silva de Freitas:   Vanderson Silva de Freitas.
CACIQUE
Aldeia Aldeinha
Anastácio - MS

Local e Data: Aldeia Aldeinha – 09 de novembro de 2023

Agradeço profundamente por considerar este pedido e estou ansioso para receber suas orientações e aprovação.

Atenciosamente,

Reinaldo Paulo Rohdt

Pedido de Autorização para Realização de Pesquisa na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva

Prezada Diretora Josefa Luzia da Silva,

Espero que esta mensagem a encontre bem. Sou mestrando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGCECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" (UNEMAT). E como sabe, também sou professor na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, onde tenho o privilégio de trabalhar ao lado da comunidade Terena e da equipe escolar.

No contexto da minha pesquisa de mestrado, intitulada "A escola como espaço de luta, resistência e identidade Terena - Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva", busco compreender o papel fundamental desta escola na promoção da identidade cultural Terena, na luta pela valorização das tradições e na resistência às adversidades enfrentadas pela comunidade.

Para conduzir essa pesquisa de maneira ética e respeitosa, é fundamental obter a sua autorização formal para realizar a pesquisa na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. A sua orientação como Diretora é essencial, e respeitarei todas as diretrizes e protocolos estabelecidos pela escola.

Solicito, respeitosamente, a sua autorização para conduzir a pesquisa na escola, interagindo com estudantes, pais, professores e demais membros da comunidade escolar. Comprometo-me a respeitar a privacidade e os direitos de todos os envolvidos na pesquisa e a compartilhar os resultados de forma a beneficiar a escola e a comunidade.

Se necessário, estou à disposição para discutir detalhes adicionais da pesquisa ou esclarecer quaisquer dúvidas que a senhora possa ter.

Para formalizar o consentimento, peço que assine abaixo:

Assinatura de Diretora Josefa Luzia da Silva:

Josefa Luzia da Silva

Local e data: Anastácio/ Aldeia Aldeinha, 09 de novembro de 2023.

Josefa Luzia da Silva
Diretora
Resol.SED Nº 178 de 09/02/2022

Agradeço profundamente por considerar este pedido e estou ansioso para receber a sua orientação e aprovação.

Atenciosamente,

Reinaldo Paulo Rohdt

Caro(a) Participante,

É com grande entusiasmo que apresento a pesquisa intitulada "A escola como espaço de luta, resistência e identidade Terena - Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva." Esta pesquisa tem como objetivo explorar e compreender o papel fundamental desempenhado pela Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na promoção da identidade cultural, na luta e resistência, bem como no fortalecimento da comunidade Terena.

A Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, localizada na aldeia Aldeinha, tem desempenhado um papel importante na vida dos estudantes, pais, professores, lideranças indígenas e anciãos da comunidade Terena. Este espaço educacional não é apenas uma instituição de ensino, mas um ponto de encontro e valorização das tradições e valores culturais Terena. Acreditamos que esta escola é um exemplo de como a educação pode servir como um alicerce para a identidade, a promoção cultural e a luta por direitos e reconhecimento.

Neste contexto, sua participação é de suma importância para o sucesso desta pesquisa. Através da coleta de dados e opiniões de diferentes públicos, incluindo estudantes, pais, professores, lideranças indígenas e anciãos, esperamos obter insights significativos sobre como a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva impacta a comunidade Terena. Suas experiências e percepções são inestimáveis para a compreensão desse espaço educacional único.

Este questionário faz parte da fase inicial de nossa pesquisa. Suas respostas nos ajudarão a traçar um quadro completo das experiências, desafios e sucessos vivenciados na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Ressaltamos que todas as informações fornecidas serão tratadas com o mais rigoroso sigilo e confidencialidade, e seus direitos como participante serão respeitados em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa.

Agradecemos profundamente por sua contribuição e engajamento na nossa pesquisa. Com a sua ajuda, esperamos contribuir para a compreensão e valorização da educação indígena, bem como da rica cultura e identidade Terena.

Atenciosamente.

Reinaldo Paulo Rohdt

Docente do Quadro de Professores da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva
Mestrando em Ensino e Docência Intercultural -

Questionário para Estudantes Indígenas:

Seção 1: Informações dos Participantes

1. Nome:
2. Idade:
3. Etnia Indígena:
4. Série/Ano na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva:

Seção 2: Identidade, Cultura e Luta Indígena

5. Em sua opinião, como a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva promove a preservação da identidade cultural indígena?

- ☐ Através do currículo escolar
- ☐ Celebrando festivais e tradições indígenas
- ☐ Envolvendo a comunidade indígena nas atividades escolares
- ☐ Outro (especifique): _____

6. Você acredita que a escola desempenha um papel importante na luta e resistência indígena? Se sim, como?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

7. O que você acha que a escola poderia fazer para fortalecer ainda mais a cultura e a luta indígena?

Seção 3: Comentários Finais

8. Por favor, compartilhe qualquer experiência ou pensamento adicional que você acredita ser relevante para a pesquisa.

Questionário para Estudantes Não Indígenas:

Seção 1: Informações dos Participantes

1. Nome (opcional):
2. Idade:
3. Etnia (caso não indígena):
4. Série/Ano na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva:

Seção 2: Consciência sobre Identidade e Cultura Indígena

5. Você acredita que a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva promove a valorização da identidade cultural indígena?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não tenho certeza

6. Qual a sua compreensão sobre a importância da cultura indígena na escola?

☐ Muito importante

☐ Importante

☐ Pouco importante

☐ Não é importante

Seção 3: Comentários Finais

7. Por favor, compartilhe qualquer experiência ou pensamento adicional que você acredita ser relevante para a pesquisa.

Questionário para Pais/Responsáveis:

Seção 1: Informações dos Participantes

1. Nome (opcional):
2. Relação com o estudante (pai/mãe/responsável):
3. Nome do estudante:
4. Série/Ano do estudante na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva:

Seção 2: Percepção sobre a Escola

5. Como você percebe que a escola promove a identidade cultural indígena de seu filho/filha?

- ☐ Através do currículo escolar
- ☐ Celebrando festivais e tradições indígenas
- ☐ Envolvendo a comunidade indígena nas atividades escolares
- ☐ Outro (especifique):

6. Qual é o impacto da escola na vida e na luta indígena de seu filho/filha?

Seção 3: Comentários Finais

7. Por favor, compartilhe qualquer experiência ou pensamento adicional que você acredita ser relevante para a pesquisa.

Questionário para Professores:

Seção 1: Informações dos Participantes

1. Nome
2. Tempo de serviço na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva:
3. Disciplina(s) lecionada(s):

Seção 2: Contribuição da Escola para a Identidade e Cultura Indígena

4. Como você acredita que a escola contribui para o fortalecimento da identidade, cultura, luta e resistência indígena?

- ☐ Através do currículo escolar
- ☐ Organizando eventos culturais indígenas
- ☐ Envolvendo a comunidade indígena nas atividades escolares
- ☐ Outro (especifique):

5. Quais desafios você enfrenta ao promover a cultura indígena na sala de aula e na escola em geral?

Seção 3: Comentários Finais

6. Por favor, compartilhe qualquer experiência ou pensamento adicional que você acredita ser relevante para a pesquisa.

Questionário para Lideranças Indígenas e Anciãos:

Seção 1: Informações dos Participantes

1. Nome:
2. Função na comunidade (liderança/ancião):
3. Relação com a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva:

Seção 2: Avaliação da Escola

4. Como você avalia a contribuição da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva para o fortalecimento da identidade, cultura, luta e resistência indígena na comunidade? _____

Seção 3: Sugestões e Comentários

5. Que sugestões você tem para melhorar ainda mais o papel da escola na promoção da cultura e identidade indígena?

Seção 4: Comentários Finais

6. Por favor, compartilhe qualquer experiência ou pensamento adicional que você acredita ser relevante para a pesquisa.

ANEXOS

Anexo I – Ata da escolha como Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva

Cita nº 08/2004.

Cos vinte dois dias do mês de julho de dois mil e quatro, reuniram-se na Escola Guilhermina da Silva, às cinco horas e cinquenta e sete minutos o presidente da associação da comunidade da Aldeia o sr. Antônio da Silva deu as boas vindas aos participantes, colocando a disposição de todos a liberdade de escolha quanto ao órgão que irá assumir a Escola, se estado ou o município. O sr. Antônio da Silva passou a palavra para o professor Edmilson Dias colocou o seu ponto de vista sobre quem vai criar a escola. O professor Edmilson Dias deu a palavra para o diretor Paulo Baltazar e deu seu ponto de vista, onde tem experiência lá na sua aldeia Bananal. A comunidade teve oportunidade de falar o seu ponto de vista quem irá criar a escola. O membro de conselho sr. Daniel Jorge da Silva deu seu ponto de vista aos presentes na reunião, disse que a escola deveria ser criada pelo Estado. O sr. Milton Campos disse que a escola deveria ser criada pelo município, pois o mesmo está mais próximo para reivindicar recursos para a escola, enquanto se for criada pelo Estado, o acesso será bem mais complicada para reivindicar recursos.

O total de presentes de membros da comunidade foram quarenta e três participantes, onde votaram a favor do município dezoito pessoas e vinte e cinco pessoas optaram pelo Estado. A comunidade decidiu juntamente com a liderança em assembleia que foi convocada pelo presidente do ACA associação da comunidade da aldeia de Anastácio, MS, sr. Antônio da Silva quem manterá a escola Guilhermina da Silva será o Estado. Nada mais a relatar eu Jane Corrêa Dias, encerro a presente ata que vai assinada por mim e pelos presentes.

Agelino, Conselheiro Fiscal: Daniel Jorge, José Félix 11
 x Ulleiro C. Gontêa disse Ribeiro Aparecida Martins
 Nelson Padua dos Santos Elias como gâs
 Edina do Carmo Elizabetti e do Carmo da Silva
 Amide de Almeida Zague Aguedo e Aguedo
 Sra do ATELLO Antonio Monteiro T. T. D. N. Silva
 Adelaide de Oliveira Maria Madalena P. Silva, Lilia, Rayssa Martins.
 Marcelo D. S. Engual e Martins Ribeiro Bonfina
 Austino Valério José de Oliveira Jo. Idonevalva
 Wagner Sandoia Glória dos Ilos Célia Campos de Silva
 Edilma eorgeta Silva, Queira Campos da Silva
 Selia R. Campos Louisa Campos Azemiro Cristóvão Carvalho
 Adriana Gzevedo Gomes, Marizete Lourenço Campos, Eli de
 Níspin Domitio Jorge da Silva, Patricia da Silva.
 Milton S. Campos, ~~Francisco~~ Morais, ~~Patricia~~
 Loro Alexandu Cordeiro ~~Francisco~~ ~~Patricia~~ ~~Francisco~~ ~~Patricia~~

ANEXO II – Produto Pedagógico



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO CAMPUS
UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



REINALDO PAULO ROHDT

**A TRANSMISSÃO DO MITO DO POVO TERENA NA ESCOLA
ESTADUAL INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA:**
Uma proposta de valorização da cultura e da língua terena no ensino
médio.



ALDEIA ALDEINHA – ANASTÁCIO/MS
NOVEMBRO / 2023

RESUMO:

Este produto educacional, parte integrante da dissertação de mestrado profissional intitulada “A Escola como Espaço de Luta, Resistência e Identidade Terena: Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva”, é um plano de aula desenvolvido na própria escola. Ele tem como objetivo principal fortalecer a identidade cultural Terena. A atividade central do plano envolve a apresentação e discussão de mitos Terena, seguida de uma expressão artística. A implementação deste plano demonstrou ser eficaz em promover a reflexão cultural, estimular a expressão artística e valorizar a língua Terena. Durante a implementação, foram obtidas observações importantes que apontam para melhorias futuras, incluindo a promoção da autonomia dos estudantes e o uso de tecnologias. Este produto educacional destaca o papel fundamental que a escola desempenha na promoção da cultura e língua Terena.

KALIHÚ KOETI YUHÔTI

Enepone ómobe rá ihíkavoti, po'ínunemaka né yutóeti ítuke mestradu, hara kôe tituluna: "Enepone ihíkavoti óvoku lútaxea, koane kóxunakeovo éxokea kíkoku ítúkeovo né têrenoe, úkeakune yane ihíkaxovokuti: Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva". Ituhíkoane né ihíkaxoti né ihikaxope. Ká'aye ítúko âha ítóponea, ákoyea áuke'e ítúkeovo né têrenoe, enepone koati xúnati yuhôti énone ne exetinahí kixoneti, koeku koyúhoyeahiko, po'á kixoa, hane íhaxeahiko "expressão artística" ya purútuyeke. Koeku usó'iyea ne isonêuti ukeati xokoyo rá ihíkavoti, iyuseo ukóponea unáko éxeoko né kíkoku ítúkeovo né têrenoe, hane évekoa ya "expressão artística", Yoko xúnati iháyukea emó'u têrenoe. Kôeku ko'ítukeyeokono tá ihíkavoti, noixokono iyúseyea unátiyeamo kôeku káxe keno'ókotihiko, koane tumúnemo yóno ukóponea xunáko, koane éxone né ihíkaxovotihiko iháxoneti "tecnologia" tá purútuyeke. Enepo pôreu ne ihíkaxovoti koati koutáta'ixoati ítúkovo ne ihíkaxovokuti ítúkovo kapayasokoati né kíkoku ítúkeovo, Yóko'o ne emó'u têrenoe.

ABSTRACT:

This educational product, an integral part of the professional master's dissertation titled “The School as a Space for Struggle, Resistance and Terena Identity: Guilhermina da Silva Indigenous State School”, is a lesson plan developed at the school itself. Its main objective is to strengthen the Terena cultural identity. The central activity of the plan involves the presentation and discussion of Terena myths, followed by an artistic expression. The implementation of this plan proved to be effective in promoting cultural reflection, stimulating artistic expression, and valuing the Terena language. During the implementation, important observations were made that point to future improvements, including the promotion of student autonomy and the use of technologies. This educational product highlights the crucial role that the school plays in promoting Terena culture and language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
OBJETIVOS DO PRODUTO EDUCACIONAL	4
Objetivos Específicos.....	4
DESCRIÇÃO DO PLANO DE AULA.....	5
IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE AULA.....	7
ANÁLISE E REFLEXÃO	12
MELHORIAS E RECOMENDAÇÕES FUTURAS	17
REFERÊNCIAS	18
ANEXOS.....	19

INTRODUÇÃO

Este produto educacional é o resultado da experiência e visão de um pesquisador indígena da etnia Terena, docente na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Ele é fundamentado na dissertação de mestrado profissional do autor, intitulada “A Escola como Espaço de Luta, Resistência e Identidade Terena: Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva”.

O estudo busca compreender a escola indígena como um espaço de luta e resistência, bem como um fator de fortalecimento da identidade cultural Terena. Através deste produto pedagógico, pretendemos concretizar e reforçar a ideia central de que a escola indígena tem um papel fundamental no processo de fortalecimento identitário.

A proposta de transmissão do mito do povo Terena, por meio dos debates e reflexões etambém da expressão artística visual, que utiliza a terra como pigmento natural, se alinha ao propósito maior de valorizar a cultura e promover o uso da língua Terena no âmbito do ensino médio.

A atividade proposta foi realizada com os estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio, oferecendo-lhes uma oportunidade singular de reflexão sobre a história e a cultura do povo Terena. Além do que foi sugerido, observa-se a possibilidade de diversas outras práticas pedagógicas a partir dos mitos, indicando um horizonte amplo e enriquecedor de atividades educacionais que promovam a valorização das tradições e identidade cultural.

OBJETIVOS DO PRODUTO EDUCACIONAL

O principal objetivo deste produto educacional é fortalecer a identidade cultural Terena através da educação. Acreditamos que a escola desempenha um papel significativo na valorização e promoção da cultura e língua Terena, e este produto educacional foi desenvolvido com esse propósito em mente.

Os objetivos específicos do produto educacional são:

- Promover a Reflexão Cultural: Através da discussão e reflexão sobre os mitos do povo Terena, pretendemos incentivar os alunos a pensar profundamente sobre sua própria cultura e história.
- Estimular a Expressão Artística: A atividade de pintura não é apenas uma forma de expressão artística, mas também uma maneira de conectar os alunos com a cultura Terena. Ao

usar a terra como pigmento natural, os alunos podem se sentir mais próximos de suas raízes culturais.

- Valorizar a Língua Terena: Ao incentivar os alunos a apresentarem os elementos dos mitos em Terena durante a atividade, esperamos promover o uso e a valorização da língua Terena no ambiente escolar.

- Fortalecer a Identidade Cultural: No geral, o objetivo deste produto educacional é ajudara fortalecer a identidade cultural Terena. Através da educação, podemos ajudar a preservar a cultura Terena para as futuras gerações.

DESCRIÇÃO DO PLANO DE AULA

O plano de aula “A História do Povo Terena a Partir dos Mitos”, anexado ao final deste trabalho, foi desenvolvido para alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio. A atividade, dividida em 5 etapas, com duração de 2 horas/aula, é centrada na apresentação e discussão dos mitos Terena. Segundo Bittencourt e Ladeira (2000) os mitos, presentes em todas as culturas, são mais do que histórias - são expressões da visão de mundo de um povo, refletindo suas crenças, valores e tradições.

No caso do povo Terena, os mitos fornecem uma rica fonte de conhecimento sobre sua história e cultura, e variam conforme os diferentes momentos e situações vividas na construção de sua história. São apresentadas pelas autoras acima citadas duas versões diferentes do mito da criaçãodo povo Terena. A primeira versão foi resumida em 1995 por professores da Aldeia Cachoeirinha:

Havia um homem chamado Oreka Yuuakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho o olhando com o que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi.

Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuuakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco.

Oreka Yuuakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia. Finalmente ele convidou o sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso pois todos esses povos deram gargalhada, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuuakae que estavam com muito frio. "

A outra versão, segundo Bittencourt e Ladeira (2000), apresentada abaixo, foi transcrita em 1947, quando um antropólogo estudioso do povo Terena, em umas das suas visitas aos postos indígenas do estado de São Paulo:

“Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi. vítuka, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos Orekajuvakái que eram dois homens e estes tiraram a gente do buraco.

Antigamente, Orekajuvakái era um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois Orekajuvakói não queria ir junto com ela à roça. foi à roça, tirou foice ecortou com ela Orekajuvakái em dois pedaços. O pedaço da cintura paro cimaficou gente, e a outra metade também.

Antes de tirar a gente do buraco. Orckajuvakái mandaram tirar jogo, iukú. Pensaram que vai tirar jogo. Foi o tico-tico. xavokóg. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho. Konóu, e tomou o fogo dos seus donos. os Tokeóre. O konóu chegou onde estava os Orekajuvakái c foram fazendo grande fogueira Gente levantou os braços e Orekajuvakái tirou do buraco. Toda gente era nu e tinha frio e Orekajuvakái chamaram paro ficar perto do fogo. Era gente de toda raça.

Orekajuvakái sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entregar em fileira um atrás do outro. Orekajuakái chamaram lobinho, okué. pra fazer rir a gente. Lobinho fez macacado, mordeu no próprio rabo. mas não conseguiu jazer rir. Orekajuvakái chamaram sapinho, aquele vermelho, kalaláke. Este andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou ida e volta ao longo da fila três vezes. Aí a gente começou a falar e dar risada.

Orckajuvakái ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Aí separaram cada um a um lado. Eram gente de toda raça. Como o mundo era pequeno, Orekajuvakái aumentou o mundo para o pessoal caber.

Orekajuvakái deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também eensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar.” (relato oral de Antônio Lulu Kaliketé, traduzido para o português por Ladislau Hahóoti)

Ao explorar esses mitos, os alunos têm a oportunidade de se conectar com a cultura Terena de uma maneira significativa. Eles são incentivados a refletir sobre os elementos e mensagens dos mitos e a considerar como eles se relacionam com sua própria experiência. Muitas culturas indígenas, incluindo a Terena, possuem narrativas que enfatizam a conexão entre os seres humanos e a natureza, ressaltando a importância da preservação da terra e da vida em todas as suas formas. Essas histórias e mitos, transmitidos ao longo das gerações, são parte integrante do patrimônio cultural e ajudam a fortalecer a identidade e o senso de pertencimento de cada comunidade.

Materiais Necessários: Para a realização da atividade, são necessários os dois mitos presentes no livro “A História do Povo Terena”, folhas de papel opaline, pincéis, terra e água para serem usados como pigmentos naturais, e um espaço para a exposição das pinturas criadas

pelos alunos.

Procedimentos: A atividade começa com uma introdução, onde os alunos são questionados sobre seu conhecimento prévio da história do povo Terena. Em seguida, são apresentados os mitos do povo Terena a partir do livro “A História do Povo Terena”. Os alunos são então convidados a escolher um ou mais elementos dos mitos para reproduzir em uma imagem, utilizando a terra como pigmento natural. Durante o processo de criação, os alunos são incentivados a apresentar os elementos escolhidos em língua Terena. Ao final, cada aluno apresenta sua obra, falando sobre o elemento escolhido e estimulando comentários e reflexões por parte dos colegas. A atividade é encerrada com uma discussão sobre as experiências e aprendizados durante a atividade.

Avaliação: A avaliação é feita com base na participação ativa dos alunos na discussão inicial, na criatividade e qualidade das pinturas e na capacidade dos alunos apresentarem os elementos nas duas línguas.

Observações: É importante garantir que todos os materiais estejam disponíveis e em quantidade suficiente. Além disso, é fundamental estimular um ambiente de respeito e valorização das diferentes expressões culturais. As pinturas e reflexões dos alunos devem ser documentadas para possível exposição.

IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE AULA

Durante a aula da disciplina de História, implementamos o plano de aula intitulado "A História do Povo Terena a Partir dos Mitos" na própria sala de aula, proporcionando um ambiente onde os alunos se sentiram à vontade para expressar livremente suas ideias e sentimentos. Para enriquecer a experiência educacional, decidimos documentar o desenvolvimento das atividades por meio de registros fotográficos realizados em cada etapa do plano. Essas imagens foram organizadas e integradas a este material didático, constituindo um acervo visual que complementa as reflexões e aprendizados construídos durante as discussões sobre a história do povo Terena a partir dos mitos.

Essa abordagem tem como objetivo não apenas evidenciar a participação ativa dos estudantes, mas também criar um registro visual que pode servir como recurso pedagógico adicional para análises e reflexões futuras.

Na primeira etapa, a artista plástica e geógrafa Eliane Cristina de Sá - LLK - foi apresentada como uma contribuição significativa para a aula pelo professor e também pela

coordenadora da escola. Ela falou um pouco sobre suas experiências como artista e como uma entusiasta da cultura Terena.



Após apresentar-se, Eliane Cristina de Sá - LLK - questionou os alunos sobre se eles conheciam os mitos do povo Terena, sua história ou seu surgimento. Ela explicou que os mitos são narrativas que expressam a visão de mundo, os valores e as crenças de um povo, e que na aula seriam apresentados dois mitos relacionados ao surgimento do povo Terena.



Na segunda etapa do plano de aula, realizou-se a apresentação dos mitos que abordam a origem do povo Terena, extraídos do livro "A História do Povo Terena", escrito por Circe Bittencourt e Maria Elisa Ladeira, com a narração conduzida pela própria Eliane. Durante esse

momento, a narradora destacou elementos fundamentais da cultura Terena presentes nas narrativas míticas, enriquecendo a experiência dos alunos. Simultaneamente, a narradora ilustrou visualmente esses elementos, expondo pinturas feitas por ela mesma com terra no quadro, proporcionando uma abordagem visual e artística que complementou a narrativa de forma única.



Os alunos, por sua vez, demonstraram grande interesse e atenção durante a apresentação das histórias. Pareciam fascinados pelos mitos e evidenciaram um profundo respeito pela riqueza cultural do povo Terena. O uso das pinturas no quadro não apenas enriqueceu a compreensão visual, mas também contribuiu para criar uma atmosfera de aprendizado envolvente, onde a interação entre as narrativas, as representações visuais e a atenção dos alunos convergiam para promover uma compreensão mais respeitosa da cultura Terena.



Na terceira etapa, foi proposta uma atividade artística aos alunos, que consistia em escolher um ou mais elementos dos mitos para reproduzir em uma imagem. Para isso, foram fornecidas folhas de papel opaline, pincéis e os pigmentos naturais (terra e água), que são usados pelos para fazer pinturas corporais e em objetos. Foi incentivado que todos elementos fossem apresentados em língua Terena e Portuguesa.



Na quarta etapa, os alunos criaram suas pinturas, utilizando a língua Terena para identificar os elementos escolhidos por eles. Ao final, cada aluno apresentou sua obra, falando sobre o elemento escolhido e sua relação com o mito. Os comentários e reflexões dos colegas foram respeitosos e construtivos, contribuindo para um ambiente de aprendizado colaborativo.



Na quinta e última etapa, foi feito um encerramento e uma discussão sobre as experiências e aprendizados durante a atividade. Muitos alunos expressaram um maior apreço pela cultura Terena e um desejo de aprender mais. Foi reforçada a importância da valorização da cultura Terena, bem como o reconhecimento de sua contribuição para a história e a identidade brasileira.



A avaliação mostrou que os alunos participaram ativamente da prática pedagógica, criaram pinturas criativas e de qualidade, e foram capazes de expressar as suas percepções. Em geral, a implementação do plano de aula foi uma experiência significativa que contribuiu para a valorização da cultura e língua Terena no ambiente escolar.



ANÁLISE E REFLEXÃO

Entramos agora na fase de análise e reflexão sobre a implementação do plano de aula, concentrando nossa atenção em algumas das produções dos alunos. Essa escolha objetiva evitar sobrecarregar o material, priorizando exemplificações que evidenciem a capacidade expressiva dos estudantes por meio das pinturas. Ao examinarmos essas obras selecionadas, buscamos compreender não apenas a assimilação do conhecimento, mas também a profundidade das interpretações individuais que emergiram das experiências compartilhadas em sala de aula.

A análise dessas produções artísticas nos conduzirá a explorar a diversidade de expressões visuais, revelando como os alunos deram forma aos conceitos mitológicos e culturais abordados durante o plano de aula. Observaremos como elementos-chave da narrativa Terena foram traduzidos artisticamente, proporcionando uma compreensão sobre as percepções individuais dos estudantes em relação à mitologia e à identidade cultural. Essa abordagem visa destacar a diversidade de interpretações e a riqueza das respostas visuais dos alunos, evidenciando a eficácia da abordagem interdisciplinar e do envolvimento artístico como ferramentas pedagógicas significativas.

Nas imagens, é possível identificar os termos escolhidos em língua Terena para representar os elementos, promovendo, assim, o uso da língua. Este enfoque reforça a relevância da valorização linguística e do fortalecimento da identidade cultural no âmbito educacional. Observe a pintura abaixo:



A pintura do estudante apresenta pessoas dentro de um buraco, um bem-te-vi e uma estrela, revelando uma expressão artística, onde cada elemento incorporado na obra reflete uma simbologia conectada ao mito compartilhado.

Ao apresentar sua obra para a turma, o estudante relatou que a representação das pessoas dentro do buraco remete ao momento do mito em que Orekajuvakái tira a humanidade desse local. A presença do bem-te-vi na pintura alude ao papel desse pássaro na narrativa, indicando que o Bem-te-vi descobriu a existência de gente sob o brejo.

A inclusão da estrela na pintura foi associada pelo estudante como um aspecto místico do mito Terena, representando uma guia ou símbolo celestial que orienta os Orekajuvakái na missão de trazer a humanidade à superfície.

Percebe-se que o estudante não nomeou em língua Terena todos os elementos apresentados na pintura, apresentando apenas o vituká (bem-te-vi) e hekeré (estrela), deixando de apresentar úhoro (buraco), por não lembrar ou saber como identificar esse elemento na língua Terena

Observando a produção de outra estudante, podemos notar que sua pintura traz os elementos essenciais da segunda versão do mito da criação do povo Terena. Representando Orekajuvakái dividido em dois pedaços e incluindo o buraco de onde as pessoas foram retiradas. Complementando esses elementos, a estudante incorporou grafismos Terena, o que pode ser observado na imagem abaixo:



Ao apresentar a sua obra para a turma, a estudante relatou que trouxe a imagem de Orekajuvakái representando a divisão em dois pedaços, remetendo ao momento em que ele foi

cortado ao meio pela foice de sua mãe, como consequência de um desentendimento. Ela apresenta o buraco na pintura referindo-se ao local onde as pessoas foram encontradas, simbolizando a origem do povo Terena.

Ao ser questionada sobre o acréscimo de grafismo a sua pintura, a estudante disse que optou por adicionar grafismos para deixar a sua composição mais bonita e acrescentar elementos da cultura Terena. Na imagem dá para perceber que a estudante apresenta em língua Terena o elemento úhoro (buraco) e Orekajuvakái.

Observando a pintura abaixo, produzida por outro estudante, podemos notar a presença de elementos-chave da narrativa do mito: o fogo e o sapo. Há também a integração de grafismos Terena complementando a composição.



Ao apresentar sua obra para a turma, o estudante explicou suas escolhas e significados por trás dos elementos presentes na pintura. Ele disse que escolheu o elemento fogo para aludir ao papel desempenhado no mito, representando não apenas a fonte de calor e conforto para as pessoas recém-criadas, mas também simbolizando a comunicação e o início da interação entre elas.

Quanto ao elemento sapo, o estudante afirmou tê-lo selecionado para remeter ao momento da narrativa, onde o sapo é finalmente capaz de fazer as pessoas rirem e se comunicarem, desempenhando um papel fundamental na socialização do grupo. Além disso, o estudante explicou que incorporou os grafismos Terena apenas para complementar a obra. Podemos notar que o estudante identifica esses elementos em língua Terena – luku (fogo) e hovôvo (sapo), atendendo a proposta da aula.

A última pintura analisada apresenta como elemento central o mundo. A estudante retrata em sua obra dois homens com suas cabeças representadas por mundos, um menor e outro maior. Além disso, o fundo da pintura é elaborado, pintado. Ela também incorpora grafismos Terena, enriquecendo a sua composição com elementos culturais autênticos, como podemos observar na imagem abaixo:



Ao apresentar sua pintura para a turma, a estudante explicou a escolha do elemento mundo como ponto central da pintura, destacando sua importância na cosmologia do povo Terena. Ela explicou que optou por representar os Orekajuvakái, os criadores do mundo, divididos em dois: um homem pequeno e outro grande, cada um com sua cabeça simbolicamente representada por um mundo, sugerindo a criação de dois mundos, um material e outro espiritual, após o desmembramento do ser original.

Ao pintar o fundo com terra e acrescentar grafismo terena, a estudante enfatizou que a ideia surgiu para conectar os elementos culturais a sua obra. A estudante contempla a proposta da aula, em relação ao uso da língua Terena, ao apresentar o elemento escolhido mêum (mundo).

Além das produções analisadas neste material, vale destacar a diversidade de elementos escolhidos pelos estudantes em suas representações artísticas. Entre esses, encontram-se elementos como flechas, vasos de cerâmica, vacas e estrelas, cada um carregando consigo significados únicos e conexões com a rica mitologia e cultura Terena. Essa variedade de escolhas demonstra a amplitude das interpretações individuais dos alunos em relação ao plano de aula, evidenciando a riqueza e a complexidade da mitologia Terena que permeia diferentes aspectos de suas vidas. Essa pluralidade de elementos também destaca a eficácia do processo

pedagógico ao envolver os estudantes na exploração e expressão de sua própria compreensão dos mitos e da identidade cultural, enriquecendo assim o ambiente educacional com uma ampla gama de interpretações artísticas.

A participação ativa dos alunos durante a discussão inicial e a criação das pinturas indicou um alto nível de engajamento com a atividade. Isso sugere que a atividade foi eficaz em captar o interesse dos alunos e incentivá-los a pensar profundamente sobre a cultura Terena.

A qualidade das pinturas criadas pelos alunos foi impressionante. As pinturas não apenas demonstraram criatividade e habilidade artística, mas também refletiram uma compreensão profunda dos mitos discutidos. Isso sugere que a atividade foi bem-sucedida em estimular a expressão artística dos alunos e em conectar essa expressão com a cultura Terena.

A capacidade dos alunos que identificaram os elementos escolhidos em Terena durante a atividade foi um aspecto particularmente encorajador. Isso indica que a atividade foi eficaz em promover o uso e a valorização da língua Terena no ambiente escolar.

No entanto, também houve desafios. Por exemplo, alguns alunos não conseguiram apresentar os elementos em língua Terena. outros hesitaram em pronunciar em Terena. Isso sugere a necessidade de estratégias adicionais para encorajar o uso da língua Terena e para criar um ambiente onde os alunos se sintam confortáveis para fazê-lo.

Além de ser uma experiência enriquecedora para os estudantes indígenas, é importante destacar que a implementação do plano de aula também foi significativa para os estudantes não indígenas. Ao participarem das atividades relacionadas ao mito da criação do povo Terena, esses alunos tiveram a oportunidade de expandir seus horizontes culturais, desenvolver empatia e compreensão em relação à cultura indígena e reconhecer a importância da diversidade cultural em nossa sociedade.

Através dessa experiência, os estudantes não indígenas puderam aprender sobre a história, tradições e valores do povo Terena, contribuindo para a promoção do respeito mútuo, da tolerância e da valorização da diversidade cultural. Essa troca intercultural não apenas enriqueceu o ambiente educacional da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, mas também preparou os alunos para serem cidadãos mais conscientes e inclusivos em um mundo cada vez mais diversificado.

Em geral, a implementação do plano de aula foi uma experiência positiva que contribuiu para a valorização da cultura e língua Terena. É importante ressaltar que essa atividade é apenas uma entre muitas práticas pedagógicas que ocorrem na escola.

Essa diversidade de abordagens educacionais demonstra o comprometimento contínuo da escola em proporcionar experiências significativas que promovam o orgulho cultural e

a autoafirmação dos estudantes Terena. Mesmo diante das adversidades, como a localização no meio urbano, a escola se destaca como um espaço de luta e resistência, onde a cultura indígena é valorizada e promovida ativamente.

MELHORIAS E RECOMENDAÇÕES FUTURAS

Com base na implementação e análise do plano de aula “A História do Povo Terena a Partir dos Mitos”, identificamos várias áreas para melhoria e desenvolvimento futuro.

Uma área para melhoria é a promoção da autonomia dos estudantes. Embora a atividade tenha sido bem-sucedida em engajar os alunos, acreditamos que eles poderiam se beneficiar de mais oportunidades para tomar decisões independentes durante a atividade. Por exemplo, os alunos poderiam ser encorajados a pesquisar e escolher seus próprios mitos para explorar, ou acriar suas próprias formas de expressão artística.

Outra área para desenvolvimento seria incrementar o uso de tecnologias no plano de aula, sabendo que elas podem ser uma ferramenta poderosa para aprimorar o aprendizado e a expressão cultural. Por exemplo, os alunos poderiam usar softwares de design gráfico para criar representações digitais dos mitos, ou plataformas de mídia social para compartilhar e discutir suas criações. Além disso, as tecnologias podem ser usadas para conectar os alunos com comunidades Terena fora da escola, permitindo-lhes aprender diretamente de outros membros da comunidade.

Além disso, vemos um grande potencial para o desenvolvimento de outras atividades baseadas nos mitos do povo Terena. Por exemplo, os alunos poderiam ser convidados a escrever suas próprias histórias baseadas nos mitos, ou a criar peças de teatro ou danças que representem os mitos. Essas atividades não apenas proporcionariam aos alunos novas maneiras de se engajar com a cultura Terena, mas também ajudariam a desenvolver uma variedade de habilidades, como escrita criativa, atuação e dança.

Acreditamos que há muitas oportunidades para melhorar e expandir este produto educacional. Estamos ansiosos para ver como ele continuará a evoluir e a contribuir para a valorização da cultura e língua Terena.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. 2000. A História do Povo Terena. Brasília: Ministério da Educação / Universidade de São Paulo.

ANEXOS

Plano de Aula: A História do Povo Terena a Partir dos Mitos

Escola Estadual Indígena Guilhermina da
Silva Nível de Ensino: 1º e 2º ano do Ensino
Médio Duração: 2 horas/aula

Objetivo Geral:

Explorar os mitos do povo Terena como uma forma de compreender sua história, valores e identidade cultural, promovendo o respeito à diversidade e a valorização das tradições indígenas.

Materiais Necessários:

- Livro "A História do Povo Terena"
- Folhas de papel opaline
- Pincéis
- Terra e água para pigmentos naturais
- Espaço para exposição das pinturas.

Procedimentos:

1. Introdução (10 minutos):

- Apresentação do tema e dos objetivos da aula.
- Discussão sobre o conhecimento prévio dos alunos acerca da história do povo Terena.

2. Apresentação dos Mitos (10 minutos):

- Leitura e exploração dos dois mitos do povo Terena presentes no livro "A História do Povo Terena".
- Destaque para elementos culturais, valores e crenças presentes nos mitos.

3. Atividade Artística (30 minutos):

- Explicação da atividade: os alunos devem escolher um ou mais elementos dos mitos para reproduzir em uma pintura.
- Distribuição dos materiais e início da atividade.
- Incentivo ao uso da língua Terena para identificar os elementos escolhidos.

4. Apresentação das Pinturas (30 minutos):

- Cada aluno apresenta sua obra, explicando o elemento escolhido e sua relação com o mito.
- Estímulo aos comentários e reflexões por parte dos colegas.

5. Encerramento e Discussão (20 minutos):

- Conclusão da atividade com uma discussão sobre as experiências e aprendizados durante a aula.
- Reflexão sobre a importância da valorização da cultura Terena e sua contribuição para a identidade brasileira.

Avaliação:

A avaliação será realizada com base na participação ativa dos alunos, na criatividade e qualidade das pinturas e na capacidade dos alunos em expressarem seus aprendizados e reflexões durante a apresentação das obras.

Observações:

- Garantir que todos os materiais estejam disponíveis e em quantidade suficiente.
- Estimular um ambiente de respeito e valorização das diferentes expressões culturais.
- Documentar as pinturas e reflexões dos alunos para possível exposição e registro das atividades.